Temas de vida
espiritual e monástica

JOÃO CASSIANO

CONFERÊNCIAS 1 a 7

Volume I

Espiritualidade Monástica

As obras de Cassiano vêm despertando um crescente interesse em nossa época. Considerado como mestre por excelência dos caminhos ascéticos e místicos, oferece em sua doutrina tão antiga e sempre nova um manancial que jorra para a vida eterna.

Nascido por volta de 360, na atual Romênia, João Cassiano recebe de sua família formação clássica e cristã. Atraído pelo ideal monástico, jovem ainda, com seu amigo Germano dirige-se à Palestina e ingressa na vida cenobítica em um dos mosteiros de Belém. A fama dos monges do Egito o levou, dois anos mais tarde, a empreender nova viagem em companhia de Germano.

No Egito (380-400), Cassiano e Germano visitam cenobitas e anacovetas. Suas conversas com um determinado "ancião" respondendo às questões do próprio Cassiano e Germano são colocadas por escrito, em forma de diálogo e denominadas

Conferências.

As obras de Cassiano, escritas em latim fluente, contribuíram grandemente para a propagação do monaquismo cristão no Ocidente. Os grande fundadores, São Bento, São Domingos, São Bernardo, Santa Teresa de Ávila inspiraram-se em seus escritos e recomendaram sua leitura.

O ensinamento recebido dos Pais do Deserto, a doutrina espiritual dos ascetas alexandrinos particularmente de Evágrio, os escritos de São João Crisóstomo, São Basílio e São Jerônimo entre outros, foram repensados e sistematizados por Cassiano, enriquecidos com sua própria reflexão e experiência.

O êxito que obtiveram suas obras monásticas através dos séculos se explica sem dúvida pela grande unidade e riqueza de sua doutrina como também pelo entusiasmo e estilo com que as transmite.

EDIÇÕES
SUBIACO

"Os que viajam sem rumo
só conseguem o cansaço da jornada,
e jamais o avanço em sua caminhada."

Abade Moisés

Como viver a busca de Deus?
É possível alcançar a oração contínua,
a pureza do coração?
As Conferências de João Cassiano trazem até
nós a experiência dos Pais do Deserto;
eles indicam o rumo certo para a realização
da vocação de todo ser humano:
a comunhão com Deus.

EDIÇÕES SUBIACO
Ora & Labora
publicacoesmonasticas@yahoo.com.br

ISBN 85-86793-17-5
9 788586 793172

João Cassiano

CONFERÊNCIAS

I - VII

Volume 1

Tradução
Aída Batista do Val

Edições Subiaco
Juiz de Fora - MG
- 2011 -

Conferências I - VII - João Cassiano - Volume I
ISBN 85-86793-17-5
Tradução do latim (SC 42): Aída Batista do Val

1ª Edição 2003 - Mosteiro da Santa Cruz
1ª Reimpressão © 2011 by Edições Subiaco - Mosteiro da Santa Cruz - Rua Professor Coelho e Souza, 95 - 36016-110 - Juiz de Fora - MG
Fone: (32) - 3216-2814 - Fax: (32) - 3215-8738
e-mail: publicacoesmonasticas@yahoo.com.br

Volume 1: Conferências I-VII - 2003
Volume 2: Conferências VIII- XV - 2006
Volume 3: Conferências XVI - XXIV - 2008

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios *sem permissão escrita de Edições Subiaco.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C 345 Cassiano, João, ca 360 - ca 435.

Conferências 1 a 7 / João Cassiano; [tradução do latim por Aída Batista do Val]. - Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2011. 3V.

268p. 21cm.

Inclui índice e mapa.

ISBN 85-86793-17-5

1. Vida monástica e religiosa. I. Val, Aída Batista do. II. Título.

CDD 248.4

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 7

MAPAS: - O Egito no tempo de Cassiano, 13
- Vida de Cassiano, 14

CONFERÊNCIAS:

– Prefácio de João Cassiano, 15

– I Primeira Conferência do Abade Moisés, 19
Do escopo e do fim do monge

– II Segunda Conferência do Abade Moisés, 57
Da discrição

– III Conferência do Abade Pafnúcio, 90
As três renúncias

– IV Conferência do Abade Daniel, 123
Os desejos da carne e os do espírito

– V Conferência do Abade Sarapião, 149
Os oito vícios principais

– VI Conferência do Abade Teodoro, 182
A morte dos santos

– VII Primeira Conferência do Abade Sereno, 211
A mobilidade da alma e dos espíritos malignos

ÍNDICE DAS CONFERÊNCIAS, 253

INTRODUÇÃO

A obra de João Cassiano desempenhou um papel decisivo no desenvolvimento da espiritualidade ocidental.

Nascido por volta de 360 na Scythia Menor – atual Romênia –, João Cassiano recebe de sua família uma boa formação clássica e cristã. Nessa província romana oriental fala-se o latim mas Cassiano domina perfeitamente o grego. Atraído pelo ideal monástico, jovem ainda, com seu amigo Germano dirige-se à Palestina e ingressa na vida cenobítica em um dos mosteiros de Belém (378-380).

A fama dos monges do Egito o levou, dois anos mais tarde, a empreender nova viagem em companhia de Germano, com a permissão para realizá-la e a promessa de retorno ao cenóbio.

No Egito (380-400), Cassiano e Germano visitam cenobitas e anacoretas: inicialmente o deserto de Panefisi, em seguida Diolcos, regresso a Panefisi até que em Cétia, colocam-se sob a direção espiritual do abade Pafnúcio. A colônia monástica de Cétia (a 105 km de Alexandria) não era de fácil acesso aos viajantes sendo denominada "grande deserto", tal o seu isolamento. Talvez tenha sido essa uma das razões pelas quais os ascetas que aí habitaram destacaram-se pela santidade, discernimento espi-

ritual e sabedoria.

Cassiano conhece ainda os centros monásticos de Nítria e das Célias, onde tem contato com o grupo de monges seguidores de Orígenes especialmente Evágrio Pôntico, que tanto marcou suas obras.

Após uns sete anos de permanência em Cétia, Cassiano e Germano voltam, por um breve tempo, ao mosteiro de Belém. Em 387 estão novamente no Egito, onde teriam permanecido com certeza, não fosse a atitude do arcebispo de Alexandria, Teófilo, contra o grupo de monges "origenistas". Muitos dos discípulos de Evágrio buscam refúgio em Constantinopla, inclusive Cassiano, sendo acolhidos pelo bispo João Crisóstomo.

Abandonar a Cétia (400) deve ter sido um grande sofrimento para Cassiano, no entanto, ele é muito discreto a esse respeito. Logo entre S. João Crisóstomo, Germano e Cassiano se estabelece uma profunda compreensão. Em 404 Cassiano é ordenado diácono por S. João Crisóstomo e dedica-se à Igreja de Constantinopla. Todavia, em junho desse mesmo ano, desencadeia-se uma terrível perseguição contra João Crisóstomo, que culminará com sua expulsão da diocese. Cassiano e Germano são encarregados pelo clero de entregar ao Papa Inocêncio I uma carta tornado-o ciente dessa situação.

Não se sabe quanto tempo Cassiano permanece em Roma. Os estudiosos divergem em relação a essa etapa de sua vida. Já ordenado sacerdote, entra em contato com o futuro Papa Leão Magno e tem a oportunidade de enriquecer sua grande experiência de vida contemplativa adquirida no Oriente. Provavel-

mente é por volta de 404 que em Roma morre Germano.

Alguns anos mais tarde (415-417?) João Cassiano chega a Provença, estabelecendo-se em Marselha, no sul da Gália; funda os mosteiros de São Vítor, masculino, e o de São Salvador, feminino. Bem amadurecido, a par das necessidades e dificuldades da Igreja no início do século V, Cassiano está apto a organizar na Gália um tipo de vida monástica profundamente diferente daquele que lá estava sendo praticado e a determinar com clareza os fins do movimento ascético e de sua espiritualidade.

Com sua ampla experiência monástica, Cassiano empreende uma integração entre os elementos essenciais do anacoretismo com o estilo de vida cenobítico do Ocidente.

Considerado por seus contemporâneos, ao lado de Santo Agostinho, como um dos grandes luminares do Ocidente, João Cassiano morre em Marselha (434-435?), no mosteiro de S. Vítor. Venerado como santo, sua festa é celebrada no dia 23 de julho e no Oriente, em 28 (ou 29) de fevereiro.

As obras de Cassiano, escritas em latim fluente, contribuíram grandemente para a propagação do monaquismo cristão no Ociente. Os grandes fundadores, S. Bento, S. Domingos, S. Bernardo, Sta. Teresa de Ávila inspiraram-se em seus escritos e recomendaram sua leitura. O ensinamento recebido dos Pais do deserto, a doutrina espiritual dos ascetas alexandrinos particularmente de Evágrio, os escritos de S. João Crisóstomo, S. Basílio e S. Jerônimo entre outros, foram repensados e sistematizados por Cassiano, enriquecidos com sua própria reflexão e experiência. As controvérsias origenistas levam Cassiano a não citar Evágrio,

substituindo cuidadosamente toda expressão que poderia evocar o vocabulário evagriano por outras, geralmente com matizes bíblicos. O êxito que obtiveram suas obras monásticas através dos séculos se explica sem dúvida pela grande unidade e riqueza de sua doutrina como também pelo entusiasmo e estilo com que as transmite.

Por volta de 420-424, a pedido do bispo Castor, da diocese de Apt e fundador do mosteiro de Menerbes, João Cassiano escreve as Instituições Cenobíticas e os Remédios contra os oito vícios principais (*De institutis cœnobiorum et de octo principalium vitiorum remediis*). A primeira parte (livros I-IV) trata de instituições monásticas e litúrgicas e de um modo geral do "homem exterior" concluindo com o magnífico sermão do abade Pafnúcio. Nas palavras desse Pai do deserto encontra-se a espiritualidade monástica que Cassiano deseja instaurar na Gália. Na segunda parte, os livros V-XII apresentam os remédios e as características dos oito vícios principais contra os quais aquele que busca a pureza do coração sempre deverá lutar. A doutrina do "homem interior" aqui exposta é como uma introdução à sua segunda obra, as Conferências dos Pais (*Conlationes Patrum*) já planejada por Cassiano antes mesmo de concluir as Instituições.

Igualmente solicitada pelo bispo Castor, nas Conferências (± 425-426) Cassiano apresenta uma doutrina ascético-mística de grande alcance e praticamente completa. O itinerário espiritual desde a conversão até os cumes mais elevados da contemplação sobrenatural são aí enfocados em vinte e quatro conferências, utilizando o recurso literário de entrevistas concedidas a

ele e a Germano pelos Pais dos desertos egípcios.

A primeira série das Conferências (I-X) é dedicada ao irmão de Castor e bispo de Fréjus, Leôncio, e ao solitário Heládio. É um verdadeiro tratado de perfeição culminando com uma exposição sobre a oração. Qual o fim da vida monástica? Como alcançar a pureza do coração? É um árduo caminho que requer discrição, indispensável para evitar todo excesso. Os três graus da renúncia, a luta constante contra as concupiscências da carne e do espírito são alguns dos temas, até chegar à oração incessante. As Conferências XI-XVII formam a segunda série, dedicada a dois grandes monges de Lérins, Honorato e Euquério. No prefácio Cassiano manifesta seu desejo de esclarecer pontos obscuros da primeira série. A terceira série (XVII-XXIV) Cassiano dedica-a aos monges Joviniano, Minérvio, Leôncio e Teodoro. São explicitados tópicos como a finalidade da vida cenobítica e da vida eremítica, a liberdade interior, as tentações da carne entre outros.

Certamente tendo terminado a redação de suas obras espirituais Cassiano pretendia consagrar seu tempo aos mosteiros que fundara. É quando o arquidiácono Leão solicita-lhe informar o Papa Celestino a respeito de Nestório. Cassiano escreve em 430 o tratado Sobre a Encarnação do Senhor contra Nestório (*De Incarnatione Domini contra Nestorium*) composto de sete livros, procurando mostrar a posição doutrinal de Nestório e tornar conhecida aos latinos essa heresia.

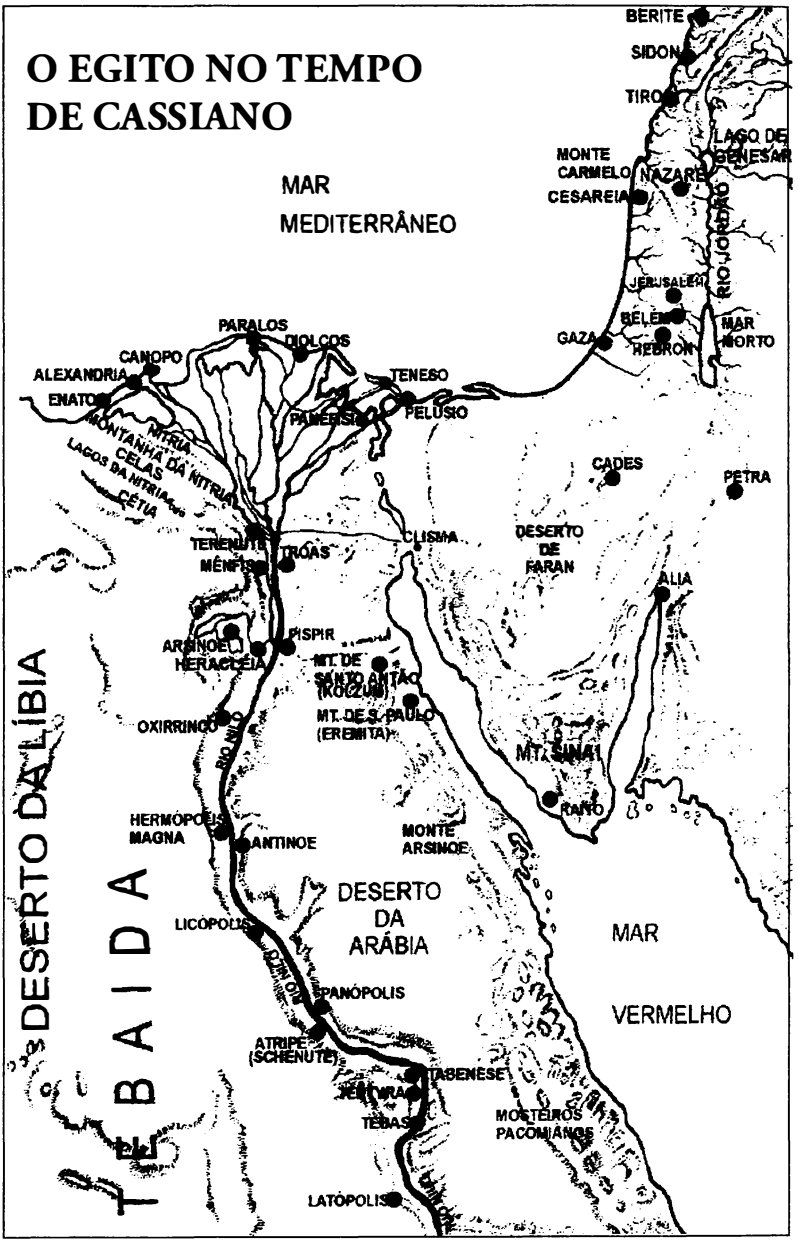
A presente tradução foi realizada a partir do texto latino (Sources Chrétiennes nº 42, Paris 1955) pela exímia tradutora sra. Aída Batista do Val, licenciada em Letras Clássicas pela An-

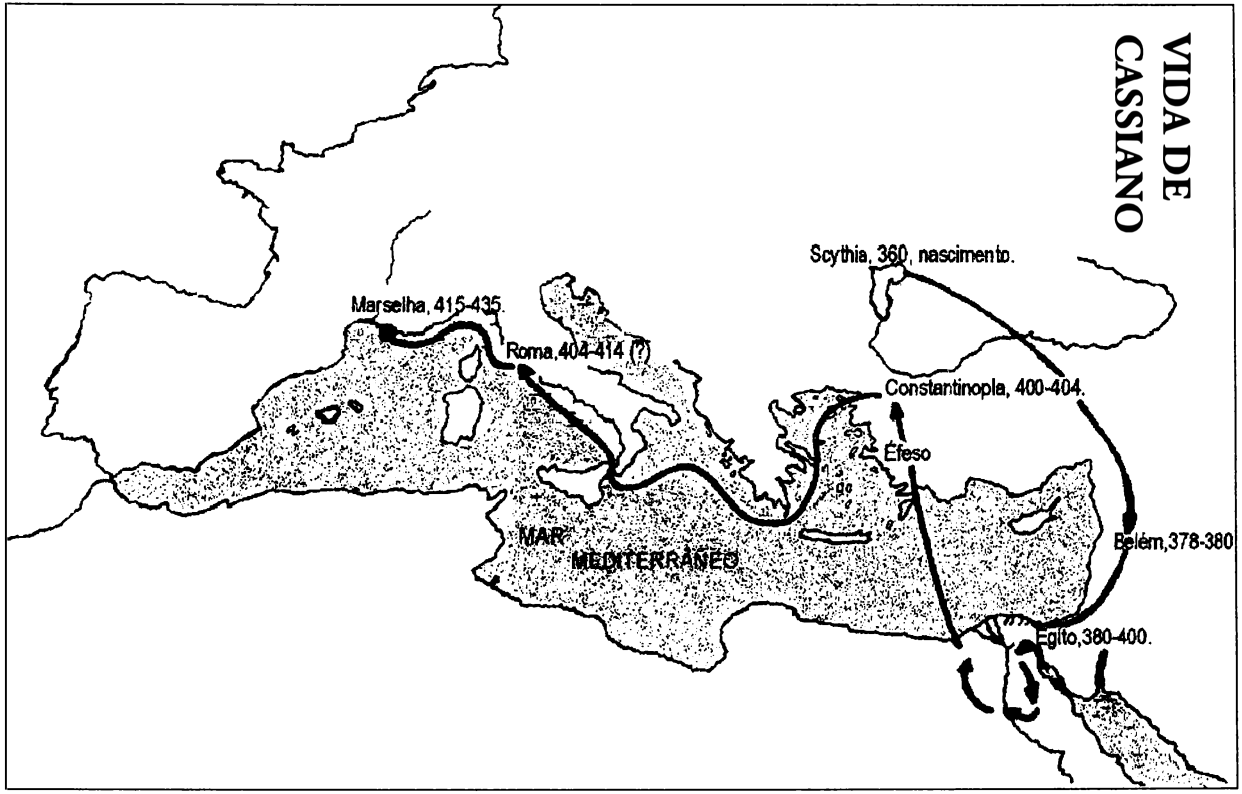
tiga Faculdade Nacional de Filosofia, atual UFRJ, – 1941. Professora assistente da Faculdade Nacional de Filosofia – Cadeira de Língua Latina – 1952-53; Professora de Latim e Português no Colégio Pedro II – 1942-1980; Professora de Latim do Colégio Sion; Professora de Latim e Português da Escola Estadual Mendes de Moraes; Professora de Latim e Português da Escola Estadual Visc. de Mauá; Professora de Latim e Português da Escola Estadual Paulo de Frontin; Professora de Latim e Português da Escola Estadual Amaro Cavalcanti; Assistente de Latim no Colégio Franco Brasileiro, seção francesa; Professora de Português da Escola Teológica da Congregação Beneditina do Brasil.

Entre outras obras traduziu:

- Pequeno Dicionário Enciclopédico Kougan Larousse – 1979, Editora Larousse do Brasil.
- Grande Enciclopédia Delta Larousse – 1970; Editora Delta S.A., RJ.
- Minha Fé, de Joaquim Nabuco (do original francês) – 1985, Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana.
- Vida de São Pacômio (do francês) – 1989; CIMBRA.

A ela o nosso profundo agradecimento.


O EGITO NO TEMPO DE CASSIANO
MAR MEDITERRÂNEO
BERITE
SIDON
TIRO
LAGO DE GENESARÉ
MONTE CARMELO
NAZARÉ
CESAREIA
RIO JORDÃO
JERUSALÉM
BELÉM
GAZA
HEBRON
MAR MORTO
PARALOS
DIOLCOS
CANOPO
ALEXANDRIA
ENATON
TENESO
PELUSIO
PANEFISIA
MITRIA
MONTANHA DA NITRIA
CELAS
LAGOS DA NITRIA
CÉTUA
CADES
PETRA
TERENUTE
MÊNFIS
TRÓAS
CLISMA
DESERTO DE FARAN
ALIA
PISPIR
ARSINOE
HERACLEIA
MT. DE SANTO ANTÃO (KOZZIM)
MT. DE S. PAULO (ERMITA)
OXIRRINCO
MT. SINAI
RAITO
HERMÓPOLIS MAGNA
ANTINOE
MONTE ARSINOE
DESERTO DA ARÁBIA
LICÓPOLIS
MAR VERMELHO
PANÓPOLIS
ATRIPE (SCHENUTE)
TABENESE
JERATRA
TEBAS
MOSTEIROS PACOMIANOS
LATÓPOLIS
DESERTO DA LÍBIA
T E B A I D A


VIDA DE CASSIANO
Scythia, 360, nascimento.
Marselha, 415-435.
Roma, 404-414 (?)
Constantinopla, 400-404.
Éfeso
MAR MEDITERRÂNEO
Belém, 378-380
Egito, 380-400.

PREFÁCIO DE JOÃO CASSIANO

A dívida que assumi com o santo bispo Castor no prefácio dos volumes em que tratei, com a ajuda do Senhor e na medida de minha modesta capacidade, das instituições cenobíticas e dos remédios para os oito vícios principais, de certo modo já se acha quitada.

Cabe-me, certamente, avaliar o julgamento que ele e vós, em vossa equidade, fizestes sobre aquela obra. Assunto tão profundo e sublime, segundo creio, jamais fora anteriormente tratado por nenhum escritor. Fico, assim, a pensar se fui capaz de produzir um trabalho digno do vosso conhecimento e do desejo de tantos santos irmãos.

O mesmo pontífice, em seu incomprazível zelo pela santidade, me pedira, então, que lhe escrevesse, no mesmo estilo, essas dez conferências dos mais eminentes, entre os Pais, isto é, dos anacoretas que moravam no deserto de Cétia. Sua imensa caridade não lhe permitia avaliar o peso que depositava em meus ombros tão frágeis.

Agora, porém, que ele nos deixou, tendo já partido para o Cristo, julgo que é a vós que devo dedicá-las, santo bispo Le-

ôncio e venerável irmão Heládio. Um de vós a ele se encontra unido pelos laços fraternais do parentesco e pela dignidade do sacerdócio e ainda, pelo que nos parece mais valioso, estar também fervorosamente empenhado num projeto de santidade. Assim sendo, a herança do irmão lhe deve caber por direito. O outro, a quem dedico, procurou imitar o sublime modo de viver dos anacoretas, não como alguns, por sua própria presunção, mas procurando tomar por inspiração do Espírito Santo, o caminho legítimo da doutrina quase antes mesmo de aprendê-la, pois preferiu formar-se de acordo com as autênticas tradições dos solitários a confiar em suas descobertas pessoais.

Agora, pois, que me encontro abrigado num porto de silêncio, vejo descortinar-se à minha frente um oceano ilimitado, se ouso transmitir à memória literária algo do sistema de vida e dos ensinamentos de tão grandes varões.

Quanto mais a vida solitária ganha em grandeza e sublimidade sobre a vida dos mosteiros cenobíticos, e a contemplação de Deus à qual aqueles homens inestimáveis estão sempre aplicados, sobre a vida ascética praticada pelas comunidades, tanto mais longínqua será também a navegação a que se lançará, com perigo, a minha frágil embarcação.

Vosso dever é ajudar com vossas piedosas preces meus esforços a fim de que tão santa matéria, exposta pela minha palavra inexperiente, embora fiel, não se desvirtue por minha culpa, ou que, minha rusticidade não seja submersa em suas profundezas.

Passemos, portanto, do aspecto exterior e visível da vida dos monges, de que tratamos nos primeiros livros, ao modo in-

visível de viver do homem interior. E que nosso discurso transcenda da recitação das horas canônicas até aquela oração ininterrupta que constitui um preceito do Apóstolo.

Se alguém já mereceu, pela leitura da obra anterior, o nome daquele Jacó espiritual, que superou os vícios carnais, agora, então, acolhendo não os meus, mas os ensinamentos dos Pais, passe, pela contemplação da pureza divina, ao mérito e até mesmo, se assim posso me exprimir, à dignidade de Israel, e seja igualmente instruído sobre tudo o que deve observar nesse cume da perfeição.

Possam, portanto, vossas orações obter-nos daquele que nos julgou dignos de ver esses grandes solitários, de tê-los como mestres e de compartilhar sua vida conservando de suas tradições uma memória perfeita e exprimindo-as de maneira acessível.

Se isso pedimos é a fim de que possamos explicar sua doutrina de maneira integral como deles recebemos, de modo que nos seja permitido mostrá-los de certo modo encarnados em seus ensinamentos e, o que é mais importante, falando-vos na língua latina.

Antes de tudo, porém, queremos prevenir o leitor destas Conferências bem como os da minha obra anterior, para que atente bem para o seguinte: se, porventura, ali encontrar algo que considere impossível de praticar ou por demais difícil, segundo a natureza de seu estado e propósito, que ele não as avalie de acordo com sua própria fragilidade, mas segundo a dignidade e a perfeição daqueles que falam. Considere, então, primordialmente, o ideal e a profissão desses varões. E como, na verdade, já

estão mortos para a vida deste mundo, não mais se acham presos a nenhum apego a parentes ou a qualquer preocupação com os interesses deste século. Em seguida, reflita sobre a natureza dos lugares em que residem: são solidões vastíssimas onde vivem separados do convívio de todos os mortais, beneficiando-se, por isso mesmo de grande iluminação sobrenatural, com a qual contemplam e dizem coisas que aos que não têm tal experiência nem tal sabedoria, parecem impossíveis de compreender em razão da mediocridade de sua condição e de seu modo de viver.

Se, contudo, alguém quiser proferir um julgamento verdadeiro sobre o que acabamos de relatar e deseja experimentar suas possibilidades, corra para abraçar, sem mais tardanças, o propósito dos solitários e seu sistema de vida.

Com igual zelo e empenho concluirá, então, que aquilo que antes lhe parecia acima das forças humanas, é não somente de possível realização, mas, até mesmo de imensa suavidade.

Já é hora, porém, de abordarmos as conferências e seus ensinamentos.

I

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE MOISÉS

Do Escopo e do Fim do Monge

1 - Os habitantes de Cétia e o propósito do abade Moisés

O deserto de Cétia foi a habitação dos mais ilustres pais do monaquismo, e também a admirável morada de toda a perfeição. Distinguia-se, porém, entre tantas magníficas flores de santidade, o abade Moisés, pelo suave perfume de sua ascese e de sua contemplação. Desejoso de ser formado em sua escola, dirigi-me ao deserto a fim de procurá-lo, em companhia do santo abade Germano.

Inseparáveis, desde o tempo de nossos primeiros embates na milícia espiritual, tínhamos ambos vivido em tão íntima comunhão, tanto no mosteiro quanto no deserto, que todos diziam – para definir nossa amizade e comum propósito – que éramos um só espírito e uma só alma em dois corpos diferentes. Juntos, com muitas lágrimas, rogamos àquele abade uma palestra que nos pudesse edificar. Conhecíamos o seu rigor e sabíamos que só consentiria em abrir a porta da perfeição aos que a desejassem

com fé ardorosa e a procurassem de coração contrito.

Pois, dever-se-ia, porventura, mostrá-la a quem não a desejasse, ou tibiamente aspirasse por ela, expondo assim tais segredos a pessoas indignas que, com fastio, acolheriam aquelas realidades necessárias, que só poderiam ser reveladas aos que têm sede de perfeição?

Ao abade isso pareceria incorrer no vício da vanglória ou mesmo no crime de traição. Finalmente, vencido por nossas súplicas, ele começou a falar.

2 - Questionamento do abade Moisés sobre o escopo e a finalidade da vida monástica

Toda arte, disse ele, e toda disciplina têm um escopo e uma finalidade específica, um "telos".[1] Quem deseja seriamente alcançar o ápice de alguma arte, deve ter sempre ante os olhos essa meta, pois, só assim suportará, de bom grado e sem revolta, todos os trabalhos, perigos e prejuízos com o coração tranquilo e feliz.

O lavrador, por exemplo, que enfrenta, ora os raios tórridos do sol, ora as geadas e as neves, rasga infatigavelmente a terra e revolve-a com o vaivém do arado, amanhando as glebas bravias, fiel ao seu intento de desbravá-las de todas as sarças e libertá-las de ervas daninhas, tornando-a, graças ao seu trabalho, tão fina e solta quanto a areia. Não é de outro modo que ele conta atingir seu objetivo, isto é, uma copiosa seara e fartas colheitas, de modo que no futuro possa viver com segurança ou aumentar seu patrimônio. É, também, com prazer, que esvazia

[1] Telos: do grego *télos*, exprime a ideia de termo, fim.

os celeiros repletos de grãos e, com trabalho ingente, semeia-os nos sulcos amolecidos, pois, a visão das futuras searas não o deixa entristecer-se pela perda atual.

O mesmo se passa com aqueles que se dedicam ao comércio. Não temem os imprevistos do mar, nem se apavoram com os perigos que se apresentam. Sobre as asas da esperança, voam ao encontro do lucro, pois é isso que constitui sua finalidade.

É, ainda, o que acontece com os que abraçam a carreira militar. Inflamados pela ambição das futuras honrarias e a esperança de alcançar o poder, tornam-se impassíveis ante os perigos e a morte durante as campanhas, não se deixando abater nem pelos sofrimentos e riscos que enfrentam, nem pelas aflições e guerras do momento, porquanto aspiram às altas dignidades da carreira, uma vez que é esse o fim que se propõem. O mesmo ocorre em relação à nossa profissão. Também nós temos um escopo e um fim específico. Para alcançá-lo, suportamos todos os trabalhos, não apenas sem cansaço, mas até com alegria. A fome, consequência dos jejuns, não nos fatiga, nem a lassidão das vigílias nos desanima. A assiduidade à leitura e à meditação das Escrituras não nos enfastiam. Nem nos deixamos assustar pelo trabalho incessante, pela nudez e privação de todas as coisas. Também não nos apavora o horror desta vastíssima solidão. Sem dúvida foi esse mesmo fim que vos levou a desprezar o afeto de vossos pais, o solo da pátria e as delícias do mundo, fazendo-vos atravessar tantas regiões para chegar até nós, homens rústicos e ignorantes, perdidos neste ermo desolador. Dizei-me, pois, qual a vossa intenção, qual o fim que vos induziram a suportar, com tão boa disposição, todas essas provações?

3 - Nossa resposta

Insistindo o abade em conhecer nossas intenções, respondemos que o motivo para suportarmos todas essas provações era o reino dos céus.

4 - Nova pergunta do abade Moisés sobre o mesmo assunto

Muito bem, disse ele, respondestes corretamente quanto ao nosso fim. Mas o que prioritariamente deveis conhecer é o nosso escopo, isto é, a nossa determinação, à qual devemos aderir sem cessar para atingirmos esse fim.

Ouvindo-nos confessar, com simplicidade, nossa ignorância a esse respeito, prosseguiu o abade: Em toda arte ou disciplina, como já disse, há um escopo primordial, a saber, um propósito da alma, uma contínua intenção da mente. Se alguém não o perseguir, com perseverança e empenho, não poderá alcançar o fim desejado. Como já expliquei, o agricultor, tendo como fim viver com segurança e largueza do provento das colheitas abundantes, se fixa em seu escopo ou determinação, purgando o seu campo de sarças e ervas inúteis. Ele está persuadido de que só conseguirá obter essa prosperidade, que é a finalidade almejada, se, de algum modo, já possuir por antecipação, em germe, em sua labuta e em sua esperança, aquilo que de fato deseja ter um dia em sua realidade.

Também o mercador jamais desiste da pretensão de adquirir mercadorias, com as quais possa ampliar seus lucros e aumentar sua fortuna. Porque, em vão teria cobiçado o lucro, se não tivesse escolhido o caminho que a ele conduz.

Os que aspiram às honras deste mundo se propõem, de acordo com a dignidade ambicionada, a escolher antecipadamente os cargos e carreiras a que se devem dedicar, para chegar, pelo legítimo caminho da esperança, ao fim desejado. Quanto a nós, já vimos que o fim último por nós almejado é o reino de Deus. Qual seja, porém, o nosso escopo é o que acuradamente devemos procurar. Pois, se não soubermos conhecê-lo com clareza, em vão nos fatigaremos em nossos esforços, porque os que viajam sem rumo só conseguem o cansaço da jornada, e jamais o avanço em sua caminhada.

A essas palavras, vendo o abade o assombro que demonstrávamos, prosseguiu: A finalidade de nossa profissão, como já mencionamos, é o reino de Deus, ou dos céus. Nosso escopo, todavia, é a pureza do coração, sem a qual é impossível alguém alcançar esse fim. Fixando, pois, o olhar nessa meta, para que nos sirva de orientação, podemos correr por um caminho reto e nitidamente traçado. Contudo, se dessa linha reta o nosso pensamento se desviar, por pouco que seja, devemos logo reconduzi-lo àquela contemplação, corrigindo nossas dispersões. Essa norma deverá merecer todo nosso empenho e servir para nós como advertência, tão logo nosso espírito se aparte, mesmo que ligeiramente, da direção proposta.

5 - Comparação com o arqueiro

Vejamos, pois, o que ocorre com os arqueiros que procuram demonstrar sua perícia perante um rei deste mundo. Esforçam-se por lançar dardos ou flechas em pequenos escudos, nos quais se acham pintados os prêmios. É óbvio para eles que, se não

visarem diretamente o alvo, não serão capazes de alcançar o fim pretendido, vale dizer, o prêmio cobiçado. Em contrapartida, o prêmio será obtido, se conseguirem atingir o alvo, isto é, o escopo proposto. Todavia, caso esse lhes seja subtraído da vista e afastado da direção certa, a ponto de o olhar não conseguir calcular tal desvio, pois lhe falta um ponto de referência, os seteiros inutilmente lançarão suas flechas ao ar, impossibilitados de discernir o motivo por que erraram, uma vez que seus olhos confusos não puderam ensinar-lhes a corrigir a direção falsa do arremesso.

Apliquemos o mesmo raciocínio à nossa profissão. Seu fim, segundo as palavras do Apóstolo, é a vida eterna: *Tendes por fruto a santidade e por fim a vida eterna* (Rm 6,22).

O nosso escopo, porém, é a pureza de coração que o ancião, com justeza, chamava de santidade, e sem a qual aquele fim não pode ser atingido. É como se dissesse em outras palavras: Tendes o vosso escopo na pureza de coração e o vosso fim na vida eterna.

Aliás, em outro lugar, referindo-se àquele escopo, o santo Apóstolo emprega esta mesma expressão de modo bem significativo: Esquecendo o que está para trás, lanço-me para frente, em direção à meta, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus (Fl 3,13-14). Em grego, o texto ainda se mostra mais claro: κατὰ σκοπὸν διώκω, traduzindo: prossigo até o fim, tendo em vista meu escopo, a saber: é seguindo essa determinação, é esquecendo o que ficou para trás, isto é, os vícios do velho homem, que me esforço por alcançar a minha finalidade – a recompensa celeste.

Por isso, urge abraçarmos com todo o empenho o que nos

pode levar à pureza do coração e evitarmos, como funesto e pernicioso, o que dela nos possa afastar. Porquanto foi para adquiri-la que tudo praticamos e tudo suportamos com paciência. Por sua causa, abandonamos nossos pais, nossa pátria, as honrarias, as riquezas, as delícias e os prazeres deste mundo. Pois, se nos propusermos sempre tal escopo, nosso agir e pensar constantes terão em mira essa conquista. Mas, se não o tivermos sempre ante os olhos, serão infrutíferos e inócuos todos os nossos esforços. Além disso, surgirão em nosso espírito pensamentos vários e divergentes, em relação uns aos outros. Pois é inevitável que a alma, não tendo meta definida para onde se voltar e onde se fixar, se entregue a devaneios, ao sabor da variedade de pensamentos que nela se insinuam, tornando-se assim o joguete de influências externas, de acordo com a primeira impressão recebida.

6 - Aqueles que, renunciando ao mundo, lutam pela perfeição, mas não se preocupam com a caridade

É o que ocorre com muitos que, após haver deixado as maiores riquezas em ouro e prata, e ainda em valiosas propriedades, sentem-se perturbados pelo apego a um canivete, um estilete, uma agulha ou uma pena de escrever. Se houvessem concentrado o olhar unicamente na pureza de coração, jamais se sentiriam atraídos por tais bagatelas, depois de se terem despojado de bens muito mais consideráveis e preciosos. Acontece, porém, que alguns guardam com tal ciúme certo manuscrito, que nem mesmo podem admitir que outra pessoa lhe lance um olhar ou o toque mesmo levemente. Assim, aquela oportunidade que lhes poderia servir para ganhar uma recompensa, ao usar de ca-

ridade e paciência, torna-se para os mesmos ocasião de impaciência e de morte. Tendo distribuído todos os seus haveres por amor a Cristo, conservam por coisas mínimas o antigo apego e, por sua causa, são até levados a se encolerizar para defendê-las. Destituídos daquela caridade de que fala o Apóstolo, tornam-se totalmente improdutivos e estéreis. O santo Apóstolo, prevendo em espírito tal situação, escreve: *Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso de nada me adiantaria* (1Cor 13,3). Daí a prova evidente de que a perfeição não se alcança de imediato, pela simples nudez e renúncia às riquezas e honrarias, se concomitantemente não praticarmos a caridade, cujos diversos aspectos foram descritos pelo Apóstolo. Ora, é nessa caridade que consiste a pureza de coração. Pois, não conhecer a inveja, o orgulho ou a ira, não agir por motivos frívolos, não buscar o próprio interesse, não se comprazer com a injustiça, não levar em conta o mal sofrido (cf. 1Cor 13,4ss), porventura não será isso oferecer a Deus sem cessar um coração perfeito e totalmente puro, conservando-o imune a qualquer perturbação?

7 - É preciso desejar a tranquilidade do coração

É, portanto, visando à pureza de coração que tudo devemos fazer e desejar. Por ela, é necessário que abracemos a solidão, suportemos os jejuns, as vigílias, os trabalhos, a nudez; que nos dediquemos à leitura e à prática das outras virtudes, tendo como intuito, exclusivamente, conservar nosso coração invulnerável a qualquer paixão, fazendo-o galgar todos esses degraus, até que atinja a perfeição da caridade. E se, impedidos por alguma legíti-

ma e indispensável ocupação, não pudermos realizar nosso programa rotineiro, não nos deixemos, por amor a tais observâncias, sucumbir à tristeza, à cólera ou à indignação, porquanto foi no intuito de reduzir tais vícios que teríamos feito o que foi omitido. Por isso, não é tão grande o lucro que nos adviria de um jejum praticado, quanto o prejuízo que sofreríamos com um movimento de ira; nem tão notável o benefício obtido por uma leitura, quanto o dano causado pelo desprezo a um irmão. Convém, portanto, condicionarmos essas práticas secundárias, como jejuns, vigílias, retiros, meditações da Escritura, a nosso escopo primordial, isto é, à pureza de coração, que outra coisa não é, senão a própria caridade. É necessário, pois, não menosprezar, por causa de tais virtudes secundárias, aquela virtude essencial, pela qual, se a mantivermos intacta e íntegra, nada nos poderá prejudicar, mesmo que, por alguma necessidade, tenhamos que negligenciar um ou outro exercício secundário. Uma observância minuciosa de nada nos adiantaria, caso nos deixássemos distanciar de nosso escopo primacial, razão de todos os nossos esforços.

Quando um artesão se empenha em obter os instrumentos necessários à sua profissão seria, porventura, tão somente pelo desejo de mantê-los ociosos e sem uso? Ora, a simples posse desse instrumental não lhe traria nenhum proveito, pois é o domínio de seu manuseio que o fará atingir a perfeição em sua arte. Por isso, jejuns, vigílias, meditações sobre a Escritura, nudez, privação completa de recursos não constituem a perfeição, mas são apenas os instrumentos para que possamos adquiri-la. Uma vez que, embora não sejam o fim daquela disciplina, são os meios através dos quais aquele poderá ser alcançado.

Seria, pois, absolutamente inútil que alguém multiplicasse tais exercícios, e neles fixasse a intenção de seu coração, como se fossem o sumo bem, deixando de aplicar todos os seus esforços naquilo que realmente constitui nosso escopo e por causa do qual exercemos todas essas práticas. Possuiríamos, assim, os instrumentos de nossa arte, mas ignoraríamos o seu fim, no qual se encontra todo o benefício. Tudo quanto possa perturbar a pureza ou a tranquilidade de nossa alma deveria ser evitado como pernicioso, mesmo que nos pareça de alguma utilidade. Essa norma irá nos permitir escapar à dispersão provocada por pensamentos extravagantes e atingir, de acordo com a direção correta, o fim desejado.

8 - Nosso principal esforço para a contemplação das coisas divinas e o exemplo de Maria e Marta

A adesão a Deus e às coisas divinas passa, então, a ser para nós a meta prioritária e o imutável desígnio de nosso coração. Tudo quanto nos possa afastar desse propósito, mesmo que nos pareça grandioso, deve ser considerado secundário ou mesmo ínfimo e certamente nocivo. Desse espírito e dessa maneira de agir o Evangelho nos apresenta uma bela figura no episódio de Maria e Marta. Narra-nos o Evangelho que Marta prestava ao Senhor um santo serviço, uma vez que se ocupava em servir o próprio Mestre e seus discípulos. Maria, porém, atenta apenas à doutrina espiritual, permanecia imóvel aos pés de Jesus, os quais cobria de beijos e ungia com o perfume de uma generosa confissão. Ora, foi a ela que o Senhor preferiu porque escolheu a melhor parte, a que não lhe poderia ser tirada. Com efeito, Marta, toda absorvida pe-

los piedosos cuidados de suas tarefas domésticas, percebe que não é capaz de cumpri-las sozinha e pede ao Senhor que intervenha junto à irmã, a fim de que essa a ajudasse, dizendo-lhe: *Senhor, a ti não importa que minha irmã me deixe assim sozinha a fazer o serviço? Dize-lhe, pois, que me ajude* (Lc 10,40). O Senhor, porém, respondeu: *Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada* (Lc 10,41-42).

Na verdade, Marta não pedia a ajuda da irmã para um trabalho desprezível, mas sim, para um louvável serviço é que convocava Maria. No entanto, que resposta ouviu do Senhor? *Tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só*. Vedes, pois, que o Senhor colocou o bem principal apenas na "theoria", vale dizer, na contemplação divina. Podemos, então, deduzir que as outras virtudes, embora as proclamemos necessárias, úteis e boas, devem ocupar um segundo plano, porque convém que as pratiquemos para a obtenção de uma única e essencial virtude. Quando o Senhor diz: *Tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só.* Ele estabelece o sumo bem não na ação, embora louvável e repleta de frutos, mas na contemplação de sua própria pessoa que é, na verdade, simples e una.

Jesus, ao proclamar que poucas coisas são necessárias para a perfeita bem-aventurança, procura mostrar esse primeiro grau da contemplação, isto é, aquela "theoria"[2] que consiste em con-

[2] Em Cassiano, *theoria* (do verbo *theorein*: ver, olhar, contemplar com os olhos, inspecionar) pode designar a contemplação como ação, visão das coisas divinas ou como uma determinada etapa da vida espiritual.

siderar o exemplo de uns poucos santos. Elevando-se dessa contemplação, aquele que ainda se encontra na estrada do progresso, chegará ao último estágio de que já se falou, a saber, a visão única de Deus com o auxílio da sua graça.

Com efeito, ultrapassando as ações e maravilhosos ministérios dos santos, ele passa a se alimentar da beleza e do conhecimento de Deus: *Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.*

Devemos considerar tais palavras com toda a atenção. Ao afirmar que Maria escolhera a melhor parte, o Senhor nada está afirmando a respeito de Marta e parece que não a está censurando. Mas, pelo próprio elogio que faz a Maria, percebe-se estar ele declarando esta superior àquela. E ao dizer: *que não lhe será tirada*, mostra que de Marta pode ser tirada a sua parte, pois um serviço material não pode permanecer sempre com o homem, ao passo que a ocupação de Maria, essa, como ele ensina, jamais poderá terminar.

9 - Pergunta-se por que não permanece com o homem a ação das virtudes

Tais palavras muito nos preocuparam. Como, perguntamos nós, então, o labor dos jejuns, a aplicação à leitura, as obras de misericórdia e de justiça, a solicitude fraterna, a hospitalidade, tudo isso será tirado e nada permanecerá com os que se dedicaram a tais práticas? No entanto, foi a esses mesmos que o Senhor prometeu o reino dos céus ao dizer: *Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede*

e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes (Mt 25,34-35), e o resto. Como enfim, poderá ser tirado o que justamente introduz no reino dos céus?

10 - O abade Moisés responde, dizendo que não há recompensa que irá desaparecer, mas, sim, o ato das virtudes que cessará

Moisés: Eu não disse que o prêmio das boas obras nos deva ser retirado, uma vez que foi o próprio Senhor que declarou: *Quem der, nem que seja um copo d'água fria a um desses pequeninos, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que não perderá sua recompensa* (Mt 10,42).

Mas, sim, que nos será tirada a ação, atualmente exigida pela necessidade corporal, pelos assaltos carnais e pelas desigualdades do mundo.

A assiduidade à leitura, as macerações do jejum para purificar o coração e castigar a carne só têm utilidade durante a vida presente, enquanto *a carne tem aspirações contrárias ao espírito* (Gl 5,17). Vemos, aliás, que não raro já nesta vida cessam tais exercícios, pois nem sempre podem ser praticados indefinidamente pelos que se encontram esgotados por um trabalho excessivo, pela velhice ou enfermidade. Ora, com maior razão ainda, cessarão no futuro, quando *este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade* (1Cor 15,53), e este corpo agora *animal* ressuscitar *espiritual* (1Cor 15,44) e a carne passar a não mais ter concupiscência contra o espírito.

É o que explica o Apóstolo com bastante clareza: *A pouco serve o exercício corporal, ao passo que a piedade* – aqui sem dúvida entendida como caridade – *é proveitosa a tudo, pois contém a*

promessa da vida presente e futura (1Tm 4,8).

Dizer que a utilidade do exercício corporal é limitada equivale, não apenas, a afirmar abertamente que tal exercício não pode ser praticado indefinidamente, como também a declarar que, por si só, não é capaz de conferir a quem o pratica a suma perfeição. De fato, o termo "limitado" tem aqui um duplo sentido: não só pode referir-se à brevidade do tempo, como também expressar a duração do exercício corporal, que não pode ser coeterno ao homem, nem nesta vida, nem na futura. Pode, ainda, significar o pequeno benefício obtido por tais exercícios, uma vez que a maceração corporal marca uma certa iniciação na vida espiritual, não gerando, porém, a caridade perfeita, a única à qual é garantida a promessa da vida atual e da vida futura. Consideramos, pois, tais obras necessárias, porquanto, sem elas, seria impossível galgar o cume da caridade.

Falastes, também, sobre as obras de caridade e de misericórdia, imprescindíveis durante a vida, enquanto reina a desigualdade das condições. Mas, nem mesmo haveria necessidade de tais obras, se não existisse tão grande número de pobres, carentes e enfermos, fruto da injustiça dos homens, vale dizer, daqueles que monopolizam para seu uso exclusivo, sem delas se servirem, todas as coisas que o Criador comum doou a todos.

Enquanto, pois, grassar no mundo tanta desigualdade, essas obras serão proveitosas àqueles que as realizarem, uma vez que terão a herança eterna como prêmio de seu bom coração e de sua benevolência fraterna.

Mas, no século futuro, reinando a igualdade, elas desaparecerão, porque haverá cessado a desigualdade que as motivou;

e todos passarão da múltipla operosidade à caridade de Deus e à contemplação das coisas divinas, em permanente pureza de coração.

Eis em que se empenham, por opção, com todas as forças, nesta vida, todos os que anseiam exclusivamente pela sabedoria de Deus e pela purificação da própria alma. Consagrando-se, enquanto ainda se encontram na condição carnal e corruptível, ao ofício em que perseverarão, mesmo depois de haver abandonado tal condição, desde já alcançam aquela promessa do Senhor, nosso Salvador, que diz: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus* (Mt 5,8).

11 - A permanência da caridade

Por que vos admirais da transitoriedade daqueles serviços, quando o próprio santo Apóstolo descreve como passageiros os sublimes carismas do Espírito Santo, indicando-nos a caridade como única virtude que deverá permanecer eternamente? *A caridade jamais passará. Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão. Quanto à ciência, também desaparecerá* (1Cor 13,8). Mas a caridade, essa *jamais desaparecerá* (id.). Com efeito, os dons só nos são dados em virtude da necessidade temporária que temos deles; consumada, porém, a presente economia, tendem a desaparecer. Todavia, a caridade jamais cessará. Pois não é apenas neste mundo que ela opera em nós de modo benéfico, mas também no mundo que há de vir. Deposto o fardo das necessidades corporais, a caridade permanecerá, ainda mais eficaz e atuante, imune para sempre a qualquer desgaste, eternamente incorruptível para aderir a Deus com uma chama mais viva e mais penetrante.

12 - Pergunta sobre a perseverança da "theoria" espiritual ou contemplação

Germano: Quem pode permanecer, na fragilidade da carne, tão entregue à contemplação, que nunca tenha o pensamento desviado para algum acontecimento, como a chegada de um irmão, a visita a um doente, os trabalhos manuais ou a hospitalidade que deve ser oferecida aos peregrinos e visitantes do mosteiro? Afinal, quem não se sentiria solicitado a prover as necessidades e cuidados exigidos pelo corpo? Muito desejaria aprender como e em que medida poderia a mente manter-se unida a esse Deus invisível e incompreensível.

13 - Resposta sobre a orientação do coração para Deus, e sobre o reino de Deus e do demônio

Moisés: Aderir a Deus incessantemente e permanecer-lhe unido pela contemplação, como dizeis, é impossível ao homem ainda revestido de sua fragilidade corporal. É necessário, porém, saber onde fixar a intenção de nossa mente, e conhecer a meta para a qual urge reconduzir constantemente o olhar de nossa alma. Se a mente tiver conseguido, alegre-se. Caso se deixe distrair, deplore e suspire e compreenda que abandonou o bem supremo, todas as vezes que se surpreender distante daquele escopo. Deve, pois, considerar uma prostituição todo afastamento, ainda que momentâneo, da contemplação de Cristo. Portanto, se nosso olhar se desviar por pouco que seja desse objetivo, voltemos para ele quanto antes o olhar de nosso coração e o apliquemos diretamente naquela contemplação. Tudo isso

se passa no âmago de nossa alma, depois que o diabo dela já foi expulso, e os vícios que ocasionou não mais reinam ali. Como consequência estabelece-se em nós o Reino de Deus. Como diz o evangelista: *A vinda do Reino de Deus não é perceptível. Não se poderá dizer: "Ei-lo aqui! Ei-lo ali!" pois o Reino de Deus está no meio de vós* (Lc 17,20-21).

Ora, dentro de nós outra coisa não pode existir senão o conhecimento ou a ignorância da verdade; o amor aos vícios ou à virtude, pelos quais preparamos em nossos corações um reino para Cristo ou para o diabo. Por sua vez, o Apóstolo assim descreve a natureza de tal reino: *O Reino de Deus não consiste em comida e bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo* (Rm 14,17).

Se, portanto, o Reino de Deus está dentro de nós, e se o mesmo consiste na justiça, na paz e na alegria, quem vive na prática dessas virtudes, sem dúvida, vive no Reino de Deus. Em contrapartida, quem vive na injustiça, na discórdia e na tristeza, que produz a morte, mora no reino do diabo, isto é, no inferno e na morte, pois é por tais indícios que se pode distinguir o Reino de Deus do reino do diabo.

Com efeito, se elevarmos o olhar da nossa mente e considerarmos o estado em que vivem as potências celestes, concluiremos que, na realidade, vivem no Reino de Deus. Ora, que pensar desse estado, senão que, de fato, seja esse o reino da perpétua e incessante alegria?

Entretanto, para que saibais com certeza que minhas palavras são verdadeiras, não por minha conjetura pessoal, mas pela autoridade do próprio Senhor, escutai-o descrever luminosamente a natureza e o estado daquele mundo que há de vir. *Com efei-*

to, vou criar novos céus e nova terra; as coisas de outrora não serão lembradas, nem tornarão ao coração. Alegrai-vos, pois, e regozijai-vos para sempre com aquilo que estou para criar (Is 65,17-18). E ainda: *Ali se encontrarão o gozo e a alegria, cânticos de ações de graças e som de música; e isso será de lua nova em lua nova, e de sábado a sábado* (Is 51,3; 66,23). E mais: *A alegria e a exultação eles terão, a dor e o gemido fugirão* (Is 35,10). Se desejais, pois, conhecer com clareza ainda maior em que consistem a vida e a cidade dos santos, atentai para o que diz a voz do Senhor, dirigindo-se a Jerusalém: *Eu te darei por visita a paz e como autoridade a justiça. Não se ouvirá mais falar em iniquidade em tua terra, nem de devastações e de ruínas em tuas fronteiras. Aos teus muros chamarás "Salvação" e às tuas portas "Louvor". Não terás mais o sol como luz do dia, nem o clarão da lua te iluminará, porque o próprio Senhor será a tua luz para sempre, e os dias de teu luto cessarão* (Is 60,17-20). Por isso, o santo Apóstolo não generaliza, nem simplifica sua declaração, dizendo que qualquer alegria se identifica com o Reino de Deus, mas especifica e afirma com precisão que a alegria do Reino só se encontra no Espírito Santo (cf. Rm 14,17). Pois ele sabe que existe uma outra alegria censurável, da qual se diz: *Este mundo se alegrará* (Jo 16,20). E mais: *Ai de vós que rides porque chorareis* (Lc 6,25).

Consideremos, ainda, que para nós o Reino dos céus pode ter três acepções: a primeira significaria o reinado dos santos sobre os outros homens que a eles estariam sujeitos, de acordo com a seguinte palavra: *Tu governarás cinco cidades, e tu governarás dez* (Lc 19,19 e 17); e mais esta outra dirigida aos discípulos: *Assentar-vos-eis sobre doze tronos e julgareis as doze tribos de Israel* (Mt 19,28); a segunda teria o sentido de que os próprios céus se

tornariam o Reino de Cristo, quando tudo lhe for submetido, e Deus começar a *ser tudo em todos* (1Cor 15,28). Por fim, podemos aceitar ainda uma terceira acepção, isto é, o lugar em que os santos reinarão com o Senhor.

14 - A imortalidade da alma

Por esse motivo, saiba cada um, desde agora, enquanto se acha neste corpo, que lhe será destinado o lugar e o ministério em que, na vida presente, se mostrou um membro devotado. E não duvide também que, no século futuro, terá a mesma sorte daquele a quem serviu e por cuja companhia já se decidiu. É a sentença do Senhor que diz: *Se alguém quer servir-me, siga-me; e onde estou eu, aí também estará o meu servo* (Jo 12,26). Assim como alguém, pela convivência com o vício, acolhe o reino do diabo, assim também, possuirá o Reino de Deus pela prática das virtudes, pela pureza do coração e pela ciência espiritual. Mas, onde está o Reino de Deus, aí também está, verdadeiramente, a vida eterna. Do mesmo modo, onde se encontra o reino do diabo, com toda a certeza, ali também estão a morte e o inferno. E, quem ali permanece, jamais terá a possibilidade de louvar o Senhor, de acordo com as palavras do profeta: *Os mortos não vos louvarão, Senhor, nem todos os que descem para o inferno* (sem dúvida para o inferno do pecado), *mas nós que vivemos* (não para o vício, nem para este mundo, mas para Deus), *bendizemos o Senhor, desde agora e para sempre* (Sl 113,17-18). *Porque não há na morte ninguém que se lembre de Deus; no inferno* (do pecado), *quem louvará o Senhor?* (Sl 6,6). O que significa: ninguém. De fato, ninguém, embora milhares de vezes se tenha professado cristão ou monge, louva o Senhor quando peca.

Porquanto ninguém se lembra de Deus quando comete o que é abominável aos olhos do Senhor nem, de verdade, se declara servo daquele, cujos mandamentos despreza, com obstinada temeridade. É dessa morte que está morta a viúva que vive nas delícias, como afirma o santo Apóstolo: *A viúva que vive nas delícias, embora ainda viva, já está morta* (1Tm 5,6). Existem muitos que, embora estejam vivos corporalmente, todavia, já estão mortos e jazem no inferno sem poder louvar a Deus. Em contrapartida, porém, existem os que, mortos no corpo, louvam o Senhor pelo espírito, segundo a palavra: *Bendizei ao Senhor, espíritos e almas dos justos* (Dn 3,86). E ainda: *Todo o espírito louve o Senhor* (Sl 150,6).

Também o Apocalipse afirma que: As almas dos imolados não apenas louvam a Deus, mas clamam por ele (cf. Ap 6,9-10). E no Evangelho o Senhor fala ainda com mais limpidez: *Não lestes o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, Deus de Isaac e o Deus de Jacó? Ora, ele não é o Deus dos mortos, mas sim dos vivos* (Mt 22,31-32). Com efeito, todos vivem para Deus. É referindo-se a eles que diz o Apóstolo: *Eles aspiram a uma pátria melhor, isto é, a uma pátria celestial. É por isso que Deus não se envergonha de ser chamado o seu Deus. Pois, de fato, preparou-lhes uma cidade* (Hb 11,16).

Pois as almas, depois de separadas de seus corpos, não ficam inativas, nem privadas de sentimentos, conforme nos narra a parábola do pobre Lázaro e do homem rico vestido de púrpura. O primeiro merece o lugar da suprema felicidade, o repouso no seio de Abraão; o segundo é abrasado pelo intolerável ardor do fogo eterno (cf. Lc 16,18ss). E, se quisermos, igualmente, atentar para o que Jesus disse ao ladrão, ouviremos: *Hoje estarás comigo*

no paraíso (Lc 23,43); e teremos, assim, a evidência de que não só as almas permanecem com seus conhecimentos anteriores, mas que também desfrutam de um destino condizente com a vida e os méritos que tiveram.

O Senhor jamais teria feito tal promessa ao ladrão, se soubesse que, após a separação do corpo, sua alma seria privada de sentimentos ou diluída no nada. Não era seu corpo, mas sua alma que deveria entrar com Cristo no paraíso.

Convém, pois, evitar, ou melhor, abominar a perversa distinção de certos heréticos que, não acreditando no poder de Cristo de estar no céu no mesmo dia em que desceu aos infernos, fazem a seguinte interpretação, cortando assim a sentença: *Em verdade eu te digo hoje* e, fazendo aí uma interrupção, acrescentam: *Estarás comigo no paraíso.*

Logo, de acordo com tal interpretação, não deveríamos compreender tal promessa como se ela se fosse realizar imediatamente, logo após a morte, mas como um anúncio de algo que se realizaria só depois da ressurreição. Tais intérpretes não compreenderam aquilo que Jesus, antes da ressurreição, disse aos judeus que acreditavam ser o Mestre, como eles mesmos, sujeito aos estreitos limites da humanidade e da fraqueza da carne: *Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu, o Filho do Homem* (Jo 3,13). Tudo isso prova claramente que as almas dos defuntos não ficam privadas das faculdades intelectuais, nem de sentimentos, tais como a esperança, a tristeza, a alegria e o medo. E, além disso, já começam a antegozar algo do que lhes estaria reservado no juízo universal. Enfim, as almas dos falecidos

não se diluem no nada, como julgam alguns incrédulos, mas, ao contrário, subsistem de maneira mais intensa, e se entregam ao louvor divino com fervor ainda maior.

E se, de fato, deixarmos por um momento o testemunho das Escrituras, para tratarmos da natureza da alma, de acordo com a mediocridade da minha inteligência, penso que seria o cúmulo, já não digo da fatuidade, mas até mesmo da loucura, supor, embora momentaneamente, que a parte mais preciosa do homem, a que traz em si, segundo o santo Apóstolo, a imagem e a semelhança de Deus (cf. 1Cor 11,7; Cl 3,10), uma vez destituída do fardo corporal que a embota, se pudesse tornar insensível? Justamente a alma que sozinha contém em si a força da razão e propicia a sensibilidade, por sua participação na matéria muda e inanimada da carne tornar-se-ia insensível? É absolutamente lógico e conforme à reta ordem da razão, concluir que a alma, livre desse invólucro carnal que a entorpece, recupere, em melhores condições, suas faculdades intelectuais, que devem estar ainda mais purificadas e sutis.

O bem-aventurado Apóstolo está a tal ponto convicto dessa verdade, que chega a desejar sair da própria carne para assim poder unir-se intimamente a Deus: *Meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso me é muito melhor* (Fl 1,23). *Porque, enquanto estamos no corpo, estamos em exílio, longe do Cristo* (2Cor 5,6). *Pois estamos cheios de confiança e preferimos deixar a mansão deste corpo para ir morar junto do Senhor. É também por isso que nos esforçamos para agradar-lhe, quer permaneçamos em nossa mansão, quer a deixemos* (2Cor 5,8-9). Assim, declara ele que a

habitação na carne é um exílio longe do Senhor e uma ausência em relação a Cristo, ao passo que confia, com toda a fé, que a separação deste corpo corresponde à presença junto a Cristo. Com clareza ainda maior, ele fala, em outra passagem, sobre a vida intensa que usufruem as almas que estão perto do Senhor. *Vós vos aproximastes do monte Sião e da cidade do Deus vivo, a Jerusalém celeste, e de milhões de anjos reunidos em festa, e da assembleia dos primogênitos cujos nomes estão inscritos nos céus e de Deus, o Juiz de todos e dos espíritos dos justos que chegaram à perfeição* (Hb 12,22-23). Ainda numa alusão aos espíritos bem-aventurados, em outra passagem ele afirma: *Tivemos os nossos pais segundo a carne como educadores e os respeitávamos. Não haveremos de ser muito mais submissos ao Pai dos espíritos, a fim de vivermos?* (id. 8-9).

15 - A contemplação de Deus

A contemplação de Deus pode ser compreendida de vários modos, pois não conhecemos a Deus apenas quando o admiramos na sua essência incompreensível, um aspecto que ainda se acha oculto na esperança da promessa, mas também quando o contemplamos através da grandeza de suas criaturas. Sua justiça e a providência que demonstra cada dia no governo do mundo igualmente o revelam. É isso que nos vem à mente, quando recordamos, com pureza de coração, tudo quanto fez por seus santos ao longo das gerações. E é ainda maior a nossa admiração, quando contemplamos, o coração a tremer, o poder com que governa, rege e modera todas as coisas e, também, quando observamos sua ciência infinita, e seu olhar ao qual nada escapa, nem sequer os segredos dos corações. E ainda, quando consideramos que ele con-

tou todos os grãos de areia do mar e todas as suas ondas e chega mesmo a conhecer todas as gotas da chuva, os dias e as horas que perfazem os séculos e ainda o passado e o futuro. E além disso, quando, transportados de admiração, vemos a inefável clemência com que suporta, sem que a sua longanimidade se canse, os crimes inumeráveis cometidos a cada momento, diante de seus olhos. E também a vocação a que nos chamou, pela graça de sua misericórdia, sem qualquer mérito precedente de nossa parte. E, ainda, ao refletirmos sobre as inúmeras ocasiões de salvação que ele concedeu aos que adotaria como filhos! Pois quis que nascêssemos em circunstâncias tais que, desde o berço, sua graça e o conhecimento de suas leis nos fossem oferecidos. Além disso, após ele próprio ter vencido em nós o adversário, ao preço apenas do assentimento de nossa vontade, nos agraciou com a eterna bem-aventurança e a recompensa infinita. E nosso assombro é ainda maior quando, finalmente, o vemos empreender pela nossa salvação a grande obra de sua encarnação, estendendo a todos os povos os benefícios de seus admiráveis mistérios.

Bem sabemos que outras inúmeras considerações idênticas podem se apresentar em nossas mentes, conforme a perfeição de nossa vida e a pureza de nosso coração, sendo, através delas, Deus visto e possuído em puras intuições.

Entretanto, é certo que ninguém seria capaz de retê-las indefinidamente, enquanto conservar em si mesmo qualquer resíduo de afetos carnais, porquanto é o Senhor quem diz: *Não poderás ver minha face porque nenhum homem pode me ver e continuar vivo* (Ex 33,20). O Senhor profere esta palavra, referindo-se a este mundo e às afeições terrenas.

16 - Pergunta sobre a mobilidade do pensamento

Germano: Como explicar que pensamentos supérfluos, contra a nossa vontade e até sem o nosso conhecimento, se insinuem em nós tão sutil e secretamente, que nos ocasionam não pequena dificuldade não só para os repelir, como também para reconhecê-los e identificá-los? Pode a mente ver-se um dia livre de tais pensamentos e não mais ser perturbada por semelhantes ilusões?

17 - Resposta sobre o poder da mente em relação aos pensamentos involuntários

Moisés: Sem dúvida, é impossível à mente permanecer imperturbável quando invadida por determinados pensamentos. Todavia, aquele que nisso se empenha torna-se capaz de acolher ou rejeitar tais pensamentos. Se, por um lado, o seu aparecimento foge ao nosso controle, por outro, a sua aprovação e aceitação depende de nós. E, se dissemos ser impossível à nossa mente não ser assaltada por tais pensamentos, nem por isso se deve atribuir tudo às suas investidas ou aos espíritos malignos que tentam no-los sugerir. Caso contrário, seria nulo para o homem o livre arbítrio, não lhe restando a possibilidade de empenhar-se na correção dos seus próprios erros. Em contrapartida, afirmo que, na maioria das vezes, depende de nossa vontade elevar ou não nossos pensamentos, tornando-os mais santos e espirituais ou mais terrestres e carnais. Portanto, é a essa finalidade que se destinam a leitura assídua e a constante meditação da Escritura, que devem despertar em nós a lembrança das coisas divinas.

É esse, pois, o motivo do repetido canto dos salmos: alimentar-nos a contínua compunção. Daí, nosso empenho nas vigílias, nos jejuns e na oração que se destinam a afinar-nos a mente de tal modo que ela perca o sabor das coisas terrenas, para poder desse modo contemplar livremente as coisas celestes. Porque, se nos deixarmos levar pela negligência, abandonando tais práticas, nossa alma, infalivelmente, tornar-se-á obscurecida pela impureza dos vícios e irá inclinar-se para os interesses da carne, aí sucumbindo.

18 - Comparação da alma com a mó do moinho

Com certa razão, essa prática pode ser comparada à mó de um moinho acionada pelas águas de um canal. Quando essas se precipitam, fazem a mó girar com tal rapidez, que não lhe é possível cessar seu trabalho, impelida que é pelo ímpeto das águas. Entretanto, compete a quem está à testa daquele processo, escolher o que vai moer: se o trigo, a cevada ou o joio. Pois é indubitável que só será moído aquilo que o responsável por aquela operação tiver fornecido à moenda.

Ora, o mesmo acontece à alma. Envolvida por todos os lados pelas torrentes das tentações que, através dos choques da vida presente, investem contra ela, não consegue libertar-se das ondas de pensamentos que a assediam. Cabe, porém, a seu zelo e diligência, distinguir os que deve admitir ou procurar.

Se, pois, como dissemos, recorremos à meditação assídua da Escritura e elevamos nossa memória à lembrança das coisas espirituais, ao desejo da perfeição e à esperança da futura bem-aventurança, necessariamente, os pensamentos que daí vão surgir

serão espirituais e irão manter a alma dentro dos padrões das nossas meditações. Ao contrário se, vencidos pela preguiça ou pela negligência, nos deixarmos invadir por pensamentos culposos, envolver por conversas ociosas, ou, ainda, nos embaraçar com cuidados mundanos e preocupações supérfluas, a espécie de cizânia que daí se origina, sobrecarregará nosso coração com um trabalho nocivo. Pois, de acordo com as palavras de nosso Salvador: Onde estiver o tesouro das nossas obras e das nossas intenções, lá permanecerá, necessariamente, o nosso coração (cf. Mt 6,21).

19 - Os três princípios que regem nossos pensamentos

Primeiramente, cumpre-nos saber que existe um tríplice princípio para os nossos pensamentos, que podem ter sua origem em Deus, no demônio e no nosso próprio eu. Com efeito, os pensamentos provêm de Deus, quando ele se digna visitar-nos por uma iluminação do Espírito Santo, elevando-nos aos mais altos patamares ou, ainda, quando nos castiga por uma salutar compunção pelas ocasiões em que deixamos de progredir, ou quando nos quer punir pelas quedas devidas à nossa covardia. Ainda se originam de Deus as revelações que dos sagrados mistérios nos são manifestadas e, também, a inclinação que ele imprime à nossa vontade para aderirmos a propósitos e atos mais salutares (cf. Est 6,1ss).

Foi o que aconteceu ao rei Assuero. Ao ser castigado pelo Senhor, resolveu consultar os Anais e esses lhe trouxeram à memória os benefícios de Mardoqueu. Então, ele o exaltou com as maiores honrarias e imediatamente revogou a crudelíssima sentença de morte que decretara contra o povo judeu.

O mesmo aconteceu com o profeta, quando exclama: *Escutarei o que me diz o Senhor Deus* (Sl 84,9). E com esse outro que afirma: *Assim falou o anjo que falava em mim* (Zc 1,14). Ou quando o Filho de Deus promete vir com o Pai e fazer em nós a sua morada (cf. Jo 14,23) e também ao dizer: *Não sereis vós que estareis falando, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós* (Mt 10,20) e ainda quando São Paulo, o vaso de eleição, escreve: *Procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim* (2Cor 13,3).

A trama de nossos pensamentos tem origem no demônio quando esse se esforça para provocar nossa queda, não só nos atraindo para os vícios, como também armando ciladas ocultas contra nós, e lançando mão de sua sutilíssima esperteza, transfigurando-se aos nossos olhos em anjo de luz, a fim de apresentar-nos o mal mascarado de bem (cf. 2Cor 11,14). O evangelista dá-nos, também, um exemplo dessa tentação, ao narrar: *Acabada a ceia, como já o demônio colocara no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de entregá-lo...* (Jo 13,2). E mais: *Depois do pão entrou nele Satanás* (id. 27). O mesmo disse Pedro a Ananias: *Por que encheu Satanás o teu coração, para mentires ao Espírito Santo?* (At 5,3).

Acrescentaremos ainda esta palavra que lemos no Evangelho, mas que muito antes o Eclesiastes já predissera: *Se o espírito do que tem o poder se levanta contra ti, não deixes teu lugar* (Ecl 10,4). Igualmente, o que pela boca do espírito imundo se diz a Deus contra Acab, no terceiro livro dos Reis: *Eu sairei e serei um espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas* (1Rs 22,22).

Quanto aos pensamentos que provêm do nosso próprio eu, são os que se originam quando normalmente nos lembramos

de tudo quanto estamos fazendo, fizemos ou ouvimos. É a tais pensamentos que se refere o bem-aventurado Davi, quando diz: *Penso nos dias de outrora, os anos longínquos recordo; pela noite murmuro em meu coração, medito e meu espírito examino* (Sl 76,6-7). E ainda: *O Senhor conhece os pensamentos dos homens e sabe que são apenas um sopro* (Sl 93,11). E também: *Os pensamentos dos justos são justiça* (Pr 12,5). E, ainda, nos Evangelhos diz o Senhor aos fariseus: *Por que pensais o mal em vossos corações?* (Mt 9,4).

20 - O discernimento dos pensamentos, tomando-se como analogia o desempenho de um perito avalista

Convém, pois, estarmos alertas quanto a essa tríplice origem dos nossos pensamentos e examinarmos, com sagaz discernimento, todos aqueles que brotam de nosso coração. Urge que verifiquemos, tão logo os mesmos aflorem, qual seja a sua origem, sua causa e sua autoria a fim de podermos avaliar, segundo o mérito do que sugerem, como os devemos acolher. Assim, nos tornaremos, segundo o preceito do Senhor, peritos avalistas (cf. Mt 25,27).

A arte e perícia de tais funcionários consiste, na verdade, em distinguir o ouro puríssimo do que não foi purificado pelo fogo do cadinho. Pois, o acurado discernimento daqueles profissionais não se deixa enganar, se, com aparência do ouro brilhante, uma vil moeda de cobre tenta imitar uma moeda preciosa. Porquanto, não apenas sabem reconhecer as peças cunhadas com a efígie de tiranos, como também discernir com acuidade, as que, embora trazendo a imagem de um rei verdadeiro, não passam de dinheiro falsificado. Além disso, esses hábeis funcio-

nários investigam cuidadosamente, com a perícia da balança, se nada lhes falta do legítimo peso.

Quanto a nós, cumpre-nos também tomar, no plano espiritual, as mesmas precauções adotadas por um perito avalista, como se depreende do Evangelho.

Em primeiro lugar, com o máximo cuidado, devemos examinar tudo quanto se insinue sorrateiramente em nosso coração, como qualquer preceito que nos seja apresentado, investigando cuidadosamente qual seja a sua procedência. Pois, talvez, algo possa mostrar alguma ligação com a superstição judaica ou originar-se da orgulhosa filosofia do século que expressa uma piedade meramente superficial. É o que nos compete fazer, se obedecemos à palavra do Apóstolo: *Não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para saber se são de Deus* (1Jo 4,1).

Nessa espécie de erros caíram, enganados, aqueles que, após a profissão monástica, deixaram-se lograr por belas palavras e certas máximas filosóficas que, à primeira vista, pareciam ressoar a seus ouvidos com sentido piedoso e em conformidade com a religião. Ilusórias em seu brilho exterior de ouro, elas acabaram por deixar para sempre nus e miseráveis aqueles que foram seduzidos por sua aparência, pois não passavam de moedas falsificadas e de cobre vil. Assim, muitos, mistificados por tal simulacro, viram-se novamente lançados ao tumulto do mundo ou arrastados para os erros heréticos ou opiniões orgulhosas. Foi esse o sofrimento de Acor,[3] como lemos no livro de Jesus, filho de Navé. Tomado de cobiça, ele furtou um lingote de ouro do acampamento dos filisteus, merecendo por isso ser castigado

[3] Trata-se de Acã.

com o anátema e condenado à morte eterna (cf. Js 7,20).

Em segundo lugar, convém observar, cuidadosamente se, ligado ao ouro puríssimo das Escrituras, uma falsa interpretação não nos venha a enganar, por causa da preciosidade do metal. A esse respeito, o astuciosíssimo demônio tentou ludibriar até nosso Salvador, como se estivesse tratando com um simples homem. Deturpando, com malévola interpretação, a passagem da Escritura que deve ser entendida como se referindo aos justos, em geral, ele tentou aplicá-la, de modo especial, àquele que não precisava da guarda dos anjos: *Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito, e eles te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra* (Mt 4,6; Sl 90,11-12).

Como se vê, ele transmuda, por uma astuta interpretação, as preciosas palavras da Escritura, deturpando-as em sentido contrário e nocivo, para nos apresentar, sob as aparências do ouro falsificado, a imagem de um tirano usurpador.

Tenta, ainda, o demônio nos iludir quando, mediante falsas moedas, nos induz a alguma obra de piedade que não procede da cunhagem legítima dos antigos e que, sob o pretexto de virtude, nos conduz ao vício. Sugere-nos, então, jejuns imoderados e inoportunos, vigílias excessivas, orações desordenadas, leituras inconvenientes, que acabam por nos enganar e arrastar a um fim desgraçado.

Além do mais, a pretexto de caridade, instiga-nos a fazer intervenções e visitas piedosas, a fim de nos tirar da clausura espiritual do mosteiro e do segredo de uma paz amiga. Ou também nos instiga a assumir os cuidados de religiosas destituídas de recursos, a fim de que, presos por tais laços indeslindáveis,

nós, monges, nos vejamos divididos por preocupações perniciosas. Ou ainda nos incita a desejarmos a santa função da clericatura, a pretexto da edificação de muitos e do amor ao lucro espiritual, no intuito de nos arrancar à austeridade e à humildade que fazem parte de nossa observância. Apesar de contrárias à nossa salvação e profissão, essas práticas cobrem-se de certo véu de misericórdia e piedade, que podem facilmente enganar os inexperientes e incautos.

Assim, à primeira vista, tais obras imitam as moedas do rei verdadeiro, por parecerem cheias de piedade. Todavia, não foram cunhadas pelos legítimos moedeiros, isto é, os Padres católicos e aprovados, pois as referidas moedas não provêm da oficina de seu ensinamento autorizado e seguro. Trata-se de moedas clandestinas, fraudulentamente fabricadas pelos demônios e destinadas, com grande dano, aos inexperientes e ignorantes. Embora, no momento, pareçam úteis e necessárias se, no entanto, começam depois a contrariar a solidez de nossa profissão, e põem em risco, de certo modo, a própria essência da vida monástica, impõe-se que as cortemos e as lancemos fora, como a um membro que, apesar de necessário, mesmo que fosse o pé ou mão, se torne para nós motivo de escândalo. Já que essa é uma exigência da nossa salvação. Ora, mais vale ter um membro a menos, vale dizer, privar-se da realização e do fruto de um preceito, mas permanecer com os outros membros sadios e vigorosos, entrando depois inválido no reino dos céus, do que cair em algum escândalo, por querer tudo realizar integralmente. Porquanto, de tal atitude poderia surgir um pernicioso hábito que nos separaria da regra de austeridade e da disciplina do

projeto de vida que abraçamos, para lançar-nos numa tal ruína que, sem poder compensar os danos futuros, exporia ao fogo do inferno todos os nossos méritos passados e a totalidade de nossas boas obras (cf. Mt 18,8). É dessa espécie de ilusão que, com muita propriedade, o livro dos Provérbios nos fala: *Há caminhos que parecem retos, mas, afinal são caminhos para a morte* (Pr 16,25). E também: *O maligno prejudica quando se une ao justo* (id. 11,15), a saber, o demônio engana quando se reveste com o manto da santidade, pois, *ele odeia a palavra que protege* (id. 1.c.), isto é, o vigor da discrição que procede das palavras dos anciãos.

21 - A ilusão do abade João

Desse modo, como soubemos há pouco, é que foi enganado o abade João, residente em Lico. Com o corpo exausto e alquebrado, retardou por dois dias, indevidamente, sua refeição. No dia seguinte, quando enfim se dispunha a tomar algum alimento, o diabo, sob a aparência de um negro etíope, lançou-se aos seus joelhos, dizendo: "Perdão, fui eu que te impus esse sofrimento".

Assim, aquele grande varão, tão perfeito no que diz respeito à virtude da discrição, reconheceu que, a pretexto de uma imprudente abstinência, fora surpreendido pela astúcia do demônio e se deixara exaurir por um jejum que enfraquecera seu corpo, já esgotado por uma estafa desnecessária e, pior ainda, prejudicial a seu espírito. Ludibriado por uma moeda falsa, venerou a imagem do rei verdadeiro, sem examinar, suficientemente, a legitimidade da cunhagem. Atentemos, ainda, para a última tarefa de um experiente avalista. Dissemos acima que

essa consistia na verificação da pesagem da moeda. Ora, vejamos como se deve proceder no que tange a essa última operação. Se algum projeto nos vem à mente, convém examiná-lo com o maior escrúpulo e, por assim dizer, sopesá-lo em nosso coração para que, com perfeita exatidão, possamos estabelecer-lhe o peso. Assim, poderemos determinar se está em perfeito acordo com a dignidade de nossa regra comum, se sua pesagem corresponde ao temor de Deus que o penetrou e se está intacto quanto ao sentimento que o inspirou. Todavia, cabe-nos ainda observar se uma excessiva leviandade não o teria contaminado por ostentação humana ou alguma novidade presunçosa, ou se a vanglória não teria diminuído ou arruinado o peso de seu mérito.

Além disso, é necessário que essa prova seja feita em balança autorizada, isto é, que nossos projetos estejam em conformidade com os atos e testemunhos dos profetas e dos apóstolos, a fim de que os possamos conservar, caso sejam íntegros, perfeitos e de peso equivalente aos seus ensinamentos, pois, caso contrário, se nos parecerem defeituosos e nocivos, e não se ajustarem àquele padrão, cumpre-nos rejeitá-los com todo empenho e cautela.

22 - A quádrupla dimensão da discrição

Assim, precisamos usar a discrição nas quatro modalidades já mencionadas. Em primeiro lugar, é indispensável estarmos certos da autenticidade do ouro. Em segundo lugar, cumpre-nos rejeitar, como moeda falsa, os pensamentos dissimulados que querem passar por piedosos. Tais moedas, conquanto apresentem a imagem do rei, são falsas uma vez que foram cunhadas ilegalmente. Em seguida, convém discernir e igualmente repelir

as que, sobre o ouro preciosíssimo da Escritura, imprimem um sentido herético e vicioso: a imagem não é do rei verdadeiro, mas do usurpador. Finalmente, é necessário recusar, como moedas desvalorizadas e de peso insuficiente, os pensamentos corroídos pela ferrugem da vaidade e que, por isso mesmo, fogem ao parâmetro dos antigos.

Com isso, evitaremos cair na infelicidade acerca da qual o Senhor nos faz enérgica advertência: *Não acumuleis tesouros para vós na terra, onde os vermes roem e os ladrões cavam e roubam* (Mt 6,19). Cabe-nos, pois, observar esse preceito do Senhor a fim de não sermos prejudicados no que se refere ao mérito ou à recompensa de nossos trabalhos. Pois, tudo quanto fizermos, visando à glória humana, é um tesouro escondido e sepultado na terra, à mercê da pilhagem dos demônios ou da ferrugem voraz da vaidade, pronto para ser devorado pela traça da soberba, não podendo ser útil ou de qualquer proveito para quem o esconde.

Compete-nos, pois, perscrutar incessantemente o íntimo do coração e examinar, com máxima atenção, as marcas das ideias que ali penetram para não acontecer que algum monstro espiritual, leão ou dragão, ao passar por ali, deixe sorrateiramente pegadas funestas que lhe permitam, se negligenciarmos policiar tais pensamentos, o acesso ao âmago do santuário de nossa alma.

E assim, ao longo de cada hora e de cada minuto, sulcando a terra do nosso coração com o arado do Evangelho, vale dizer, com a permanente recordação da cruz do Senhor, devemos exterminar em nós os covis dos animais ferozes e o esconderijo das serpentes venenosas.

23 - A palavra do mestre deve estar de acordo com o mérito do ouvinte

Estávamos, ao mesmo tempo estupefatos e inflamados de imenso ardor ao ouvir as palavras do mestre. O ancião nos observava atônito e, não se contendo ao ver a intensidade de nosso desejo, interrompeu por um instante sua exposição, continuando depois: Vosso profundo interesse, filhos, me levou a um longo discurso e, sinto que, em virtude de vosso empenho, um fogo misterioso torna minha conferência mais calorosa.

Mas, para que eu veja com nitidez se, na verdade, tendes sede da doutrina da perfeição, quero ainda vos falar um pouco mais sobre a superioridade e a beleza da discrição, que ocupa o cimo e a primazia de todas as virtudes, e comprovar sua excelência e utilidade, não só pelos exemplos cotidianos da vida de nossos antigos Pais, mas também por suas sentenças e ensinamentos. Lembro-me, contudo, que em diversas ocasiões, a muitos que me suplicavam, com lágrimas e gemidos, um discurso dessa natureza, não pude satisfazer-lhes a vontade, conquanto fosse grande o meu desejo de lhes oferecer alguma doutrina. Faltavam-me, porém, não só as ideias, mas até as palavras, e eu nada achava com que pudesse despedi-los, nem mesmo um pouco de consolação. Tais indícios mostram com clareza que é segundo o mérito e o desejo dos ouvintes que a graça de Deus inspira os que falam.

Entretanto, no brevíssimo tempo da noite que nos resta, não é possível terminar esta conferência. Seria melhor concedermos algum repouso ao corpo, pois, se lhe recusarmos o pouco a que tem direito, ele acaba por exigir tudo. Reservemos, pois,

ao dia ou à noite de amanhã, o estudo e a exposição integral de nosso assunto.

Convém, na verdade, aos bons mestres da discrição, que eles saibam comprovar sua sabedoria, evidenciando que são capazes de pôr em prática a virtude que ensinam, não demonstrando, enquanto tratam de tal virtude, mãe de toda moderação, que estão incorrendo no vício do excesso, que é justamente o seu oposto, violando assim por seus atos o que exaltam com suas palavras.

Que o bem da discrição, em cujo estudo decidimos prosseguir, com a graça de Deus, nos conceda, em primeiro lugar, que, durante o tempo em que estivermos dissertando sobre sua excelência e moderação, que é o primeiro valor intríseco que lhe reconhecemos, ela própria não nos permita exceder a justa medida no tempo e na discussão.

Com essas palavras, o bem-aventurado Moisés pôs um termo a nossa conversa. Apesar de estarmos ainda ávidos de seus ensinamentos e pendentes de seus lábios, ele nos exortou a usufruir um pouco de sono, estendendo-nos nas mesmas esteiras em que estávamos sentados e colocando sob nossas cabeças, em lugar de travesseiros, uns trançados de nome embrimia, feitos de papiros mais grossos, reunidos em feixes longos e esguios, que se ligam com um pé e meio de intervalo. Servem aos irmãos ora como assentos baixinhos, usados em lugar de escabelo nas sinaxes, ora como travesseiros para dormir, pois não são excessivamente duros, mas cômodos e flexíveis.

Por isso, prestam-se perfeitamente a esses usos monásticos: pois, além de bastante maleáveis, têm ainda a vantagem de exigir pouco trabalho e gasto, uma vez que o papiro cresce em toda parte nas margens do Nilo. Além disso, são facilmente transportáveis porquanto o material de que são feitos é leve e facilmente manejável.

Assim, finalmente, concordamos em seguir os conselhos do ancião e desfrutar um pouco do repouso noturno, embora isso muito nos custasse. Nossa alma se achava dividida entre a alegria da conferência ouvida e a expectativa de escutar a que nos fora prometida.

II

SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE MOISÉS

Da Discrição

1 - Proêmio do abade Moisés sobre a graça da discrição

Após termos dormido um pouco nas primeiras horas da manhã, finalmente vimos com alegria o raiar do dia, e logo passamos a reclamar a conferência prometida.

O bem-aventurado Moisés assim começou: Quando vos vejo inflamados por tão grande desejo, mal posso acreditar que os poucos instantes subtraídos à conferência para vosso repouso vos possam ter reparado as forças. Ao considerar, porém, vosso fervor, sinto-me tomado por maior solicitude, pois reconheço que meu zelo em atender-vos deve ser tanto maior quanto vosso empenho em exigi-lo.

Pois a Escritura diz: *Se te assentas à mesa com um grande, procura reconhecer sabiamente o que te servem, e usa a tua mão, sabendo que igual festim deverás preparar* (Pr 23,1-2 – LXX).

Passaremos, portanto, a discorrer sobre o bem e a eficácia da discrição e de sua virtude da qual começávamos a tra-

tar, quando interrompemos a conferência da noite. Parece-nos, pois, oportuno ressaltar o seu valor, a partir das sentenças de nossos Pais. Conhecidos seus pensamentos e ditos, mencionarei diversas pessoas cuja queda antiga ou recente, outra causa não teve senão o menosprezo por tal virtude. Por isso, de acordo com nossas possibilidades, trataremos de sua utilidade e de seus benefícios. Enfim, persuadidos de sua excelência e dignidade, poderemos, com maior proveito, instruir-nos sobre a maneira de alcançá-la e aperfeiçoá-la.

Na verdade, a discrição não é uma virtude medíocre, que possa ser alcançada, casualmente, apenas por nossa diligência. Ela deve ser considerada um dom com que a liberalidade divina nos agracia. Aliás, o Apóstolo a enumera entre os mais nobres dons: *A um o Espírito dá a mensagem de sabedoria; a outro, a palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro o Espírito dá a fé; a outro, ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas* (1Cor 12,8-9). E pouco adiante: *A outros o discernimento dos espíritos* (ou discrição) (id. 10). Depois, completada a lista dos carismas espirituais, ele acrescenta: *Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo os seus dons a cada um, conforme lhe apraz* (id. 11).

Vedes, portanto, que o dom da discrição nada tem de terrestre ou de pequeno, mas é uma dádiva magnífica da graça divina. Se o monge não põe todo o seu empenho em alcançá-la e não é capaz de discernir com segurança os espíritos, ele, inevitavelmente, qual homem que anda errante numa noite escura por espessas trevas, não só será a vítima fatal de armadilhas e precipícios como também, certamente, tropeçará com bastante

frequência, mesmo ao percorrer caminhos planos e retos.

2 - Sobre o benefício que só a discrição concede ao monge. Discurso do abade Antão sobre esse assunto

Lembro-me de que, outrora, nos anos de minha infância, na região da Tebaida, onde morava o bem-aventurado Antão, alguns dos antigos o procuravam para interrogá-lo a respeito da perfeição. A conferência do monge então se alongava da hora de Vésperas até o amanhecer, ocupando esse assunto a maior parte da noite. Insistentemente inquiríamos qual a virtude ou observância que seria mais capaz de guardar o monge das artimanhas e ilusões do demônio, fazendo-o, ao mesmo tempo, galgar em linha reta e com passo firme os cumes da perfeição.

Cada um dava sua opinião de acordo com seu próprio entendimento. Uns julgavam que isso devia ser conseguido pela dedicação aos jejuns e vigílias através dos quais, a alma espiritualizada, tendo conseguido a pureza do corpo e do coração, podia com maior facilidade unir-se a Deus. Outros consideravam ser a renúncia a todas as coisas que, despojando a alma completamente de todos os laços, fazia com que essa chegasse a Deus mais desembaraçada. Alguns, ainda, achavam indispensável a anacorese, isto é, o afastamento do mundo e o retiro para o recesso do deserto, onde os colóquios com Deus se tornam mais familiares e mais íntima a união com ele. Finalmente, havia ainda os monges que priorizavam a prática da caridade, isto é, os serviços de hospitalidade, aos quais o Senhor, no Evangelho, de maneira especial, prometera dar o reino dos céus: *Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos foi preparado desde o início*

do mundo. Pois tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber (Mt 25,34-35).

E assim, enquanto eles atribuíam a diversas virtudes o poder de abrir um caminho mais seguro para Deus, consumiam, nessa indagação, a maior parte da noite. Finalmente, o bem-aventurado Antão tomou a palavra: tudo quanto dissestes é necessário e útil aos que têm sede de Deus e anseiam por encontrá-lo. Mas, atribuir-lhes o principal mérito para chegar a tal meta, não nos é permitido, em virtude das experiências e quedas de muitos irmãos. Na verdade, quantas vezes vimos os que se entregavam aos mais duros jejuns e vigílias retirar-se à mais absoluta solidão, provocando a maior admiração, lançar-se em tal despojamento de bens que não admitiam sequer guardar para si os víveres para um dia, nem mesmo uma só moeda, desempenhando, também, com toda a dedicação, os deveres da hospitalidade; no entanto, de repente, de tal modo foram ludibriados que não puderam levar a bom termo a obra iniciada, concluindo, com um fim abominável, tão grande fervor e vida tão meritória.

No entanto, se procurarmos com exatidão a causa de tal ilusão e de tal queda, poderemos reconhecer, com toda a evidência, a principal virtude capaz de nos conduzir a Deus. Pois, embora as obras daquelas virtudes superabundassem neles, foi suficiente a falta da discrição para que não pudessem perseverar até o fim. Não se pode realmente descobrir outra causa para essa ruína, a não ser que, não tendo tido a felicidade de receber a formação por parte dos antigos, não lhes foi possível adquirir a virtude da discrição a qual, evitando os dois excessos contrários, ensina o monge a caminhar na estrada real. Pois, nem o deixa

desviar-se para a direita, num excesso de fervor pelas virtudes, com as quais presume ingenuamente ir além dos limites da justa temperança, nem lhe permite descambar para a esquerda, seduzido pelo relaxamento e o vício e, sob o pretexto de bem governar o corpo, instalar-se numa indolente tibieza da alma.

É essa a discrição que é chamada pelo Evangelho de olho e lâmpada do corpo, conforme a palavra do Salvador: *Se o teu olho estiver são, todo o teu corpo ficará iluminado; mas se o teu olho estiver doente, todo o teu corpo ficará escuro* (Mt 6,22-23). Isso porque, discernindo todos os pensamentos e atos dos homens, ela examina atentamente e vê, com luminosa claridade, tudo quanto devemos fazer. Entretanto, se esse olho for mau, isto é, desprovido de ciência e de juízo seguro, ou estiver iludido pelo erro e a presunção, tornar-se-á tenebroso e todo o nosso corpo, e toda a penetração da inteligência e toda a atividade serão obscurecidos, pois que o vício cega e a paixão é a mãe das trevas. *Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas!* (id. 23). Ninguém pode duvidar que, se nosso julgamento é falso, e se encontra mergulhado na noite da ignorância, também nossos pensamentos e nossas obras que derivam desse julgamento serão cobertos das trevas dos pecados.

3 - O erro em que Saul e Acab caíram pela ignorância da virtude da discrição

Aquele que, por juízo de Deus, foi o primeiro a merecer o reino de Israel, não teve esse olho da discrição, pois todo o corpo, de certo modo, estava envolto em trevas, acabando ele por ser derrubado do trono. Iludido pelos erros e trevas de sua

lâmpada, julgou que seus sacrifícios fossem mais agradáveis a Deus do que a obediência ao mandamento de Samuel. E aquilo mesmo com que contara aplacar a majestade divina, foi-lhe na verdade, causa de revés (cf. 1Rs 15).

Foi igualmente a ignorância da discrição que levou Acab, rei de Israel, depois do magnífico triunfo que obteve por favor divino, a julgar que a misericórdia fosse superior à execução severíssima da ordem divina, por demais cruel a seus olhos. Abalado por essa ideia, preferiu temperar a cruenta vitória com a clemência. Sua indiscreta piedade, no entanto, transforma-o totalmente em trevas, e ele é condenado a uma morte irrevogável.

4 - Referências nas Sagradas Escrituras ao bem da discrição

É essa a discrição que, após ser chamada lâmpada do nosso corpo, recebe do Apóstolo o título de sol, de acordo com a seguinte palavra da Escritura: *Não se ponha o sol sobre a vossa cólera* (Ef 4,26).

Ainda é denominada leme de nossa vida, conforme outra palavra também da Escritura: *Os que não têm leme, caem como folhas* (Pr 11,14).

Outro nome pelo qual merecidamente também a chamam é o de conselho, porquanto, sem conselho, a Escritura nada nos permite fazer; nem mesmo beber o vinho espiritual *que alegra o coração do homem* (Sl 103,15), pois ela nos ordena o seguinte: *Faze tudo com conselho, bebe o vinho com conselho* (Pr 31,3), e mais: *Como uma cidade de muros abatidos e sem defesa, assim é o homem que não age com conselho* (Pr 25,28). De acordo também com essa outra passagem da Escritura, compreendemos quanto a falta de

discrição é prejudicial ao monge que, privado de tal virtude, é comparado a uma cidade arrasada e destituída de muros.

Na discrição se encontram a sabedoria, a ciência e o julgamento. Sem tais virtudes é impossível edificar nossa morada interior e amealhar as riquezas espirituais. Pois a Escritura afirma: *Com sabedoria se edifica a casa, e com inteligência ela é levantada; com o julgamento enchem-se os celeiros de todos os bens preciosos e bons* (Pr 24,3-4).

A discrição é ainda, conforme a Escritura, o alimento sólido que só pode ser recebido pelos perfeitos e robustos: *O alimento sólido é para os perfeitos, para aqueles que têm os sentidos exercitados pelo hábito, para a discrição do bem e do mal* (Hb 5,14).

Comprovadamente essa graça é tão útil e necessária, que é até comparada à palavra de Deus e às suas virtudes: *Pois é viva e eficaz a Palavra de Deus, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir a alma e o espírito, junturas e medulas. Ela julga as disposições e intenções do coração* (Hb 4,12).

Tudo isso mostra com clareza que nenhuma virtude, sem a graça da discrição, pode chegar à perfeita consumação ou mesmo subsistir.

Assim foi estabelecido, não só pelo bem-aventurado Antão, como por muitos outros, ser a discrição a virtude que conduz o monge a Deus, com passo firme e destemido. É graças a ela que se conservam indenes as virtudes acima mencionadas e podem ser galgados com menor dificuldade os cumes da perfeição, pois sem ela muitos, apesar de grande empenho e esforço, não puderam atingir aquela meta. Por isso a discrição é a mãe, a

guardiã e a moderadora de todas as virtudes.

5 - A morte do velho Heron

Para confirmarmos, por um exemplo recente, a sentença promulgada por santo Antão e outros Pais, lembrai-vos do que vistes outrora, com os vossos próprios olhos, acontecer ao velho Heron. Na verdade, o ancião, vítima de uma tentação diabólica, precipitou-se das alturas no fundo de um abismo. Ele, que bem me lembro, vivera cinquenta anos no deserto, numa fidelidade única aos rigores da abstinência, e amara, com admirável fervor e como nenhum outro, os mistérios da solidão.

Como, depois de tão esplêndidos trabalhos, deixou-se apanhar nas ciladas do tentador, vindo a sofrer a queda gravíssima que enlutou e amargurou todos os que habitavam neste deserto?

Porventura não lhe faltaria a virtude da discrição e não preferiu ele orientar-se por seu próprio julgamento, ao invés de obedecer aos conselhos e deliberações dos irmãos e aos ensinamentos dos antigos?

De fato, ele fez da observância do jejum uma lei tão rigorosa, uma disciplina tão imutável e foi, além disso, tão cioso da solidão de sua cela que, mesmo a honra devida ao dia da Páscoa jamais conseguiu que ele participasse da refeição dos irmãos. Naquela festa anual, enquanto todos os irmãos permaneciam na igreja, só ele faltava, com receio de que, se comesse alguns legumes com os irmãos, mesmo em quantidade mínima, pudessem supor que ele estaria relaxando o propósito que assumira. Iludido por essa presunção, recebeu o anjo de Satanás como se

fora um anjo de luz e, obedecendo servilmente a suas sugestões, lançou-se de cabeça para baixo num poço tão fundo que nem mesmo o olhar podia sondar-lhe a profundeza. Assim agiu, por estar certo de que, pelo mérito de seus trabalhos e suas virtudes, estaria para sempre imune a qualquer perigo, de acordo com a garantia que seu anjo lhe dera (cf. 2Cor 11,14).

Para demonstrar o que sua fé lhe apresentava como infalível, no meio da noite, cheio de ilusões, atirou-se naquele poço, certo de que provaria seu raro mérito, saindo ileso daquela experiência. Os irmãos, porém, conseguiram, a duras penas, retirá-lo dali, vindo ele a morrer dois dias depois.

O pior, no entanto, é que continuou obstinado em sua ilusão, a ponto de, nem mesmo a experiência que lhe custou a vida, ter conseguido convencê-lo de que fora enganado pelo demônio.

Por tal motivo, pela imensa piedade dos que se compadeciam de sua ruína, mesmo invocando o mérito de tantas de suas obras e prolongados anos passados no deserto, foi com grande dificuldade que se conseguiu do presbítero, na ocasião o abade Pafnúcio, que o ancião não fosse considerado suicida e excluído do memento e da oblação pelos mortos.

6 - A ruína de dois irmãos por ignorância da discrição

Que direi daqueles dois irmãos que habitavam além do deserto da Tebaida, onde outrora vivera o bem-aventurado Antão e que, movidos por uma discrição menos madura, ao atravessarem aquelas vastidões imensas e despovoadas, decidiram não comer nenhum alimento, a não ser o que lhes fosse ofereci-

do pelo próprio Senhor?

Assim, erravam por aqueles ermos já quase mortos de fome, quando os mázicos[4] de longe os perceberam. Esse povo é mais cruel e selvagem que a maioria dos outros bárbaros, uma vez que não é o desejo do saque, como é o caso de muitas nações, que os leva a derramar sangue, mas a sua própria ferocidade. Não obstante a sua desumanidade, eles vão ao encontro dos irmãos e lhes oferecem pães. Um deles, inspirado pela discrição, recebe-os com ação de graças e alegria, como se fossem trazidos pelo Senhor. Achava que tal alimento lhe fora concedido por uma dádiva divina e que, sem a intervenção de Deus, essa gente, sempre dada a alegrar-se com o derramamento do sangue humano, não iria prodigalizar a homens, já quase desfalecidos e praticamente moribundos, os meios de conservar a vida. O outro, porém, considerando isso um oferecimento humano, recusou o alimento e acabou por morrer de fome. Embora os dois tivessem partido de uma ideia errônea, contudo, um, sobrevindo-lhe a tempo a virtude da discrição, corrigiu o que temerária e incautamente concebera. O outro, porém, perseverando em sua tola presunção, permaneceu fechado a qualquer ideia de discrição. O Senhor quis afastá-lo da morte, que ele próprio procurara, por não ter acreditado ser obra de inspiração divina que bárbaros ferozes, esquecendo a própria crueldade, viessem a lhes oferecer pães ao invés de espadas.

7 - Ainda um outro iludido pela ignorância da discrição

Que direi também de um outro cujo nome calarei, por estar ele ainda vivo? Por muito tempo aquele irmão recebeu um

[4] Povo bárbaro de origem líbia.

demônio cuja aparência era a de um anjo de luz. Muitas vezes enganado por suas inúmeras revelações, acreditou que fosse um mensageiro da justiça, tanto mais que ele lhe iluminava a cela todas as noites sem usar qualquer tocha. Afinal, um dia, o demônio lhe ordenou que imolasse a Deus seu próprio filho, que vivia com ele no mosteiro, a fim de que, por esse sacrifício, se igualasse em méritos ao patriarca Abraão. E tão convencido ficou por essa sugestão, que teria consumado o parricídio, não fosse a fuga do menino, apavorado, vendo-o com a faca na mão, e procurando uma corda para amarrá-lo, prestes a prosseguir a imolação.

8 - A queda e o engano de um monge da Mesopotâmia

Seria por demais longo narrar pormenorizadamente como se deixou enganar um célebre monge da Mesopotâmia. Solitário e recluso na cela durante muitos anos, guardava uma abstinência tão austera que bem poucos naquela região seriam capazes de imitá-lo.

No entanto, no fim, foi de tal forma ludibriado por sonhos e revelações diabólicas que, depois de se devotar a inúmeros trabalhos e virtudes em que sobrepujara todos os monges lá residentes, decaiu de maneira tão deplorável, que chegou até a praticar o judaísmo e a circuncisão. Na tentativa de levá-lo, pelo hábito das visões, às futuras falsidades, o demônio, primeiramente, apareceu-lhe como mensageiro da verdade, revelando-lhe tão somente coisas certas. Por fim, mostrou-lhe de um lado, o povo cristão com os príncipes de nossa fé e religião – os apóstolos e os mártires – feios e cobertos de trevas, macilentos e disformes; em contrapartida, apresentou-lhe de outro lado o

povo judeu com Moisés, os patriarcas e os profetas, dançando, radiantes de uma alegria sem limite e rutilantes por uma luz cheia de esplendor. Ao mesmo tempo, o sedutor o aconselha a apressar-se em receber a circuncisão, se quisesse participar do seu mérito e beatitude.

Ora, nenhum desses monges teria sido tão dolorosamente ludibriado, se tivesse trabalhado para conseguir o senso da discrição, pois, pelos terríveis exemplos acima lembrados, podemos compreender como é perniciosa a falta dessa graça.

9 - Pergunta-se como adquirir a verdadeira discrição

Depois dessas palavras, Germano indagou: Tanto pelos exemplos recentes como pelos ensinamentos dos antigos, tornou-se bastante claro que a discrição é de algum modo a fonte e a raiz de todas as virtudes. Desejamos, agora, aprender como adquirir e como reconhecer quando determinada virtude é verdadeira e proveniente de Deus, ou quando é falsa e vem do demônio. Só assim, de acordo com a parábola evangélica que explicaste na conferência anterior, e que nos exorta a que nos tornemos peritos avaliadores, nos será possível, ao vermos a efígie do rei impressa em uma moeda, sabermos se ela não foi gravada em uma peça inautêntica, de modo a podermos rejeitá-la como falsa. Mas, para isso, temos de estar munidos daquela perícia que expuseste minuciosa e integralmente e que ressaltaste como qualidade indispensável ao avalista espiritual, segundo o Evangelho.[5] De que nos serviria conhecer os méritos de tal virtude e sua graça, se ignoramos como buscá-la e adquiri-la?

[5] Conferência I,20.

10 - Resposta sobre o modo de adquirir a verdadeira discrição

Disse então o abade Moisés: A verdadeira discrição somente poderá ser adquirida mediante a autêntica humildade. E a primeira prova dessa humildade consiste em submeter ao exame dos antigos todos os nossos pensamentos e ações, de tal maneira que nada confiemos ao nosso próprio julgamento, mas, em todas as coisas, acatemos suas decisões e conheçamos, pelo que nos transmitem, o que se deve considerar bom ou mau.

Tal disciplina não só ensinará ao jovem monge a caminhar retamente na trilha da verdadeira discrição, como também o guardará incólume de todas as fraudes e ciladas do inimigo. É realmente impossível enganar a quem traça sua regra de vida não segundo o próprio julgamento, mas conforme o exemplo dos mais velhos. Pois toda a esperteza do inimigo não é capaz de prevalecer sobre a ignorância de um homem que não consegue ocultar, por falsa vergonha, todos os pensamentos que lhe nascem no coração, mas, ao contrário, os submete ao maduro critério dos anciãos para saber se deve acolhê-los ou rejeitá-los.

Um pensamento maligno, tão logo seja revelado, se dissipa. E, antes mesmo que o julgamento da discrição pronuncie a sentença a seu respeito, a funesta serpente, arrancada por assim dizer, a seu antro subterrâneo e tenebroso pela força da confissão, é exposta à luz e, aviltada, bate em retirada. Pois, suas sugestões perniciosas só nos podem dominar enquanto permanecem ocultas no coração.

Para que possais entender com mais eficácia o valor dessa sentença, contar-vos-ei um fato que o abade Sarapião frequentemente costumava relatar aos mais jovens, para lhes servir de

instrução.

11 - Palavras do abade Sarapião sobre a dissipação dos pensamentos quando confessados e ainda sobre o perigo da autoconfiança

Eu não passava de uma criança e morava em companhia do abade Theon, quando o inimigo, por constantes investidas, me levou ao seguinte hábito. Diariamente, após a refeição da hora nona, eu pegava às escondidas um pãozinho e o ocultava no peito, para comê-lo à noite em segredo, com o desconhecimento do ancião. Assim, praticava eu um furto continuado, e essa paixão enraizada eu não mais podia dominar. Acontecia porém que, uma vez saciada minha fraudulenta concupiscência, caía em mim, e mais me atormentava a falta cometida do que me deliciara o prazer do pãozinho subtraído. Isso passou a ser para mim um sofrimento penosíssimo. Sentia-me, de certo modo, como um hebreu no Egito, forçado pelos inspetores do Faraó a empreender uma tarefa por demais pesada uma vez que, nem conseguia libertar-me daquela cruel tirania, nem, por demais envergonhado, tinha coragem de manifestar ao ancião meu furto clandestino (sic).

Ora, aconteceu um dia, por vontade de Deus, que me queria livrar desse cativeiro, virem alguns irmãos à cela do abade, em busca de algumas palavras edificantes (cf. Ex 5). Terminada a refeição, teve início a conferência espiritual.

Para responder às perguntas que lhe faziam, o ancião discorreu sobre o vício da gula e os pensamentos ocultos, mostrando-lhes em que consistiam e como exerciam sua cruel tirania quando não revelados.

Compungido pela força daquela conferência e amedrontado pela voz da consciência que me acusava, tive a impressão de que o ancião falara daquelas coisas, porque o Senhor lhe havia revelado o segredo de meu coração.

Primeiramente com gemidos sufocados, mas, depois, intensificando-se meu arrependimento, prorrompi em soluços e, em meio às lágrimas, tirei do peito, que fora meu cúmplice e receptor, o pãozinho que, de acordo com meu vicioso costume, eu subtraíra.

Prostrado por terra, exibindo-o às claras e pedindo perdão, confessei como o comia cada dia, às escondidas. E, no meio de profusas lágrimas, roguei a todos que me obtivessem do Senhor a libertação de um tão cruel cativeiro. Então assim falou o ancião: Tem confiança, meu filho, pois, sem que eu proferisse uma única palavra, tua confissão te libertou. Triunfaste, hoje, de teu adversário até agora vitorioso. Por tua confissão, o venceste mais completamente do que ele te havia subjugado por causa de teu silêncio. Como jamais uma palavra tua ou de outro o tivessem reprimido, tu lhe havias dado até agora o poder de dominar-te, segundo a sentença de Salomão: *Porque ninguém contradiz aqueles que fazem o mal, o coração dos filhos dos homens se enchem de projetos malignos* (Ecl 8,11). Por isso, denunciando-o, destituíste o espírito de malícia do poder de te inquietar doravante. Também essa iníqua serpente não mais encontrará em ti esconderijo, pois, após tua salutar confissão, foi arrastada das trevas do teu coração para a claridade da luz. Mal o ancião terminara de falar, saiu de meu peito uma lâmpada acesa, enchendo a terra de um cheiro de enxofre tão forte que mal podíamos ali permanecer.

Retomando a sua admoestação, assim falou o ancião: Vê como o Senhor confirmou as minhas palavras. Pois quis que visses, com teus olhos, o instigador daquela paixão expulso de teu coração por tua salutar confissão. Assim, poderás reconhecer por essa fuga que o inimigo, uma vez descoberto, não teria mais lugar dentro de ti.

E aconteceu tudo como dissera o ancião. Pela virtude de minha confissão, o domínio tirânico do demônio foi extinto. O demônio nem mesmo tentou reavivar em mim a lembrança da minha concupiscência. E também nunca mais suscitou em mim o desejo de roubar. É este o sentido da analogia tão bem expressa pelo Eclesiastes: *Se a serpente morde sem nenhum silvo, não há lugar para o encantador* (Ecl 10,11). Com tais palavras ele assinala como é fatal a mordida de uma serpente silenciosa, isto é, a sugestão ou o pensamento diabólico não manifestado pela confissão a um encantador, a saber, a um homem espiritual e acostumado a encontrar, nas palavras mágicas e poderosas da Escritura, um pronto remédio para as mordidas da serpente e um instrumento eficaz para expulsar do coração seu veneno fatal. Sem essa experiência, ele não poderia nos socorrer em tal perigo, nem nos defender contra a morte. O meio, pois, de alcançar a ciência da autêntica discrição é seguir as pegadas dos anciãos. Não tenhamos a presunção de inovar ou de confiar em nosso próprio critério, mas, ao contrário, procuremos, em todas as circunstâncias, seguir as tradições e a santidade de vida que nossos maiores nos ensinam. Quem se firma nessas instituições, não apenas alcançará a perfeita discrição, como também ficará inteiramente a salvo das insídias do inimigo.

Em contrapartida, não existe vício mediante o qual o demônio tenha mais facilidade em derrotar o monge e levá-lo à perdição do que o desprezo pelos conselhos dos anciãos e a confiança em seu próprio julgamento e critério pessoal.

De fato, todas as artes e disciplinas inventadas pelo gênio do homem, e que só visam à comodidade da vida presente, permanecendo no domínio do visível e do palpável, exigem um mestre para que sejam corretamente aprofundadas. Quão absurdo seria, pois, acreditar que tão somente nossa profissão, que é invisível e oculta, poderia dispensar um guia, ela que só é apreensível por um coração puríssimo. Porque um erro em nossa doutrina não acarretaria apenas um dano temporal e de fácil reparação, mas a perda da alma e a morte eterna.

Pois, ela combate dia e noite inimigos que não são visíveis, porém, invisíveis e cruéis. É um combate espiritual, não contra um ou dois, mas contra legiões inumeráveis em que o risco é tanto mais temível quanto mais hostil for o inimigo e o ataque mais secreto.

Por isso é que devemos com a maior cautela seguir a tradição dos anciãos e, depondo o véu da vergonha, revelar-lhes todos os pensamentos que nos nascem no coração.

12 - Reconhecimento da vergonha que experimentamos quando revelamos nossos pensamentos aos anciãos

Germano: A principal causa que produz essa perniciosa vergonha que nos incita a esconder nossos maus pensamentos provém de fatos como os que acabamos de conhecer. Isso, também, aconteceu a certo monge da Síria, tido como o primeiro

entre os anciãos. Ora, vindo um irmão ter com ele, para humildemente confessar-lhe seus pensamentos, esse monge nada encontrou de melhor, em um momento de cólera, do que censurá-lo rispidamente. Por isso acontece que, muitas vezes, acabamos por reprimir tais pensamentos, envergonhados de manifestá-los aos anciãos, privando-nos, assim de obter seus remédios.

13 - Resposta sobre a necessidade de se calcar a vergonha e sobre o perigo de se faltar à compaixão

Moisés: Assim como nem todos os jovens são fervorosos ou bem formados nos melhores ensinamentos e costumes, também nem todos os anciãos possuem o mesmo grau de virtude e perfeição. Pois a verdadeira riqueza que possuem não se acha em seus cabelos brancos, mas no zelo que tiveram na juventude e nos trabalhos que realizaram. *O que não ajuntaste na tua juventude* – diz a Escritura – *como o encontrarás na velhice?* (Eclo 25,5). *Velhice venerável não é longevidade, nem é medida pelo número dos anos; as cãs do homem são a inteligência e a velhice, uma vida imaculada* (Sb 4,8-9).

Assim sendo, não devemos seguir os passos ou acolher a doutrina e os conselhos de todos os anciãos, só porque têm a cabeça branca e a vida longeva, mas, apenas, daqueles que soubermos que, em sua juventude, levaram uma vida digna de estima e reconhecimento, e se formaram na tradição dos antigos e não em suas próprias ideias orgulhosas.

Porquanto são muitos ou, antes, os mais numerosos, o que é lamentável, os que envelheceram na tibieza e no relaxa-

mento, que deles se apossaram desde a adolescência, e que só conquistaram autoridade não pela maturidade de vida, mas pela longevidade. Esses, pois, merecem com razão a censura do Senhor, pronunciada pela boca do profeta: *Os estrangeiros devoram o seu vigor, mas ele não se dá conta. Até mesmo os cabelos brancos se espalham nele, mas ele não se dá conta* (Os 7,9). Declaro, pois, que esses se tornaram exemplos para os mais novos não pela santidade de vida nem pelo empenho em realizar o ideal monástico, o que nos levaria a estimá-los e a imitá-los, mas somente pela idade provecta.

O astucioso inimigo, usa suas cãs como prova antecipada de autoridade para iludir os mais jovens e se apressa, com capciosa habilidade, a mostrar-lhes os exemplos de tais anciãos para fazer cair e enganar, mesmo os que se haviam engajado no caminho da perfeição, seguindo o conselho de outros ou a própria inspiração. Assim, o demônio os conduz, pela doutrina e modelo de vida de tais anciãos, a uma frieza fatal e a um mortal desespero.

Para vos dar um exemplo a esse respeito, vou contar-vos um fato real, que vos pode servir de útil instrução. Calarei, porém, o nome do autor para não cair no erro daquele que publicou as faltas que um irmão lhe revelara.

Certo dia um jovem, que não era dos menos fervorosos, foi ter com um ancião que eu bem conhecia, em busca de progresso e de cura para seus males. Com simplicidade, confessou-lhe o jovem que era atormentado pelo aguilhão da carne e pelo espírito de fornicação. Julgava que encontraria na oração do ancião consolação para seus sofrimentos e remédio para seus males. O ancião, porém, passou a lançar-lhe em rosto palavras amargas,

chamando-o aos gritos de miserável e indigno, dizendo-lhe que nem sequer devia ser chamado monge, quem se mostrava sensível a esse gênero de vício e de concupiscência. E tão ferido ficou o jovem por tal condenação que, mergulhando em profundo desespero, acabou por abandonar a cela.

Tal era a depressão em que se achava, que quase já nem pensava em debelar seu mal, mas, sim, em satisfazer sua concupiscência. Por isso estava ele mergulhado naquele pensamento, quando encontrou o abade Apolo, o mais respeitado dos anciãos. Ao vê-lo de tal forma abatido, compreendeu o abade a violência e o sofrimento do combate que se travava naquele coração.

O ancião falou-lhe com doçura, perguntando-lhe a causa de tamanha perturbação. O outro nada conseguia responder. Pressentindo o ancião que não era sem motivo que o monge queria esconder pelo silêncio a causa de tanto sofrimento, recomeçou a perguntar insistentemente o motivo daquela dor oculta.

Coagido por tanta insistência o monge, finalmente, confessou tudo. Ele ia se dirigir à próxima aldeia com a intenção de casar-se e de voltar ao mundo, abandonando o mosteiro, já que, de acordo com o que lhe dissera o outro ancião, ele não era capaz de ser monge nem de refrear os estímulos da carne ou de conseguir um remédio para suas tentações.

Apolo pôs-se então a consolá-lo, com palavras cheias de compaixão e garantiu-lhe que, também, ele próprio era assediado diariamente pelo aguilhão e pelos ardores da concupiscência. Não devia o monge, por isso, desesperar-se ou admirar-se da violência das tentações. Aliás o triunfo das mesmas não tem por causa nossos esforços, mas a misericórdia do Senhor e sua graça.

Terminou por pedir-lhe a trégua de um único dia, rogando-lhe que voltasse à sua cela, enquanto ele próprio se dirigiria ao mosteiro[6] do outro ancião. Ao aproximar-se dele, pôs-se a rezar com lágrimas e com os braços estendidos, exclamando: "Senhor, só vós sois o juiz compassivo e o médico secreto das forças e da fragilidade de cada um. Fazei passar a tentação do jovem para aquele ancião, a fim de que aprenda, em sua velhice, a ser condescendente com a fraqueza dos aflitos e misericordioso com a fragilidade dos mais novos". Mal terminara essa oração, a gemer, que se deparou com um horrendo etíope de pé, diante da cela do ancião, atirando contra ele dardos de fogo. Atingido por eles, saiu o ancião de sua cela e, como um ébrio ou alguém que perdeu a razão, começou a correr em todas as direções. Entrando e saindo, sem poder permanecer na cela, tomou apressadamente o mesmo caminho por onde saíra aquele jovem. Quando o abade Apolo o viu como um demente ou um homem que parecia agitado pelas Fúrias, compreendeu que o dardo inflamado que vira na mão do demônio penetrara-lhe o coração, causando-lhe toda aquela perturbação dos sentidos e confusão da mente.

Aproximando-se, pois, do ancião, perguntou-lhe: "Para onde vais tão apressado, que te esqueces da circunspeção própria da tua idade e te agitas e corres de um lado para o outro como uma criança?"

Confuso, por causa da acusação de sua consciência e de sua vergonhosa agitação, ele julga que a paixão de sua alma foi descoberta e os segredos de seu coração foram manifestados ao

[6] Mosteiro é a habitação do monge solitário. Somente mais tarde passará a ter o sentido atual, indicando o lugar onde vive uma comunidade monástica, o cenóbio.

ancião. Por isso, não ousa responder às perguntas do ancião, que acaba por lhe dizer: Volta para a tua cela e compreende, finalmente, que o demônio, até agora te ignorou ou te desprezou, não te considerando do número daqueles cujos progressos e esforços o instigam a combatê-los continuamente. Depois de tantos anos de profissão monástica, não foste capaz, já não digo, de rechaçar, mas nem mesmo atrasar por um só dia, o único dardo que ele te lançou. O Senhor permitiu que, ao menos na tua velhice, fosses ferido a fim de que, por teu próprio exemplo e experiência, aprendesses a ter compaixão e condescender com a fragilidade dos mais novos. Ao receberes um jovem em luta contra os ataques do demônio, em lugar de acalmá-lo com tuas consolações, acabaste por entregá-lo, por um funesto desespero, nas mãos do inimigo para ser tristemente devorado porquanto nada fizeste para impedir esse fato?

O inimigo, que até agora não se empenhou em te atacar, não o teria agredido com tanta violência, se, prevendo com inveja o seu futuro progresso, não tentasse impedir por antecipação, com seus dardos de fogo, a virtude que ele percebia existir naquele jovem. Seguramente, ele o julgou mais forte, pois considerou útil atacá-lo com tamanha violência.

Aprende, pois, com teu próprio exemplo, a compadecer-te dos que estão sofrendo e a não apavorar os que estão em perigo com um desespero fatal e, ainda, a não exasperá-los com palavras tão duras. Aprende, ao contrário, a confortá-los com palavras consoladoras e indulgentes. Seguirás assim o preceito do sábio Salomão: *Não deixes de livrar os que são arrastados à morte, nem de salvar os que estão sendo exterminados* (Pr 24,11).

Assim, a exemplo de nosso Salvador, não esmagues o caniço já quebrado, nem apagues a mecha fumegante (cf. Mt 12,20). Aprende a suplicar ao Senhor que te conceda aquela graça pela qual poderás cantar com toda confiança e verdade: *O Senhor me deu uma língua instruída para que eu saiba sustentar pela palavra aquele que está sucumbido* (Is 50,4).

Ninguém, de fato, poderia resistir às ciladas do inimigo nem extinguir ou reprimir as paixões carnais que nos queimam como fogo, de certo modo alimentado pela própria natureza, se a graça de Deus não viesse em auxílio de nossa fragilidade, protegendo-a e fortificando-a.

Por isso, tendo chegado ao término essa obra divina de salvação, pela qual o Senhor quis libertar aquele jovem de tão perniciosa tentação e te ensinar os sentimentos de compaixão, vamos juntos implorar ao mesmo Senhor que ponha fim à provação com a qual ele se dignou te infligir para teu bem. *Porque ele fere e pensa a ferida; golpeia e cura com suas mãos* (Jó 5,18). *Ele humilha e eleva, faz morrer e dá a vida, lança nos infernos e de lá retira* (1Rs 2,6-7). Que ele apague, pelo orvalho abundante de seu Espírito, os dardos inflamados do demônio os quais, a meu pedido, permitiu que te ferissem.

Bastou aquela única oração do abade para que o Senhor livrasse aquele monge da tentação, tão prontamente como a permitira. Aquela experiência mostrou-lhe que devemos não só nos abster de censurar alguém que nos revela as suas faltas, como também não desprezar seus sofrimentos mesmo que leves.

De modo algum a inexperiência ou a leviandade de um

ou de certos anciãos, cujas cãs o inimigo usa para enganar os mais novos, deve vos fazer sair ou desviar do caminho de salvação e dos ensinamentos dos maiores de que já falamos.

Convém, pois, tudo manifestar aos anciãos sem qualquer constrangimento vergonhoso, e receber deles, com a maior confiança, os remédios para nossas feridas e os exemplos de uma vida de conversão. Com isso encontraremos ajuda e proveito, se nada tentarmos empreender segundo o nosso próprio critério e presunção.

14 - A vocação de Samuel

A Deus apraz tanto esse comportamento que podemos observá-lo nas Sagradas Escrituras, como no caso da vocação de Samuel a quem, de acordo com seu desígnio, Deus elegeu. Todavia, em lugar de instruir o menino diretamente na ciência do colóquio divino, deixou-o recorrer uma e duas vezes a um ancião (cf. 1Rs 3). Aquele a quem Deus destinara a um diálogo divino, desejava-o instruído por um homem que o ofendera, pela única razão de se tratar de um ancião. Após achar Samuel digno de uma vocação tão elevada, o Senhor prefere submetê-lo à direção de um homem mais velho, a fim de provar a humildade daquele que ele destina a um ministério divino, propondo, assim, aos mais novos um modelo de submissão.

15 - A vocação do apóstolo Paulo

Contudo, em se tratando do apóstolo Paulo, Cristo o chama e com ele fala pessoalmente. Não poderia, porventura,

revelar-lhe imediatamente o caminho da perfeição? No entanto, ele prefere enviá-lo a Ananias a fim de que aprenda com ele o caminho da verdade: *Levanta-te, entra na cidade, e lá te dirão o que é preciso fazer* (At 9,6).

Ele o remete, portanto, a um ancião e julga preferível que esse o instrua a fazê-lo pessoalmente, para não acontecer, que aquilo que teria sido justo em relação a Paulo, consistisse para o futuro um mau exemplo de presunção, quando cada um se convencesse de que se deveria ater somente a Deus como mestre e diretor, dispensando a formação na escola dos antigos.

O próprio Apóstolo é o primeiro a ensinar, não só por seus escritos como também por seus exemplos e suas obras, o repúdio que nos deve inspirar tal presunção. É só por isso, como assevera, que vai a Jerusalém, a fim de comunicar a seus irmãos e predecessores no apostolado, em uma espécie de exame privado e em família, o evangelho que anunciava aos gentios, com grande acompanhamento de graças do Espírito Santo e com muitos sinais e prodígios. *Expus-lhes o evangelho que prego aos gentios, a fim de não correr ou ter corrido em vão* (Gl 2,2).

Quem, portanto, seria tão presunçoso e cego a ponto de ousar se fiar em seu próprio julgamento e em sua discrição, quando esse Vaso de eleição testemunha que teve necessidade de conferenciar com seus irmãos de apostolado? Temos aí uma prova bem nítida de que o Senhor não revela a pessoa alguma o caminho da perfeição, quando ela tem algum ancião que a possa instruir, mas não recorre a este por desprezar sua doutrina e regra de vida, desdenhando aquela palavra que deveria observar

com o maior zelo: *Interroga o teu pai, e ele te ensinará; os teus anciãos e eles te ensinarão* (Dt 32,7).

16 - O dever de buscar a discrição

Esforcemo-nos, portanto, com toda a nossa capacidade, para alcançar, por meio da humildade, o bem da discrição, que é capaz de nos guardar imunes dos dois excessos opostos. É antigo o provérbio que diz: ἀκρότητες ἰσότητες. Os extremos se tocam.

Pois o jejum exagerado e a voracidade levam a um mesmo fim. Vigílias imoderadas são tão perniciosas para o monge, quanto o torpor do sono pesado. Privações excessivas debilitam e acabam por levar o monge a um estado de apatia e negligência. Vimos, muitas vezes, os que resistiram à gula fracassar por causa de jejuns excessivos, devido ao seu enfraquecimento, já que a paixão que venceram tornara-os vulneráveis.

Também noites em claro e vigílias irracionais sobrepujaram alguns que o sono não conseguira dominar.

Por esse motivo, como diz o Apóstolo: *Pelas armas ofensivas e defensivas da justiça* (2Cor 6,7), devemos caminhar e passar entre os dois extremos, tendo por guia a discrição. Assim, na prática da abstinência, jamais devemos consentir em sair do caminho ensinado, como também não devemos cair num relaxamento nocivo pelo desejo da gula e da intemperança.

17 - As vigílias e os jejuns excessivos

Recordo-me, na verdade de, por mais de uma vez, ter desprezado tão completamente o apetite pelo alimento, que chega-

va a passar dois ou três dias sem comer, pois sequer me vinha à lembrança a ideia de romper a abstinência. Por outro lado, porém, por obra do demônio, passei por tal insônia que, durante vários dias e noites, supliquei ao Senhor a graça de alguns momentos de sono para os meus olhos. Senti, então, perfeitamente, que aquela repugnância pelo sono e pelo alimento me eram mais prejudiciais que os assaltos da gula ou da preguiça. É necessário, portanto, que nos esforcemos em não cair por nefasto relaxamento nos prazeres corporais, mas também é preciso que zelemos para não tomarmos o alimento antes da hora estabelecida ou não nos excedermos em sua medida. Convém, outrossim, que a hora fixada para o alimento ou o sono seja observada, qualquer que seja a repugnância que se possa ter. Uma e outra guerra têm por autor o demônio; no entanto, a abstinência imoderada é mais perniciosa que a saciedade relaxada. Da última, por uma compunção salutar, pode-se voltar à austeridade; da outra, porém, o caminho é irreversível.[7]

18 - Pergunta sobre a medida da abstinência e do alimento

Germano: Qual seria, então, a medida da abstinência que devemos observar com justa moderação para caminharmos incólumes entre os excessos opostos?

19 - A melhor medida para a refeição cotidiana

Moisés: Lembro-me de que nossos maiores, por diversas vezes, trataram de tal questão.

[7] Em consequência da excessiva fraqueza.

Depois de discutirem as práticas estabelecidas por diversos monges que se contentaram, permanentemente, em ter como alimento apenas legumes ou hortaliças e mais algumas frutas, acharam preferível que a refeição constasse somente de pão, fixando, como a medida mais equilibrada dois "paxamátia", isto é, dois pequenos pães que, juntos, pesam quase uma libra.[8]

20 - Objeção sobre a facilidade de tal dieta

Agradecendo essa resposta, declaramos que não considerávamos tal medida uma verdadeira abstinência, uma vez que jamais conseguiríamos comê-la completamente.

21 - Resposta sobre a austeridade desse regime quando é fielmente observado

Moisés: Se quereis experimentar a força desse regime, observai fielmente a medida indicada, sem acrescentar aos domingos ou sábados ou na ocasião da visita dos irmãos, nenhum alimento cozido.

De fato o corpo, refeito por esses abrandamentos, é capaz de satisfazer-se com menor quantidade de alimento nos outros dias, isto é, jejuar integralmente sem muita fadiga, podendo até transferir para o dia seguinte a refeição completa.

Mas, quem se limita sempre à quantidade indicada e à dieta estabelecida não é capaz de ficar dois dias sem a refeição de pães. Lembro-me de que alguns de nossos anciãos, e incluo-me também nessa lembrança, tiveram tanta dificuldade na parci-

[8] Não se sabe ao certo a que corresponde essa libra. Talvez, aproximadamente a 340g.

mônia dessa dieta e a observaram com tal esforço e fome que, penosamente e contra a vontade, se levantavam da mesa, não sem tristeza e gemidos.

22 - Sobre a medida do alimento e a abstinência, em geral

Eis a regra geral a seguir sobre a abstinência: cada um tome, de acordo com suas forças e idade, o alimento que lhe for necessário para o seu sustento, e não o que o apetite lhe pedir para sua plena satisfação.

Sofre prejuízo bastante sério quem ora se atém a uma austeridade rigorosa, ora se entrega aos excessos de comida. Assim como a mente, esgotada pela falta de alimento, perde sua energia e não é capaz de orar sem fastio, pois o cansaço extremo do corpo a leva à sonolência, por outro lado, os excessos na comida a tornam pesada, impedindo-a de elevar a Deus preces puras e espontâneas. A própria castidade dificilmente se conservará inviolável, pois, nos mesmos dias em que a carne parece ser castigada por uma abstinência mais rigorosa, a intemperança da véspera acenderá ainda o fogo da concupiscência.

23 - Como se deve moderar a abundância dos humores

Com efeito, o que uma vez foi armazenado nas entranhas pela fartura dos alimentos será necessariamente digerido e eliminado pela própria lei da natureza, que rejeita, como prejudicial, a exuberância de qualquer humor[9] supérfluo.

[9] Acreditava-se que o organismo possuía quatro tipos de humores: o sangue, a fleuma, a bílis amarela e a bílis negra. Deles dependiam as características do temperamento e a saúde do corpo.

Devemos, por isso, castigar nosso corpo sempre com uma razoável e equânime parcimônia a fim de que, não nos sendo possível fugir a essa necessidade natural, enquanto moramos na carne, o curso do ano não nos encontre, senão muito raramente, e não mais que duas ou três vezes, cobertos por tais impurezas. E até isso, porém, se passe durante um sono tranquilo, sem nenhum prurido, e não provocado por imagens ilusórias, sinais de uma volúpia escondida. Por esse motivo, foram calculadas, com um seguro critério de proporções, a uniformidade e a medida da abstinência, comprovada pelo discernimento de nossos Pais: uma refeição diária de pão, que não sacie o desejo de comer. Por esse meio, a alma e o corpo estarão sempre no mesmo estado, nem abatidos pelo jejum, nem entorpecidos pela saciedade. Com dieta tão frugal, muitas vezes, ao entardecer, nem a lembrança nos resta da refeição já feita.

24 - A mortificação causada pela uniformidade dessa refeição e a gula do irmão Benjamim

A prova de que isso não se pratica sem esforço é que os monges que ignoram a perfeição da discrição preferem prorrogar seu jejum por dois dias e reservar para o dia seguinte o que deviam comer hoje, contanto que, chegada a hora da refeição, comam à vontade. Tal foi o que recentemente fez, como sabeis, vosso compatriota Benjamim. Para escapar àquela penitência sempre igual e à contínua sobriedade dos dois pães cotidianos, preferiu prorrogar seu jejum durante dois dias para, na refeição do terceiro dia, satisfazer sua gula com uma dupla ração. Vale dizer, comendo quatro "paxamatia" daria vazão à sua desejada

saciedade, antecipando, simultaneamente, a satisfação de poder empanturrar-se. Assim, preferiu, com obstinação, seguir seu capricho a obedecer aos ensinamentos dos anciãos. Deveis estar lembrados do fim que teve sua vocação. Abandonou o deserto e retornou à vã filosofia do mundo e à vaidade deste século.

Sua queda é um exemplo em favor da tradição dos anciãos que ensina a todos que ninguém, confiando em suas próprias concepções e decisões, é capaz de chegar ao cume da perfeição. Mais ainda, quem assim procede acaba por cair nos capciosos artifícios demoníacos.

25 - Pergunta sobre o modo de conservar sempre a mesma medida

Germano: Como, pois, poderemos observar sem interrupção a mesma medida?

Muitas vezes, de fato, depois de rompida a "estação" do jejum[10] à hora nona, chegam alguns irmãos. Convém, assim, em consideração a esses hóspedes, acrescentar algo à medida estabelecida ou faltar à hospitalidade que devemos oferecer a todos.

26 - Resposta sobre o modo de se evitar qualquer excesso na medida da refeição

Moisés: Convém observar os dois preceitos com igual empenho. É evidente que, se por um lado devemos ter o maior escrúpulo em relação à medida do alimento, por amor à tem-

[10] *Estação* significa, na linguagem cristã da antiguidade, um exercício facultativo de oração e de jejum, às quartas e sextas-feiras de cada semana. O jejum estacional consistia, segundo Tertuliano (*De jejun.*, 11) em retardar a refeição até depois da hora nona (aproximadamente, às 15 horas).

perança e à pureza; por outro lado, porém, é necessário oferecer aos irmãos recém-chegados, em nome da caridade, a hospitalidade e o consolo fraternos. Pois seria um contrassenso receber um irmão, ou melhor, o Cristo em tua mesa e não participar de sua refeição ou a ela ficar alheio.

Mas eis uma alternativa em que nada deixaremos a desejar em nenhuma das situações: à hora nona, comamos apenas um dos pães a que a nossa regra nos dá direito e reservemos outro para a tarde, na expectativa de alguma visita. Então se, de fato, chegar algum irmão, comeremos aquele pão em sua companhia e nada acrescentaremos à medida habitual. Dessa maneira, a chegada do irmão não será causa de nenhuma tristeza, uma vez que essa visita nos deve trazer a maior alegria. Assim, a hospitalidade será observada e nada será omitido ao rigor de nossa abstinência.

No entanto, se ninguém vier, poderemos ainda comer o outro pão o que nos é permitido pela própria regra canônica.

Nesse caso, nosso estômago não se ressentirá da parcimônia na refeição da tarde, pois à hora nona já recebeu um dos dois pães. Com isso, evitamos o inconveniente que habitualmente experimentam os que costumam protelar sua refeição completa até a tarde, sob pretexto da observância de uma abstinência mais rigorosa. Acontece, por causa dessa refeição tardia, que não conseguem encontrar em suas preces vespertinas e noturnas a leveza e a espontaneidade do sentimento.

Por isso, a refeição da hora nona é conveniente e proveitosa, pois assim o monge se encontra livre e desembaraçado para

as vigílias noturnas e mesmo para a solenidade das Vésperas, uma vez que a digestão já foi feita.

Por duas vezes, o santo abade Moisés nos nutrira com as iguarias de suas instruções. Na última conferência, mostrou-nos a graça e a virtude da discrição. Na anterior nos havia falado do caráter de nossa renúncia, do escopo e do fim da profissão monástica.

Assim, o que antes buscávamos somente com fervor de espírito e zelo de Deus, mas, de certo modo, com os olhos cerrados, nos foi revelado com uma clareza maior que a do dia. Percebemos, também, quanto ainda estávamos longe da pureza de coração e da sua verdadeira direção. Pois, na verdade, mesmo a aprendizagem das artes visíveis deste mundo exige um escopo definido e não pode ser alcançada sem a contemplação de um fim determinado.

III

CONFERÊNCIA DO ABADE PAFNÚCIO

As Três Renúncias

1 - A maneira de viver do abade Pafnúcio

Naquela multidão de santos que, como astros puríssimos, refulgiam na noite deste mundo, vimos brilhar o santo Pafnúcio, cuja ciência resplendia como um grande luzeiro.

Era ele o presbítero da comunidade monástica que habitava o deserto de Cétia. Ali viveu o santo abade até a extrema velhice, sem jamais abandonar a cela onde morara quando mais jovem, que distava cinco milhas da igreja. Conquanto se achasse extremamente cansado pelos anos, não aceitou trocá-la por outra mais próxima, que pudesse poupá-lo de tão longa caminhada, ao se dirigir à igreja, aos sábados e domingos. E, por não querer voltar de lá de mãos vazias, ele mesmo carregava nos ombros o vaso de água que beberia durante toda a semana, não admitindo, apesar de seus noventa anos, que outros mais jovens lhe prestassem esse serviço.

Desde sua adolescência, entregou-se com tal ardor à escola dos cenobitas que, embora ali tivesse permanecido por pouco

tempo, enriqueceu o espírito com o bem da submissão e a ciência de todas as virtudes.

Formado na escola da humildade e da obediência, aprendeu, ao praticá-las, a mortificar todas as suas vontades, extinguindo desse modo todos os seus vícios e tornando-se perfeito em todas as virtudes que a instituição monástica e a doutrina de nossos Pais mais antigos fizeram germinar.

Assim, inflamado pelo ardor de uma perfeição ainda mais elevada, apressou-se em penetrar nas regiões mais longínquas do deserto, pois, vivendo entre uma multidão de irmãos, tinha sede de aderir inseparavelmente ao Senhor, unindo-se a ele mais facilmente, afastado de qualquer convívio humano que o pudesse distrair.

Ali, seu grande fervor superou as virtudes dos próprios anacoretas, no anseio e na busca daquela incessante contemplação de Deus e, fugindo ao olhar de todos os homens, escondeu-se nas solidões mais secretas e inacessíveis, onde permanecia por longo tempo, e onde os próprios anacoretas, muito raramente e não sem grande dificuldade, conseguiam encontrá-lo.

2 - Discurso do ancião e nossa resposta

Desejosos de nos instruirmos com o ensinamento de tal mestre, chegamos à sua cela ao entardecer. Primeiramente permaneceu em silêncio durante algum tempo, depois começou a elogiar nosso propósito, pois, tendo deixado nossa pátria e atravessado por amor ao Senhor tantas regiões, estávamos dispostos a suportar o despojamento do deserto e sua infinita solidão, e a vida dos anacoretas, tão rigorosa que eles próprios mal podiam

suportar, apesar de nascidos e educados nos mesmos excessos e em igual indigência.

Respondemos-lhe que vínhamos em busca de sua doutrina e magistério, a fim de nos imbuirmos de seus ensinamentos e recebermos a marca da perfeição cujos inúmeros testemunhos haviam chegado até nós. Todavia, não estávamos, de modo algum, à espera de elogios que só nos poderiam prejudicar, já que não os merecíamos. Tampouco queríamos que seu discurso nos inflasse o orgulho, uma vez que, mesmo em nossas celas, o inimigo não costumava nos poupar com sugestões a esse respeito. Pedimos-lhe, pois, as palavras que nos levassem à compunção e à humildade e não as que nos lisonjeassem ou inspirassem orgulho.

3 - Exposição do abade Pafnúcio sobre as três espécies de vocação e os três tipos de renúncia

Então, assim falou o santo abade Pafnúcio: Há três graus de vocações e igualmente três tipos de renúncias, todas indispensáveis aos monges, qualquer que seja a ordem de sua vocação.

Em primeiro lugar, tal classificação exige um sério exame. Pois, se, na verdade, reconhecemos, na maneira pela qual fomos chamados ao culto de Deus, o mais alto grau de vocação, compete-nos conformar nossa vida a essa sublimidade. Começar de modo muito elevado de nada adianta se não chegarmos a um término igualmente perfeito. Ao contrário, se percebemos que Deus nos arrancou ao mundo por uma vocação de ordem mais humilde, quanto mais modestos, no princípio, forem nossos progressos religiosos, tanto mais nos empenharemos em nosso

fervor espiritual para que, no fim, apresentemos um resultado melhor do que foi nosso início.

É necessário, também, que conheçamos profundamente a questão da tríplice renúncia, pois a perfeição nos seria de todo inacessível se as ignoramos, ou se, conhecendo-as, não lutamos para colocá-las em prática.

4 - Exposição sobre as três vocações

Para que sejam explicadas, em termos distintos, essas três espécies de vocação, diremos que a primeira vem do próprio Deus, a segunda do homem, e a terceira provém da necessidade. A vocação vem diretamente de Deus, todas as vezes que ele envia ao nosso coração alguma inspiração que, mesmo nos encontrando profundamente adormecidos, desperta em nós o desejo da vida eterna e da salvação e nos exorta, por uma compunção salutar, a aderir a Deus e seguir seus preceitos.

Assim, lemos nas Santas Escrituras que Abraão foi chamado pela voz divina para longe da terra natal, das afeições da família e da terra de seu pai. *Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai,* lhe diz o Senhor (Gn 12,1).

Sabemos, também, que somente Deus propiciou ao bem-aventurado Antão a oportunidade para sua conversão. Porquanto, um dia, ao entrar em uma igreja, ouviu o Senhor que proclamava no Evangelho: *Quem não odeia pai e mãe, filhos e mulher e campo e até a própria vida não pode ser meu discípulo* (Lc 14,26). E em seguida: *Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me* (Mt 19,21).

Pareceu, pois, a Antão que esse conselho lhe era pessoal-

mente dirigido. Com profunda compunção, na mesma hora, renuncia a tudo e segue o Cristo, sem que tal propósito tenha sido provocado por qualquer conselho ou ensinamento humano.

A segunda espécie de vocação, já dissemos, é a que tem o homem como origem. Nesse caso, são as exortações das pessoas santas que suscitam em nós o desejo da salvação. Assim, lembro-me de ter sido chamado, por uma graça do Senhor quando, tocado pelos conselhos e as virtudes do bem-aventurado Antão, busquei a solidão, consagrando-me à profissão monástica. Foi desse modo também, de acordo com as Sagradas Escrituras, que os filhos de Israel foram libertados da servidão do Egito por intermédio de Moisés.

Quanto à terceira espécie de vocação, é a que provém da necessidade. Enredados que estávamos pelas riquezas e prazeres deste mundo, de repente, cai sobre nós a provação, concretizada ora pela ameaça de um perigo mortal, ora pela perda ou confisco dos bens, ora ainda pelo sofrimento ou pela morte de entes queridos. Então nós, que tínhamos deixado de seguir a Deus na prosperidade, somos impelidos, na infelicidade, a correr para ele contra nossa vontade.

Aliás, lemos nas Escrituras muitos exemplos dessa vocação por necessidade. Foi assim que, entregues pelo Senhor aos inimigos como punição de seus pecados, os filhos de Israel acabaram por se converter, sob a excessiva e cruel tirania que os oprimia. *E gritaram ao Senhor que lhes suscitou um salvador e os libertou na pessoa de Aod, filho de Gera, filho de Iemini, que usava ambas as mãos como a direita* (Jz 3,15). E encontramos, ainda, em outro lugar: *Clamaram ao Senhor que lhes suscitou um salvador*

para os libertar, Otoniel, filho de Genez, irmão mais novo de Caleb (id. 14,26).

Eis, também, as palavras do salmo que falam de comportamento análogo: *Quando os feria, eles, então, o procuravam, convertiam-se correndo para ele; recordavam que o Senhor é sua rocha e que Deus, seu Redentor é o Deus Altíssimo* (Sl 77,34-35). E mais: *Gritaram ao Senhor na aflição, e Ele os libertou daquela angústia* (Sl 106,19).

5 - A vocação mais nobre de nada serve para o preguiçoso, nem a menos elevada é um obstáculo para o fervoroso

Dessas três espécies de vocação, as duas primeiras parecem de origem mais sublime. No entanto, muitas vezes, encontramos certos religiosos que, oriundos do terceiro grau, aparentemente o menos elevado e concebido com menos piedade, se transformaram em homens de vida perfeita e de espírito zeloso, assemelhando-se aos que entraram no serviço do Senhor pela via mais nobre e perseverando nesse fervor pelo resto de seus dias.

Em contrapartida, muitos, agraciados com uma vocação superior, frequentemente se tornaram tíbios e tiveram um fim censurável. Assim, por se terem convertido, motivados mais pela necessidade que pela iniciativa da vontade, em nada foram prejudicados, tendo-lhes a bondade divina propiciado o ensejo para o arrependimento. Mas muitos outros, que tiveram origens vocacionais mais nobres, decaíram, pois não se empenharam em terminar a vida como a tinham iniciado.

Nada faltou ao abade Moisés, que viveu na parte deste deserto que chamamos Cálamo, para se tornar um santo consuma-

do. No entanto, foi pelo medo da morte, que o ameaçava pelo homicídio cometido, que ele se refugiou no mosteiro. Ali, no entanto, assumiu tão bem essa conversão iniciada por necessidade que, por sua força de ânimo, transformou-a numa firme decisão de sua vontade, chegando ao mais alto cume da perfeição.

A muitos outros, porém, cujos nomes não devo mencionar, de nada adiantou a entrada no serviço do Senhor por inspiração mais elevada, pois, daí em diante, tomados pela apatia e pelo endurecimento do coração, caíram numa funesta tepidez, mergulhando depois no abismo da morte.

Foi justamente o que aconteceu a Judas. De que lhe valeu ter abraçado voluntariamente a sublime dignidade do apostolado, por uma vocação semelhante a de Pedro e a dos outros apóstolos se, depois de tão nobre princípio, entregou-se à paixão do dinheiro, tendo um fim abominável, chegando a trair seu mestre e indo até o mais cruel dos parricídios?

Por outro lado, considerai o santo apóstolo Paulo. Acometido por uma súbita cegueira, parece ter sido compelido, contra sua vontade, para o caminho da salvação. Ele que, depois de seguir o Senhor com todo o ardor da alma, terminou de maneira admirável uma vida ilustrada por tantas virtudes, consumando, pelo dom total e livre de si mesmo, sua vocação inicial que, por assim dizer, lhe fora imposta.

Tudo, pois, depende do fim a que visamos. Alguns podem, depois de um excelente início de conversão, terminar num total declínio por causa de sua própria negligência. Outros, porém, que foram levados à profissão monástica por necessidade,

são capazes de se tornarem pelo temor de Deus e por seu zelo monges perfeitos.

6 - Exposição sobre os três tipos de renúncia

Agora, compete-nos falar sobre as renúncias. Aqui, a tradição dos Pais concorda com as Escrituras para mostrar que existem três espécies de renúncias. E cabe a cada um de nós empenhar-se com o maior zelo para poder consumá-las. A primeira renúncia é a que consiste no desprezo real e efetivo de todos os bens e riquezas deste mundo. A segunda é a que nos leva a renegar todos os costumes, vícios e afetos de nossa vida passada. A terceira, por sua vez, consiste em tirar de nossa mente todas as coisas atuais e visíveis, para que possamos contemplar apenas as futuras, e desejar unicamente as invisíveis. Que devemos nos esforçar na prática de todas, concomitantemente, é o que lemos quando o Senhor dá a seguinte ordem a Abraão: *Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai...* (Gn 12,1).

Primeiro ele diz: *da tua terra,* isto é, renuncia aos bens deste mundo, e às riquezas terrenas; depois acrescenta: *da tua parentela,* isto é, renuncia ao modo de viver e aos vícios de outrora, coisas a que estamos tão habituados desde o nosso nascimento, que acabam por criar conosco uma espécie de afinidade e de conaturalidade, como que consanguínea. Finalmente conclui: *da casa de teu pai,* isto é, apaga toda lembrança deste mundo que se apresente ao teu olhar.

Pois, na verdade, temos dois pais: um que é preciso deixar, outro que devemos seguir. No mesmo versículo de um salmo,

Davi caracteriza ambos quando diz: *Escuta, minha filha, olha e ouve isto: Esquece teu povo e a casa paterna* (Sl 44,11). Aquele que diz: *Escuta, minha filha,* indubitavelmente é pai. No entanto, ele atesta que o pai, cujo povo e a casa ela deve esquecer, também é pai de sua própria filha. Ora, esse esquecimento se verifica quando, mortos com Cristo para os elementos deste mundo, contemplamos, segundo o Apóstolo: *Não mais as coisas que se veem, mas as que não se veem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno* (2Cor 4,18). Assim, deixando de coração esta casa visível e temporária, devemos dirigir nosso olhar para aquela que haveremos de habitar para sempre. Isso faremos logo que, apesar de vivermos na carne, deixarmos de agir segundo suas solicitações e começarmos a militar para o Senhor. Poderemos, então, movidos pela virtude e pela ação, proclamar aquela sentença do bem-aventurado Apóstolo: *Nossa cidade está nos céus* (Fl 3,20).

A essas três atitudes de renúncia correspondem, com justeza, os três livros de Salomão. De fato, os Provérbios convêm ao primeiro tipo de renúncia, pois servem para desarraigar a concupiscência da carne e os vícios terrenos. O Eclesiastes corresponde ao segundo tipo, pois ali se proclama a vaidade de tudo o que se faz sob o sol. Já o Cântico dos Cânticos ilustra a terceira renúncia, isto é, a fase em que a alma, superando todas as coisas visíveis pela contemplação dos mistérios celestes, vive unida ao Verbo.

7- Como se deve assegurar a perfeição para cada tipo de renúncia

De pouco nos adiantaria o empenho em levar a cabo a primeira renúncia, se não fôssemos capazes de agir com o mesmo

zelo e ardor em relação à segunda. Alcançada tal meta, poderíamos, então, passar à fase da terceira renúncia. É por ela que, tendo saído da casa de nosso primeiro pai – lembremo-nos de que tivemos um pai desde o princípio de nosso nascimento, quando *éramos por natureza como os demais, filhos da ira* (Ef 2,3) – voltaremos toda a nossa mente para as coisas celestes. A respeito daquele primeiro pai foi dito a Jerusalém, que desprezara o pai verdadeiro, isto é, Deus: *Teu pai era amorreu e tua mãe, heteia* (Ez 16,3), e também está escrito no Evangelho: *Sois do diabo, vosso pai, e quereis realizar os desejos de vosso pai* (Jo 8,44). Assim, depois de haver deixado aquele pai, emigrando das coisas visíveis para as invisíveis, podemos dizer com o Apóstolo: *Sabemos, com efeito, que, se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos no céu um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas* (2Cor 5,1). E podemos, também, repetir o que acima lembrávamos: *Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus Cristo, que transfigurará o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso, pela força que lhe dá poder de submeter a si todas as coisas* (Fl 3,20-21) e também dizer com Davi: *Eu sou um estrangeiro na terra, um peregrino como todos os meus pais* (Sl 118,19; 38,13). E, assim, nos tornaremos semelhantes aos que o Senhor afirma no Evangelho, quando diz ao Pai: *Eles não são deste mundo, como eu também não sou deste mundo* (Jo 17,16). É também o que garante aos próprios apóstolos: *Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas porque não sois do mundo, e minha escolha vos separou do mundo, o mundo, por isso, vos odeia* (Jo 15,19).

Portanto, só chegaremos à perfeição da terceira renúncia,

quando nossa mente, livre de todo contágio dessa espécie de gordura carnal que a embotava, for expurgada mediante sábias raspagens de qualquer afeto ou sentimento terreno e, através da meditação constante das coisas divinas e pela contemplação espiritual, tiver passado ao mundo das coisas invisíveis. Feita essa passagem, a alma, toda atenta às coisas celestes e incorpóreas, não mais terá consciência nem de estar revestida da fragilidade carnal, nem do lugar ocupado por seu corpo. Será transportada, então, por tais êxtases, que seu ouvido corporal deixa de ouvir quaisquer vozes, seus olhos não mais registram as imagens efêmeras e sequer chegam a perceber objetos enormes que se erguem à sua frente. Só poderá compreender a fé e a virtude de tal realidade quem, de fato, a houver experimentado. Vale dizer, aquele cujos olhos do coração o Senhor já desviou de todas as coisas presentes, fazendo com que ele as julgue, não apenas como transitórias, mas ainda como coisas já passadas, iguais à fumaça que se desvanece no nada. Assim como Henoc, já anda com Deus, como que transferido da vida e dos costumes humanos, e já não vive em meio às vaidades do século presente. Quanto a Henoc, ele foi arrebatado também corporalmente, como nos ensina o texto do Gênesis: *Henoc andou com Deus, depois desapareceu, pois Deus o arrebatou* (Gn 5,24). E diz o Apóstolo: *Foi pela fé que Henoc foi levado, a fim de escapar da morte* (Hb 11,5). Morte essa à qual o Senhor se refere no Evangelho: *E quem vive e crê em mim jamais morrerá* (Jo 11,26). Devemos, pois, se queremos alcançar a verdadeira perfeição, apressarmo-nos em abandonar também de coração tudo quanto já deixamos corporalmente – pais, pátria, riquezas e volúpias mundanas. E jamais devemos retornar pelo desejo como fizeram outrora os hebreus. Retirados do Egito por

Moisés, mesmo sem que tivessem voltado corporalmente, voltaram de coração. De fato, abandonaram o Deus que os libertara em meio a tantos prodígios, para adorarem os ídolos egípcios que haviam desprezado. É o que nos relata a Escritura: *Eles voltaram para o Egito, ao dizerem a Aarão: "Faze-nos deuses que caminhem à nossa frente"* (At 7,39-40). Cairíamos na mesma condenação que os atingiu no deserto, quando, após terem comido do maná celeste, desejaram voltar aos alimentos repulsivos e sórdidos dos vícios, e imitaríamos suas murmurações, quando se queixavam: *Éramos felizes no Egito, quando nos assentávamos junto às panelas de carne, e comíamos cebolas e alho, pepinos e melões* (Nm 11,18; Ex 16,3; Nm 11,5). O que em figura sucedeu outrora àquele povo, vemos atualmente acontecer na realidade em nossa ordem e profissão. Pois, aquele que, depois de renunciar ao mundo, volta às suas antigas tendências e a seus desejos anteriores, proclama como os hebreus: *Como éramos felizes no Egito!*

Infelizmente, temo que o número desses monges não seja menor do que as multidões que, segundo lemos, prevaricaram no tempo de Moisés. Saíram do Egito seiscentos e três mil homens armados (cf. Ex 38,25), e desses somente dois entraram na terra prometida (cf. Nm 14,38).

Por isso digo que devemos nos apressar em seguir o exemplo de virtudes dos poucos e raríssimos fiéis, pois, de acordo com a figura que nos foi apresentada pelo povo judeu, *muitos são chamados, mas poucos escolhidos* (cf. Mt 22,14).

Assim, a menos que não consigamos obter igualmente a renúncia do coração, que é a mais sublime e também a mais

útil, de nada vos valeria uma renúncia unicamente exterior. Seria como sair do Egito apenas corporalmente.

Sobre aquela renúncia que chamamos corporal, assim fala o Apóstolo: *Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria* (1Cor 13,3).

O santo Apóstolo jamais teria falado desse modo se, em espírito, não tivesse previsto que alguns, depois de terem distribuído aos pobres todos os seus bens, seriam incapazes de galgar o árduo cume da perfeição evangélica e da caridade, por terem conservado em seus corações os antigos vícios e os costumes desregrados, vítimas da própria soberba e da falta de firmeza. Sem nenhum empenho na purificação de tais vícios, tornaram-se para sempre impossibilitados de atingir a caridade de Deus que jamais passará. Ora, não conseguindo chegar ao segundo grau da renúncia, também não poderão alcançar o terceiro que lhe é superior.

Convém considerar, pois, que o Apóstolo não disse simplesmente: *Se eu distribuir os meus bens*. Porque poder-se-ia pensar que ele, talvez, se referisse àqueles que, ainda não tendo chegado ao cumprimento do preceito evangélico, tivessem reservado para si uma parte dos seus bens, como às vezes acontece com os tíbios; mas o Apóstolo explicita: *Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos*, vale dizer: ainda que eu renuncie completamente às riquezas terrenas. A essa renúncia, ele acrescenta algo maior: *Ainda que eu entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso de nada me adiantaria.* É como se dissesse: Mesmo que eu distribuísse para alimento dos pobres

todos os meus bens, segundo o preceito evangélico: *Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus* (Mt 19,21). Portanto, renunciando de tal modo a tudo, que nada absolutamente nada reserve para mim. E não é apenas isso, pois a esse abandono total eu acrescentaria o martírio pelo fogo, dando a minha vida por Cristo. Todavia, se sou impaciente, irascível, invejoso, orgulhoso, ou me encolerizo com as injúrias, só procuro meu próprio interesse, medito o que é mal e não sofro com paciência e de bom grado os maus tratos: a renúncia e o martírio do homem exterior de nada me servirão, uma vez que o homem interior continua escravo de seus antigos vícios.

Em vão teria eu desprezado, no ardor de minha primeira conversão, a inocente substância deste mundo, que não é em si mesma nem boa nem má, mas indiferente. De nada me servirá, se não me tiver empenhado em rejeitar também as nefastas faculdades de um coração vicioso, ou de alcançar a divina caridade que *é paciente, prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça, não pensa o mal, tudo sofre, tudo suporta* (1Cor 13,4-7), e que, enfim, jamais permite a seus seguidores sucumbirem aos ardis do pecado.

8 - Sobre as riquezas capazes de propiciar a beleza ou a fealdade da alma

É imprescindível, pois, que nos apressemos, com todo o zelo e com extrema solicitude em rejeitar e dissipar as riquezas de vícios que o nosso homem interior adquiriu em sua antiga

vida. Como elas aderem ao corpo e à alma, passam a ser nossa propriedade, e se não as repelirmos e as rejeitarmos nesta vida, não deixarão de nos acompanhar após a morte. As virtudes adquiridas neste mundo, especialmente a caridade, que é a origem de todas elas, tornam, depois da morte, de uma beleza esplendorosa aquele que as amou. Os vícios, porém, transportam, para aquela morada eterna, a alma obscurecida e impregnada de cores horríveis. A beleza ou a deformidade da alma nasce, respectivamente, da beleza ou do vício. Desses dois polos lhe vem o colorido que a reveste. Pela virtude ela fica tão resplandecente que se torna merecedora de ouvir o que diz o profeta: *Que o rei se encante com tua beleza* (Sl 44,12), ou tão tenebrosa, ascorosa e disforme que ela confessa a seu próprio respeito: *Cheiram mal e supuram minhas chagas, por motivo de minhas loucuras* (Sl 37,6), e o próprio Senhor lhe perguntará: *Por que não progride a cura da filha do meu povo?* (Jr 8,22).

Tais são as riquezas que nos pertencem como próprias. Nunca nos abandonam, e ninguém há, rei ou inimigo, que no-las possa dar ou tirar. São essas as nossas próprias riquezas que nem mesmo a morte delas nos pode separar. Quem a elas consegue renunciar poderá chegar à perfeição; quem delas ficar prisioneiro se verá condenado à morte eterna.

9 - Sobre as três espécies de riqueza

A Sagrada Escritura fala de três espécies diferentes de riqueza: a má, a boa e a média ou indiferente.

A má riqueza é aquela da qual se diz: *Os ricos empobrecem, passam fome* (Sl 33,11), ou também: *Ai de vós, ricos, porque já ten-*

des a vossa consolação (Lc 6,24). Renunciar a tal riqueza é o ápice da perfeição. Podemos distinguir os verdadeiros pobres pelo louvor que o Senhor lhes dirige no Evangelho: *Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus* (Mt 5,3). E ainda, nos salmos: *Este pobre gritou a Deus e foi ouvido* (Sl 33,7), e mais: *O pobre e o indigente louvam o teu nome* (Sl 73,21).

A boa riqueza é aquela cuja aquisição é fruto de grande virtude e merecimento, e cujo possuidor é louvado por Davi: *Sua descendência será forte sobre a terra, abençoada a geração dos homens retos! Haverá glória e riqueza em sua casa!* (Sl 111,2-3). E também: *O resgate da vida de um homem é sua riqueza* (Pr 13,8). É a tais riquezas que também se refere o Apocalipse, quando censura aquele que não as possui: *Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar de minha boca. Pois dizes: sou rico, enriqueci-me e de nada mais preciso. Não sabes, porém, que és tu o infeliz: miserável, cego, pobre e nu! Aconselho-te a comprar de mim ouro purificado no fogo para que enriqueças, vestes brancas para que te cubras e não apareça a vergonha da tua nudez* (Ap 3,16-18).

Há também a riqueza média ou indiferente, isto é, aquela que pode ser boa ou má. Pode-se incluí-la em qualquer das duas espécies, dependendo para isso da vontade ou das disposições de quem a usa.

Dessa riqueza é que fala o Apóstolo, ao dizer: *Aos ricos deste mundo, exorta-os a que não sejam orgulhosos, nem coloquem sua esperança na instabilidade da riqueza. Mas em Deus, que nos provê de tudo com abundância para que nos alegremos. Que eles façam o bem, se enriqueçam com boas obras, sejam pródigos, capa-*

zes de partilhar. Estarão, assim, acumulando para si mesmos um belo tesouro para o futuro, a fim de obterem a verdadeira vida (1Tm 6,17-19). Eram essas, também, as riquezas que o rico do Evangelho retinha ciosamente, sem permitir que dela usufruíssem os indigentes e de cujas migalhas o pobre Lázaro, estendido junto à sua porta, desejava saciar-se. Por isso é ele lançado aos fogos intoleráveis da geena e ao ardor eterno (cf. Lc 16,19ss).

10 - Que ninguém chega à perfeição, praticando somente o primeiro grau da renúncia

Mas, quando abandonamos as riquezas visíveis do mundo, não são os nossos, mas sim os bens alheios que deixamos, mesmo que nos possamos gabar de tê-los adquirido por nosso trabalho, ou de os haver recebido como herança de nossos pais. Nada realmente é nosso, a não ser aquilo que possuímos no coração e que de tal modo adere à nossa alma que ninguém no-lo pode arrancar. Aos que retêm tais riquezas e não as querem partilhar com os necessitados, o Cristo dirige as seguintes palavras de repreensão: *Se não fostes fiéis em relação aos bens alheios, quem vos dará o vosso?* (Lc 16,12). Eis por que tais riquezas evidentemente não nos pertencem, como nos ensina não só a experiência, mas também as palavras do próprio Senhor, que o declara em termos explícitos. Em contrapartida, foi a respeito das péssimas e invisíveis riquezas que fala Pedro, ao dizer ao Senhor: *Eis que nós deixamos tudo e te seguimos, o que é que vamos receber?* (Mt 19,27). Ora, a verdade é que eles deixaram tão somente redes rasgadas e de nenhum valor. Assim, a não ser que entendamos esse *tudo* como uma renúncia a todos os vícios, o que de fato

é algo de grandioso e de muito merecimento, acharíamos que, na verdade, eles nada abandonaram de precioso e que o Senhor não tinha motivo para lhes atribuir tal grau de glória e de bem-aventurança, ao lhes declarar: *Em verdade vos digo que, quando as coisas forem renovadas, e o Filho do Homem sentar-se no seu trono de glória, também vós, que me seguistes, vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel* (id. 28).

Se, portanto, aqueles que abdicaram totalmente dos bens terrestres e visíveis não conseguem, por certos motivos, alcançar a caridade dos apóstolos e galgar com desembaraçado vigor – consequência do desapego radical – o terceiro grau de renúncia, o mais sublime e alcançado por tão poucos, o que deveriam pensar de si mesmos os que nem chegam a consumar perfeitamente a primeira renúncia, muito mais fácil e que, ainda, com igual infidelidade, retêm, como em sua vida anterior, a sordidez de suas riquezas, atribuindo-se a si mesmos, imerecidamente, o nome de monge do qual se gloriam?

Assim, pois, a primeira renúncia refere-se somente a bens alheios e, por tal motivo, não é suficiente para conferir, por si só, a perfeição ao renunciante, a menos que ele chegue ao segundo grau de renúncia, pelo qual, na verdade, abandonamos os bens que nos pertencem.

Alcançado esse segundo grau, e expulsos todos os vícios, chegaremos ao cume da terceira renúncia. Um supremo desprezo fará com que nosso coração e nosso pensamento transcendam não somente ao que acontece no mundo, mas também ao que pertence ao domínio humano e, até mesmo, à plenitude uni-

versal dos elementos considerada magnífica, julgando tudo isso como pura vaidade, destinada a um efêmero destino. Estaremos, então, ocupados unicamente em contemplar, como diz o Apóstolo: *Não as coisas que se veem, mas as que não se veem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno* (2 Cor 4,18), até que, finalmente, possamos escutar o que o Senhor disse a Abraão: *Vem para a terra que te mostrarei* (Gn 12,1). Disso se depreende com clareza que, a menos que se tenha cumprido, inicialmente, com todo o ardor da alma, os três primeiros graus da renúncia, ninguém poderia alcançar o quarto, que é dado como um prêmio, ao desapego perfeito. É a isso que corresponde a entrada na terra da promissão, onde não mais germinam os espinhos e as urzes dos vícios. Terra essa que, expulsas todas as paixões, já se possui neste corpo, graças à pureza de coração. Terra que não se descobre nem pela virtude, nem pela diligência com que se trabalha, mas que é mostrada pelo próprio Senhor que a prometeu, ao dizer: *Vem para a terra que te mostrarei.*

Tais palavras são para nós prova evidente de que, se o Senhor está no princípio de nossa salvação pela vocação divina: *Sai da terra*, é também ele que completa a obra da perfeição e da purificação que em nós começou: *Vem para a terra que te mostrarei.* Terra que por ti mesmo não poderás conhecer, nem por teus esforços descobrir, mas que eu te mostrarei. É bem verdade que Deus, após nos ter chamado, por suas inspirações, a acorrer ao caminho da salvação, também quer, ainda, ser nosso mestre e nos garantir, por sua iluminação, a chegada à perfeição da suprema bem-aventurança.

11 - Pergunta sobre o livre arbítrio do homem e a graça de Deus

Germano: Em que consiste, então, o livre arbítrio? Como atribuir ao nosso esforço méritos dignos de louvores, se é Deus que inicia e completa em nós a obra de nossa perfeição?

12 - Resposta sobre a graça divina que é dispensada ao homem sem lhe suprimir o livre arbítrio

Pafnúcio: Teríeis razão em ficar perturbados, se em toda obra ou disciplina só houvesse princípio e fim, sem certo meio entre os dois extremos.

Assim como sabemos que Deus proporciona a cada um ocasiões diferentes de salvação, assim, também, cada um pode responder à sua maneira à iniciativa divina: isto é, com empenho ou com frieza.[11]

É Deus que chama Abraão e lhe faz esta proposta: *Sai da tua terra.* Abraão realmente sai da terra, e é dele a obediência. Assim como estas palavras: *E vem para a terra* se cumprem por obra daquele que obedece, assim também as que se seguem: *Que eu te mostrarei* exprimem a graça de Deus que deu a ordem e prometeu a terra.

Convém, no entanto, estarmos certos de que, mesmo que estejamos praticando a virtude com os mais infatigáveis esforços, de modo algum poderemos atingir a perfeição por nosso empenho e diligência, pois não basta o zelo humano, com todo

[11] A doutrina católica ensina que não podemos, por nossas próprias forças e sem um auxílio especial e sobrenatural de Deus, corresponder devidamente ao seu apelo. O pensamento de Cassiano aqui expresso, como também no capítulo 19 onde se encontram várias expressões análogas, deve ser corrigido. Unicamente a graça divina gera o bem no homem.

o mérito dos seus trabalhos, para chegar ao prêmio tão sublime da bem-aventurança, uma vez que essa só pode ser obtida se o Senhor cooperar conosco e dirigir o nosso coração para o que nos é conveniente.

Assim, a oração de Davi deve estar em nossos lábios a cada momento: *Os meus passos eu firmei na vossa estrada, e por isso os meus pés não vacilaram* (Sl 16,5). E ainda: *Colocou os meus pés sobre a rocha, devolveu a firmeza a meus passos* (Sl 39,3). Como nosso livre arbítrio é naturalmente inclinado ao mal, seja pela ignorância do bem, seja pela sedução das paixões, com essa oração, aquele que invisivelmente governa a mente humana há de dignar-se restituir-lhe o gosto pela virtude.

No mesmo versículo, o profeta nos faz ver esta dupla verdade: *Empurraram-me, tentando derrubar-me, mas veio o Senhor em meu socorro* (Sl 117,13), onde se pode ver não só a fraqueza do livre arbítrio, como também o auxílio do Senhor sempre presente. Suas mãos, por assim dizer, estão sempre prontas a nos sustentar e confirmar, para que o livre arbítrio não nos leve a um colapso total, quando vê que estamos a cambalear.

Escutemos ainda uma vez o salmista: *Quando eu penso: "estou sempre caindo!"* – pela inconstância do livre arbítrio – *vosso amor me sustenta, Senhor!* (Sl 93,18). Ele juntava, pois, à expressão de sua instabilidade o auxílio de Deus, confessando que, se o "pé", vale dizer, o sustentáculo de sua fé não vacilara, ele o devia não a seu próprio esforço, mas à misericórdia do Senhor.

E de novo, acrescenta o salmista: *Quando o meu coração se angustia,* – o que, sem dúvida tem como causa o livre arbítrio –

as tuas consolações alegram minha alma (id. 19), isto é, como um sopro da tua boca me vieram ao coração e descobriram à minha vista a contemplação dos teus bens, preparados por ti, para os que sofrem em vista do teu nome. E essas consolações não somente eliminaram toda a angústia do meu coração, como ainda o encheram de imensa alegria. Ouçamos ainda: *Se o Senhor não me tivesse ajudado, por pouco a minha alma teria habitado no inferno* (id. 17). O salmista nos atesta que iria habitar no inferno por causa da corrupção do livre arbítrio, se não tivesse sido salvo pela ajuda e proteção do Senhor. *Pelo Senhor* (e não pelo livre arbítrio) *são os passos do homem firmados* (Sl 36,23). E, quando *o justo tombar* (id. 24) – sem dúvida por causa do seu livre arbítrio – *não se quebrará,* por quê? *porque o Senhor o ampara com a sua mão* (id.).

Isso equivale a dizer abertamente que nenhum justo se basta a si mesmo para obter a justiça, mas é a clemência divina que, a cada momento, sustenta com suas mãos os seus passos inseguros e prestes a cair, a fim de que ele não pereça de todo quando, pela fragilidade do livre arbítrio, perder o equilíbrio.

13 - A retidão de nosso caminho vem de Deus

De fato, jamais os santos varões testemunharam que tivessem alcançado, por seu próprio esforço, a direção do caminho no qual se engajaram para atingir o progresso e a consumação das virtudes. Ao contrário, eles a suplicavam ao Senhor, dizendo: C*onduzi-me na vossa verdade* (Sl 24,5) e ainda: *Dirigi os meus passos em vossa presença* (Sl 5,9). Um outro proclama, não ter sido apenas pela fé, mas pela própria experiência, e até, de certo

modo, pela natureza das coisas, que descobriu essa verdade. É o que atesta o profeta Jeremias: *Aprendi, Senhor, que não pertence ao homem seu caminho, que não é dado ao homem que caminha dirigir seus passos* (Jr 10,23). E não foi o próprio Senhor que disse a Israel: *Sou eu que o dirigirei como um pinheiro verdejante; é de mim que teu fruto procede* (Os 14,9)?

14 - A ciência da lei é conferida pelo magistério e pela luz do Senhor

Quando se trata da aprendizagem da ciência da lei, não conte o monge com a eficácia de suas leituras, mas implore o Senhor cada dia para que ele queira ser seu mestre e doador da luz, dizendo-lhe: *Mostra-me, Senhor, os teus caminhos, ensina-me tuas veredas* (Sl 24,4). E ainda: *Abre-me os olhos e, contemplarei as maravilhas da tua lei* (Sl 118,18). E mais: *Ensina-me a fazer tua vontade, porque tu és o meu Deus* (Sl 142,10). E, finalmente: *És tu que ensinas a ciência ao homem* (Sl 93,10).

15 - A inteligência, pela qual podemos conhecer os mandamentos de Deus, e os sentimentos de boa vontade são dádivas do Senhor

O bem-aventurado Davi pede ao Senhor que lhe dê inteligência para entender os mandamentos de Deus os quais, no entanto, sabia estarem escritos nos livros da Lei: *Eu sou teu servo; dá-me inteligência para entender teus mandamentos* (Sl 118,125).

Ora, ele já possuía a inteligência dada pela natureza e dispunha do conhecimento dos mandamentos de Deus, já descritos na Lei. Contudo, para compreendê-los com maior perfeição,

rogava ao Senhor que a luz divina lhe iluminasse a razão diariamente para que penetrasse espiritualmente a Lei e conhecesse mais claramente os mandamentos, sabendo que para isso não lhe seria suficiente a capacidade natural.

É o próprio Vaso de eleição, Paulo, quem proclama abertamente o que acabamos de dizer: *É Deus que opera em vós o querer e o agir, segundo a sua vontade* (Fl 2,13).

Porventura, poder-se-ia dizer com mais nitidez que tanto a nossa boa vontade quanto a consumação da obra são realizadas em nós pelo Senhor?

Eis outra afirmação: *É uma graça não só de crerdes nele, como também de por ele sofrerdes* (Fl 1,29). Eis, pois, mais uma declaração de que são dons de Deus não só o início de nossa conversão e de nossa fé, como também a paciência de sofrermos por ele.

Compreendendo isso, Davi também implora ao Senhor sua misericórdia: *Confirma, ó Deus, o que operaste em nós* (Sl 67,29), mostrando assim que não são suficientes as primícias da salvação conferidas a ele pelos dons e pela graça divina, se não forem levadas à perfeição pela bondade e cotidiano socorro de Deus. Pois não é o livre arbítrio e sim *o Senhor que liberta os cativos* (Sl 145,7); não é nossa virtude e sim *o Senhor que levanta os esmagados* (id. 8); não é a aplicação à leitura, e sim *o Senhor que ilumina os cegos* (id. 9): cujo equivalente grego é: Κύριος σοφοῖ τυφλούς, isto é, o Senhor faz sábios os cegos. Não é a nossa vigilância, *mas é o Senhor que guarda os estrangeiros* (id. 9) enfim, não é a nossa força, mas *é o Senhor que levanta os que caem* (Sl 144,14).

O que dissemos não tem por fim minimizar o nosso zelo,

trabalho e empenho, como se fossem inúteis e supérfluos, mas nos fazer reconhecer que, sem o auxílio de Deus, não é possível o nosso esforço, nem é eficaz a nossa operosidade para adquirirmos o prêmio incalculável da pureza, que só nos poderá ser atribuído com o socorro da misericórdia do Senhor. *O cavalo é preparado para o dia do combate, mas do Senhor é que vem o socorro* (Pr 21,31 – LXX), *porque não é pela força que o homem triunfa* (1Sm 2,9).

É necessário, pois, cantar sempre com Davi: Não é o livre arbítrio, mas sim *o Senhor* que *é a minha força e o meu canto e tornou-se para mim o Salvador* (Sl 117,14). Não ignorava isso o Doutor das nações quando proclama que não foram os seus méritos e seu suor que o tornaram apto para o ministério do Novo Testamento, mas a misericórdia do Senhor: *Não como se fôssemos dotados de capacidade que pudéssemos atribuir a nós mesmos, mas é de Deus que vem a nossa capacidade* (2Cor 3,5). E continua: *Foi ele que nos tornou aptos para sermos ministros de uma nova Aliança* (id. 6).

16 - A fé é um dom concedido por Deus

Os apóstolos compreenderam tão bem que tudo quanto se refere à salvação é uma dádiva do Senhor, que lhe pediam que lhes concedesse o dom da própria fé: *Aumenta-nos a fé,* diziam eles (Lc 17,5). Em lugar de ousarem atribuir a plenitude de sua fé ao livre arbítrio, acreditaram que era um dom de Deus que lhes era conferido. De fato, é o próprio autor da salvação humana que nos ensina como nossa fé é inconstante, frágil e por demais insuficiente a não ser que seja fortalecida pelo auxílio do Senhor: *Simão, Simão,* diz ele a Pedro, *eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como se faz ao trigo, mas eu roguei ao Pai a fim de*

que tua fé não falhasse (sic) (Lc 22,31-32). Um outro, ao perceber pela própria experiência que sua fé estava em risco, como que impelida, por assim dizer, contra os rochedos pelas ondas da incredulidade e na iminência de naufragar, invocou o mesmo Senhor, dizendo: *Senhor, ajudai minha incredulidade* (Mc 9,23).

Assim, homens evangélicos e apostólicos foram capazes de compreender que tudo o que é bom só se consuma em nós pelo socorro do Senhor e a tal ponto desconfiavam de poder guardar a fé intacta, por suas próprias forças e pelo seu livre arbítrio, que pediam ao Senhor que os ajudasse a conservá-la ou que lha concedesse.

Se Pedro precisava do socorro do Senhor para que a fé não lhe faltasse, quem seria tão presunçoso e cego a ponto de pensar que não precisaria da ajuda diária do Senhor para poder guardá-la? Sobretudo quando o Senhor declara explicitamente no evangelho: *Como o ramo não pode frutificar por si só, se não ficar na videira, assim também vós se não permanecerdes em mim* (Jo 15,4). E mais: *Sem mim, nada podeis fazer* (id. 5).

Portanto, tendo em vista o exposto, seria absurdo e até sacrílego atribuir à nossa própria indústria, e não à graça de Deus, algo de nossas boas obras! Pois, isso fica manifestamente provado pela sentença do Senhor, que nega que alguém possa produzir frutos espirituais sem a sua inspiração e cooperação, quando diz: *Todo dom excelente, toda graça perfeita vem do alto e desce do Pai das luzes* (Tg 1,17). O mesmo diz Zacarias: *Se existe algum bem, vem dele, e se existe algo de ótimo, também é dele* (Zc 9,17 – LXX). E o santo Apóstolo argumenta insistentemente: *O que tens que não*

recebeste, por que te glorias, como se não tivesses recebido? (1Cor 4,7).

17 - É de Deus que vem a medida da tentação e a força para suportá-la

Do mesmo modo, a capacidade que temos de suportar as tentações que nos afligem provém menos do exercício de nossa virtude do que da misericórdia de Deus e da sabedoria com que ele as equilibra. É o santo Apóstolo que o declara: *As tentações que vos acometeram tiveram medida humana. Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados acima de vossas forças. Mas, com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para suportá-la* (1Cor 10,13).

O mesmo Apóstolo ainda ensina que é Deus quem prepara e fortalece as nossas almas para toda boa obra e opera em nós tudo quanto lhe possa ser agradável: *O Deus da paz, que fez subir dentre os mortos Aquele que se tornou, pelo sangue de uma aliança eterna, o grande Pastor das ovelhas, nosso Senhor Jesus, vos torne aptos a todo bem para fazer a sua vontade; que ele realize em nós o que lhe é agradável, por Jesus Cristo, ao qual seja dada glória pelos séculos dos séculos* (Hb 13,20-21).

E para que o mesmo se realize entre os tessalonicenses, ele assim roga: *O próprio Senhor Jesus Cristo e Deus, nosso Pai, que nos amou e nos deu a eterna consolação e a boa esperança pela graça, animem os vossos corações e vos confirmem em tudo o que fazeis e dizeis em vista do bem* (2Ts 2,16-17).

18 - A perseverança no temor de Deus é um dom concedido pelo Senhor

Enfim, é o profeta Jeremias que nos dá um claro testemunho de que o próprio temor de Deus nos é infundido pelo Senhor, a fim de que nele possamos perseverar com firmeza: *Eu lhes darei um coração único e uma só via para que me temam, todos os dias, para o seu bem e o de seus filhos depois deles. Selarei com eles uma aliança eterna pela qual eu não deixarei de segui-los para fazer-lhes o bem: colocarei o meu temor em seu coração para que não se afastem mais de mim* (Jr 32,39-40).

Ezequiel confirma tais palavras, dizendo: *Dar-lhes-ei um só coração, porei no seu íntimo um espírito novo: removerei do seu corpo o coração de pedra, dar-lhes-ei um coração de carne, a fim de que andem de acordo com os meus estatutos e guardem as minhas normas e as cumpram. Então serão o meu povo e eu serei o seu Deus* (Ez 11,19-20).

19 - Tanto o início de um movimento de boa vontade quanto a sua consumação nos vêm de uma inspiração do Senhor

De tudo isso se evidencia o seguinte ensinamento: um ato de boa vontade sempre se inicia por uma inspiração de Deus, que nos procura atrair para o caminho da salvação. Ora, essa inspiração pode proceder diretamente do Senhor, ou provir das exortações de um homem, ou ainda originar-se da força dos acontecimentos. É também um dom de Deus poder alcançar a perfeição das virtudes. Nossa parte nesse processo consiste em responder com fervor ou com negligência à inspiração e ao auxílio de Deus. De acordo com essa resposta, mereceríamos a recompensa ou o castigo, segundo tivermos adotado um comportamento de devotada obediência em relação a todos os be-

nefícios e liberalidades de sua Providência ou uma atitude de displicência no que se refere a esses dons.

É o que nos declara o Deuteronômio, muito claramente: *Quando o Senhor teu Deus te houver introduzido na terra em que estás entrando para possuí-la, e expulsado nações mais numerosas do que a tua – os heteus, os gergeseus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus – sete nações mais numerosas e poderosas do que tu: quando o Senhor teu Deus entregá-las a ti, tu as derrotarás e as sacrificarás como anátema. Não farás com elas nenhuma aliança, nem contrairás com elas matrimônio* (Dt 7,1-3).

Que os israelitas sejam introduzidos na terra da promissão, que muitas nações sejam aniquiladas diante deles, e que muitas nações muito maiores em número e em força sejam entregues em suas mãos, tudo isso é, segundo o testemunho da Escritura, graça de Deus.

No entanto, que Israel as ataque até a extinção ou, pelo contrário, as poupe e as conserve, que faça ou não faça com elas aliança, que se alie ou não a elas por casamentos – a Escritura o atesta: a decisão cabe a Israel.

Assim, através desse testemunho, podemos discernir o que se deve atribuir ao livre arbítrio e o que se deve atribuir à intervenção do Senhor e a seu auxílio cotidiano. Oferecer as ocasiões de salvação, os resultados felizes e a vitória final é apanágio da graça divina. Nossa parte, portanto, é corresponder, seja por uma dedicação ardorosa, seja por uma atitude negligente aos benefícios concedidos por Deus.

O que expusemos pode ser demonstrado, bem nitida-

mente, no relato da cura dos dois cegos. Jesus, ao passar diante deles, é sinal da graça oferecida pela divina Providência; o fato de eles gritarem: *Tende misericórdia de nós, Senhor, Filho de Davi* (Mt 20,31), já é obra da fé. Receberem a visão é dom da divina comiseração.

Contudo, mesmo após o dom recebido, a graça e o livre arbítrio permanecem como se pode comprovar pelo relato dos dez leprosos, curados todos de uma só vez (cf. Lc 17,11ss). Destes tãosomente um, em razão de seu livre arbítrio, volta para dar graças. Ao reclamar dos nove, o Senhor louva apenas um, mostrando, assim, que sua solicitude continua a se exercer mesmo em relação aos que se esquecem dos seus benefícios. Esse é igualmente um dom de sua visita: acolher e aprovar o agradecido e reclamar dos ingratos, repreende-os.

20 - Nada neste mundo se faz sem Deus

Convém, pois, acreditarmos com fé inabalável que, neste mundo, nada se pode fazer sem Deus. Portanto, devemos reconhecer que tudo quanto acontece é por sua vontade ou por sua permissão.

O bem, por sua vontade ou com seu socorro; o mal, por sua permissão, o que acontece quando, para nos castigar pelas nossas iniquidades ou pela dureza de nosso coração, ele nos abandona à tirania do demônio ou às vergonhosas paixões da carne.

É o que o Apóstolo nos ensina, ao dizer: *Por isso Deus os entregou a paixões aviltantes* (Rm 1,26). E ainda: *E, como não julgaram bom ter o conhecimento de Deus, Deus os entregou à sua mente incapaz de julgar, para fazerem o que não convém* (id. 28). E o próprio

Senhor declara pelo profeta: *Mas meu povo não ouviu a minha voz, Israel não quis saber de obedecer-me. Deixei, então, que eles seguissem seus caprichos, abandonei-os ao seu duro coração* (Sl 80,12-13).

21 - Objeção sobre o poder do livre arbítrio

Germano: O testemunho que vou invocar prova, de modo indubitável, o papel do livre arbítrio: *Se o meu povo me tivesse ouvido* (id. 14), diz o Senhor. E ainda: *E o meu povo não ouviu a minha voz* (id. 12).

Quando diz: *Se tivesse ouvido*, a Escritura mostra que estava em poder de Israel aceitar ou rejeitar (a inspiração de Deus). Como, pois, julgar que a nossa salvação não depende de nós, se o próprio Deus nos concedeu a faculdade de ouvir ou não a sua voz?

22 - Nossa liberdade necessita constantemente do auxílio de Deus

Pafnúcio: É bem perspicaz vossa consideração no que concerne ao que ali se diz: *Se o meu povo me tivesse ouvido,* mas não levastes em conta aquele que fala, quem o escuta, ou não o escuta, nem ao que se diz em seguida: *Seus inimigos sem demora humilharia e voltaria minha mão contra o opressor* (id. 15).

Ninguém, portanto, tendo em vista defender o livre arbítrio, ouse distorcer a interpretação que apresentei para provar que nada se faz sem o Senhor. Nem tente suprimir a graça de Deus e a sua assistência cotidiana, porque foi dito: *E o meu povo não ouviu a minha voz.* E ainda*: Se o meu povo me tivesse ouvido, se Israel tivesse andado em meus caminhos,* e o mais. Ao contrário,

considere que, assim como o livre arbítrio do povo aparece em sua desobediência, assim também, se mostra a providência cotidiana de Deus nas advertências.

Pois ele, por assim dizer, clama para advertir seu povo: *Se meu povo me tivesse ouvido,* e o Senhor mostra, sem a mínima dúvida, que é o primeiro a falar. E não é apenas pela lei escrita que Deus fala, mas ainda pelas advertências diárias, segundo o que diz Isaías: *Todo o dia estendi as minhas mãos para o povo que não crê em mim e me contradiz* (Is 65,2 – LXX).

Julgamos, por isso, que tanto a liberdade quanto a graça estão comprovadas pelos textos já citados: *Quem me dera que meu povo me escutasse! Que Israel andasse sempre em meus caminhos! Seus inimigos sem demora humilharia e voltaria minha mão contra o opressor.* Pois, do mesmo modo que o livre arbítrio se prova pela desobediência do povo, também a providência e o socorro divino aparecem no princípio e no fim do mesmo versículo, quando Deus recorda que foi ele o primeiro a falar e que teria humilhado os inimigos de Israel, se esse povo o tivesse escutado. Assim, na verdade, não tive a pretensão, pelas referências feitas, de descartar o livre arbítrio, mas quis provar que, a cada momento, se necessita do auxílio da graça de Deus.

Tendo-nos instruído por tais palavras, o abade Pafnúcio nos liberou: era cerca de meia-noite. Nós, porém, ao deixarmos sua cela, nos sentíamos mais compungidos do que alegres. Qual fora, pois, o resultado demonstrado por sua conferência? Julgá-

ramos, ao ouvir o primeiro grau de renúncia, ao qual nos aplicávamos de todo o coração, que já estávamos prestes a atingir o ápice da perfeição: e, portanto, eis que começávamos a compreender que nem sequer, mesmo em sonho, havíamos entrevisto o cume da vida monástica. Já nos haviam falado alguma coisa sobre a segunda renúncia nos mosteiros cenobitas; mas sobre a terceira, que abrange toda a perfeição e supera em tantas coisas as outras duas, não nos recordávamos sequer de ouvir que tivesse sido mencionada.

IV

CONFERÊNCIA DO ABADE DANIEL

Os Desejos da Carne e os do Espírito

1 - Vida do abade Daniel

Entre todos os varões da filosofia cristã, vimos que o abade Daniel, embora se igualasse em virtude aos outros habitantes do deserto de Cétia, sobressaía entre os mesmos, de modo muito especial, pela graça da humildade. Pelo mérito de sua pureza e mansidão foi escolhido, pelo abade Pafnúcio, presbítero daquele deserto, para ser elevado à ordem do diaconato, apesar de bem mais jovem do que muitos outros. O próprio bem-aventurado Pafnúcio sentia-se tão alegre por suas virtudes, vendo-o assemelhar-se a ele mesmo pelo merecimento e pela graça, que se apressou em conferir-lhe o sacerdócio. Impaciente por vê-lo permanecer tanto tempo numa ordem inferior, e além disso, querendo providenciar para si mesmo um digno sucessor, elevou-o à honra do presbiterato. Daniel, porém, em tal condição, nunca abdicou de sua habitual humildade. Jamais aceitou, na presença do abade Pafnúcio, presidir ao sacrifício, mas sempre que este oferecia as hóstias espirituais, exercia a função de diácono, seu

primeiro ministério. No entanto, esse varão tão eminente, muitas vezes dotado da graça da presciência, frustrou as esperanças de seu mestre quanto à sua escolha de tê-lo como sucessor. Na realidade, o abade Pafnúcio pouco depois viu que o antecipava junto a Deus, aquele que preparara para sucedê-lo.

2 - De onde vem a repentina transformação da inefável alegria em profunda tristeza?

Foi a esse bem-aventurado Daniel que um dia propusemos a seguinte questão: por que muitas vezes, sozinhos na cela, sentíamos o coração tomado de tanta alegria, de um júbilo tão inefável, e tão inundados ficávamos pelos mais sagrados sentimentos, que nem mesmo éramos capazes de pronunciar uma palavra, ou de formular um pensamento? Brota, então, uma oração pura e límpida e o espírito, repleto de frutos sobrenaturais, conhece instintivamente que suas súplicas, que se prolongam mesmo durante o sono, se elevam a Deus espiritualizadas e eficazes. Em contrapartida, algumas vezes, também, sem nenhuma causa aparente, somos invadidos por uma imensa angústia e oprimidos por infinita tristeza. Estancara-se a fonte das místicas experiências. Agora, mesmo a cela nos parece insuportável, a "*lectio*" insípida, a própria oração se torna instável e titubeante, como se estivéssemos ébrios. Então, a gemer, tentamos fazer nossa mente voltar à condição anterior. Tudo em vão, e quanto mais intensamente queremos obrigá-la a voltar para Deus, com maior veemência ela escapa e se vê arrastada para divagações instáveis, que a esvaziam de todo fruto espiritual. Nem sequer o desejo do céu ou o temor do inferno conseguem despertá-la

desse sono mortal.

Eis a resposta que nos deu o bem-aventurado abade Daniel.

3 - Resposta à questão proposta

Nossos Pais nos ensinaram que existe um tríplice motivo para essa aridez espiritual a que vos referistes. Ela pode ser consequência de nossa negligência, de um assalto diabólico ou, ainda, de uma provação permitida pelo desígnio divino.

Depende de nossa negligência quando, por nossa culpa, indolentes e relapsos, não corrigimos o mau comportamento anterior e, por uma covarde inércia, alimentamos pensamentos nocivos, deixando germinar, na terra do coração, espinhos e cardos que se vão multiplicando, tornando-nos estéreis e privando-nos de qualquer fruto espiritual e de toda contemplação.

Depende de um assalto diabólico quando, mesmo nos dedicando aos bons propósitos, o adversário consegue penetrar nossos pensamentos sem que o percebamos, desviando-nos de nossas ótimas intenções, mesmo contra nossa vontade.

4 - Há duas causas para explicar as provações permitidas por Deus

Já as provações permitidas por Deus provêm de duas causas: A primeira é o abandono em que Deus nos deixa durante algum tempo para que, considerando humildemente a fragilidade de nosso espírito, não nos orgulhemos pela pureza de coração com a qual anteriormente fôramos agraciados por Deus,

em virtude de sua visita. Além disso, experimentando que, nesse estado de abandono, gemidos ou recursos pessoais de nada nos valem para recuperarmos nosso primitivo estado de alegria e de pureza, acabamos por compreender que nossa alegria passada não era fruto de nosso zelo, mas dom da misericórdia do Senhor e que ainda necessitamos implorá-lo no presente para que nos conceda sua graça e sua luz.

A segunda causa é a vontade do Senhor em comprovar, por esse meio, nossa perseverança e o constante anelo da alma, mostrando a nós mesmos com que ardor, com que constância na oração, devemos suplicar-lhe a volta do Espírito Santo que parecia nos ter abandonado. Instruídos assim, por experiência própria, aprendemos quanto é difícil reconquistar, após a perda, o gáudio espiritual e a alegria da pureza e, ao reencontrar esses dons, com que solicitude devemos guardá-los e com que firmeza convém agarrá-los. Pois, em geral, somos mais propensos a conservar, com negligência, aquilo que julgamos poder recuperar com facilidade.

5 - Nosso zelo e nossa diligência nada podem sem o auxílio de Deus

Temos, assim, uma prova irrefutável de que a graça e a misericórdia de Deus é que operam todo o bem em nós. Se vierem a faltar, de nada valem o desejo de nos esforçarmos ou o emprego de qualquer recurso, seja ele qual for, pois, sem aquele auxílio não poderemos recuperar o antigo estado, e conservá-lo para sempre em nós. É o que nos afirma o Apóstolo, quando diz: *Não depende, portanto, daquele que quer, nem daquele que corre,*

mas de Deus que faz misericórdia (Rm 9,16).

Contudo, por outro lado, pode acontecer que essa graça não se recuse a visitar algum negligente ou relapso, mediante aquela santa inspiração de que falais, nem de inundá-lo com abundantes pensamentos espirituais, inspirando homens indignos, despertando sonolentos, iluminando-os na cegueira da ignorância, repreendendo-os e castigando-os com clemência, derramando-se em suas almas para que, ao menos assim, sejam incitados a levantar-se da inércia do sono, inspirados pela compunção do coração.

Enfim, frequentemente, por ocasião dessas visitas, somos de súbito inundados com perfumes inebriantes que ultrapassam qualquer elaboração humana, de modo que a mente, liberada pelo deleite, sente-se arrebatada em êxtase, esquecendo-se de que ainda permanece na carne.

6 - É útil para nós de quando em vez sermos abandonados por Deus

O bem-aventurado Davi reconheceu tão bem a utilidade do afastamento de Deus a que nos referimos e, por assim dizer, do seu abandono, que jamais quis pedir a Deus que não o abandonasse completamente. Com efeito, sabia que isso não lhe seria conveniente, nem a si mesmo nem à natureza humana em qualquer grau de perfeição a que tivesse chegado. Ele orava tão somente para que esse abandono não fosse absoluto, dizendo: *Não me abandones completamente* (Sl 118,8). Como se dissesse por outras palavras: sei que, para seu proveito, costumas abandonar teus santos a fim de experimentá-los. Pois, de outra forma, não

poderiam ser tentados pelo adversário, se não fossem abandonados por algum tempo. Por isso, não peço que nunca me abandones, porquanto jamais me seria benéfico não ter a experiência de minha fragilidade e não poder dizer: *Para mim foi muito bom ser humilhado* (Sl 118,71), pois, sem essa experiência, não teria ocasião de lutar. Sem dúvida não poderia tê-la, se vossa divina proteção não me abandonasse por um minuto sequer. Porque o demônio não ousaria tentar-me, sabendo-me bem amparado e, sob a tua proteção, não ousaria lançar contra mim ou contra ti a censura que com voz caluniosa costuma proferir. *Acaso é sem motivo que Jó teme a Deus? Tu não cercaste a ele, a sua casa e a tudo quanto possui?* (Jó 1,9-10). Prefiro, então, pedir que não me abandones "completamente", como em grego se diz: ἕως σφόδρα, até o último limite. Na verdade, tanto quanto me é útil que te afastes um pouco de mim, a fim de provar a perseverança de meus desejos, tanto me seria funesto que, tratando-me segundo minha iniquidade, quisesses abandonar-me por um longo tempo. De fato, nenhuma virtude humana, se não contar com teu auxílio na hora da tentação, poderá permanecer constante. Ao contrário, bem depressa sucumbiria ao poder e às artimanhas do adversário, a não ser que tu mesmo, conhecedor das forças humanas e regente das lutas, não permitisses que fôssemos tentados acima de nossas forças. Mas, com a tentação, nos darás os meios de sair dela e a força para sustentá-la (cf. 1Cor 10,13).

Algo semelhante ocorre de maneira mística no livro dos Juízes, em que lemos a exterminação das nações espirituais que se opunham a Israel: *São esses os povos que o Senhor conservou, a fim de por eles submeter à prova Israel, todos os que não tinham*

passado por nenhuma guerra (Jz 3,1-2). E mais adiante: *O Senhor os deixou para por meio deles experimentar Israel se, de fato, obedeciam aos preceitos do Senhor que por Moisés foram ordenados a seus pais* (id. 4). Se Deus reservou tais lutas para Israel, não foi por invejar-lhe o repouso nem por lhe desejar algum mal, mas por saber que esses combates lhe seriam proveitosos. Sempre oprimidos pelos ataques daqueles povos, Israel nunca deixaria de sentir a necessidade do auxílio divino. Assim, perseverando continuamente em meditar sobre esse socorro e invocando-o, não se deixava dominar pela inércia do ócio, nem se esquecia do exercício da guerra ou da prática das virtudes. Muitas vezes, aqueles que as adversidades não puderam vencer, a segurança e a prosperidade fizeram cair.

7 - A utilidade desse combate que o Apóstolo define como a luta entre a carne e o espírito

Também é proveitosa a luta que se instala em nossos membros. É o que lemos no Apóstolo: *Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne. Eles se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis* (Gl 5,17). Temos aqui uma luta entranhada em nosso corpo e, podemos dizer, por disposição do Senhor. Quando uma determinada tendência se encontra genericamente em todos, sem exceção, como se poderia considerar tal fato, senão como um atributo que, de certo modo, se tornara natural ao homem após a queda? E aquilo que se observa ser congênito em todos, como não acreditar que provém da vontade do Senhor que atua não com o desígnio de nos prejudicar, mas tendo em vista o nosso bem? Qual será,

pois, o motivo dessa luta entre a carne e o espírito? Esse motivo se encontra bem expresso pelas palavras do Apóstolo: *Assim, não fazeis o que quereis.*

Ora, se foi Deus quem estabeleceu algo que não somos capazes de fazer, que poderemos esperar, se o fizermos, a não ser algo de prejudicial? De certa maneira é útil essa luta que uma disposição de Deus colocou em nós, pois nos incita e nos impele a nos tornarmos melhores; pois sem ela, com certeza, a paz acabaria por ser perniciosa.

8 - A razão pela qual o Apóstolo, neste texto, após mostrar qual seja a luta entre a carne e o espírito, em terceiro lugar, refere-se à vontade

Germano: Embora o intelecto já comece a vislumbrar algum sinal, sem poder, contudo, contemplar ainda em plena luz o pensamento do Apóstolo, gostaríamos de que esse nos fosse explicado mais nitidamente. Pois esse sinal parece nos indicar três coisas: primeiro, a luta da carne contra o espírito; segundo, a concupiscência do espírito contra a carne; terceiro, nossa vontade que, por assim dizer, se interpõe entre os dois. É a respeito da vontade que diz o Apóstolo: *Não fazeis o que quereis.*

Já reunimos alguns indícios sobre o significado do que foi exposto; mas queremos, já que a conferência nos proporciona a ocasião, que nos fosse dito algo de mais explícito.

9 - Saber interrogar é uma prerrogativa da inteligência

Daniel: Discernir os diferentes elementos e as linhas mes-

tras de uma questão é uma prerrogativa da inteligência, pois, um de seus principais atributos é reconhecer o que não sabemos. Por isso diz-se: *Considera-se sabedoria a pergunta do ignorante* (Pr 17,18 – LXX). Porque, mesmo ignorando o cerne da questão proposta, quem interroga tem a prudência de indagar e reconhecer o que ainda lhe falta saber. Por isso, considera-se sabedoria reconhecer com sagacidade aquilo que se ignora.

De acordo com a divisão apresentada, o Apóstolo parece se referir a três coisas: à concupiscência da carne contra o espírito, à concupiscência do espírito contra a carne, e ao resultado e à causa desse duelo que consiste, segundo suas próprias palavras, em não podermos fazer aquilo que queremos. E ainda resta uma quarta causa, que não percebestes, isto é, que acabamos por fazer o que não queremos.

Agora, pois, convém aprendermos, antes do mais, a discernir a causa das duas primeiras concupiscências. Em seguida, examinaremos que vontade é essa que se interpõe entre ambas e, por fim, distinguiremos o que pode escapar ao poder da nossa vontade.

10 - O vocábulo carne não é empregado com uma única acepção

Pela leitura das Sagradas Escrituras observamos que a palavra "carne" aí aparece com diversas acepções. Pode significar o homem integral, isto é, o homem composto de corpo e alma, como se lê em João: *E o Verbo se fez carne* (Jo 1,14) e ainda: *Toda carne verá a salvação de nosso Deus* (Lc 3,6).

Também pode significar: "os homens carnais e pecadores", como na seguinte passagem: *Não permanecerá o meu espírito*

nestes homens porque são carne (Gn 6,3 – LXX). Pode, ainda, ser o equivalente do próprio pecado: *Vós não estais na carne, mas no espírito* (Rm 8,9). E mais: *A carne e o sangue não possuirão o reino de Deus. Nem a corrupção herdará a incorruptibilidade* (1Cor 15,50). Por vezes significa também os descendentes de um mesmo pai e a parentela: *Eis que somos teus ossos e tua carne* (2Rs 5,1) e o Apóstolo também nos diz: *Na esperança de provocar o ciúme dos da minha raça e de salvar alguns deles* (Rm 11,14).

A questão que ora se propõe é a seguinte: qual das quatro acepções do vocábulo "carne" corresponde à nossa indagação? É claro que a primeira: *E o Verbo se fez carne* e também: *Toda carne verá a salvação que vem de Deus*, não se enquadram, de modo algum, no nosso texto. O mesmo poderia ser dito da segunda acepção: *Não permanecerá o meu espírito nestes homens porque são carne*. Pois que, aqui, essa expressão se refere ao homem pecador o que não condiz com o que o Apóstolo quer significar, quando diz: *A carne tem aspirações contrárias ao espírito, e o espírito contrárias à carne* (Gl 5,17). Ele também não fala de substâncias, mas de aptidões que lutam num só e mesmo homem, sejam que aí se encontrem simultaneamente, sejam que se sucedam e se substituam em meio às vicissitudes e mudanças de tempo.

11 - Qual o sentido que o Apóstolo dá à palavra "carne" nessa passagem, e o que significa a concupiscência da carne

No texto em questão, devemos interpretar a palavra carne, não como equivalente de homem propriamente dito, isto é, da substância do homem, mas como a vontade que provém da carne e de seus maus desejos. Também o vocábulo espírito não

designa algo espiritual, mas as aspirações boas e espirituais. Foi esse o sentido com que o bem-aventurado Apóstolo empregou esse termo claramente no texto citado e que assim se inicia: *Ora, eu vos digo, conduzi-vos pelo espírito e não satisfareis os desejos da carne. Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito, e o espírito contrárias à carne. Eles se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis* (Gl 5,16-17).

Quando essas duas espécies de desejo se encontram, simultaneamente, os da carne e os do espírito em um só homem, travam uma luta diária em nosso interior. A concupiscência da carne se precipita impetuosamente no caminho dos vícios e se deleita com os prazeres de um repouso terrestre. Ao contrário, a concupiscência do espírito a ela se opõe, pois deseja de tal maneira aderir às realidades espirituais, que preferiria até omitir as necessidades inerentes à carne. Extremamente desejosa de se dedicar com exclusividade às suas práticas espirituais eliminaria, de bom grado, até mesmo os cuidados corporais exigidos por sua fragilidade.

A carne deleita-se com a luxúria e a libertinagem. O espírito não aceita sequer os desejos próprios da natureza. Uma, anseia por saciar-se de sono e de comida, o outro gostaria a tal ponto de extenuar-se com as vigílias e os jejuns que, com dificuldade, admite o sono e o alimento indispensáveis. Uma cobiça a abundância de todos os bens, o outro julga excessivo o pequenino pedaço do pão cotidiano. Uma procura ficar asseada com os banhos e ver-se rodeada por grupos de lisonjeadores, o outro se alegra com vestes sórdidas e com a vastidão dos desertos

inacessíveis, pois detesta a presença dos homens. Uma se vangloria com as honras humanas e seus louvores, o outro se rejubila com as injúrias recebidas e com as perseguições.

12 - Qual o papel da vontade situada entre a carne e o espírito

Entre as duas concupiscências da alma, a vontade é a que se encontra em pior situação. Não se deleita com os excessos dos vícios, nem aceita a dificuldade das virtudes. Procura equilibrar as paixões carnais, mas se recusa a suportar os sofrimentos necessários, indispensáveis para que o espírito domine os desejos. Quer conseguir a castidade do corpo sem, contudo, castigar a carne; adquirir a pureza, mas sem o labor das vigílias. Deseja crescer em virtude, usufruindo, porém, o repouso da carne; espera possuir a graça da paciência, sem passar pela provação das injúrias; pretende praticar a humildade do Cristo sem, todavia, abdicar as honras profanas; propõe-se a abraçar a simplicidade da vida religiosa, contanto que não tenha que abandonar o aparato mundano; tenciona testemunhar a verdade integral, mas sem proferir a mínima censura a quem quer que seja. Enfim, ambiciona alcançar os bens futuros, desde que não perca os presentes.

Tal vontade nunca nos fará chegar à perfeição verdadeira, mas acabará por nos induzir ao pior estado de tibieza, semelhante àqueles que são tão energicamente repreendidos pelo Senhor: *Conheço tua conduta: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar de minha boca* (Ap 3,15-16).

Felizmente, os conflitos que surgem de ambos os lados servem para destruir esse estado de grande tibieza pois se, ceden-

do à nossa vontade, nos deixamos levar, pouco a pouco, a um estado de relaxamento, imediatamente surgem os aguilhões da carne que nos ferem com os vícios e as paixões, não nos permitindo conservar o estado de pureza que tanto nos agrada, e nos arrastando para o caminho cheio de espinhos da volúpia e da aridez que tanto odiamos.

Em contrapartida se, inflados pelo ardor do espírito, quisermos extinguir as obras da carne sem nenhuma consideração pela fragilidade humana e, levados pelo orgulho do coração, pretendermos nos empenhar totalmente na prática das virtudes, a fraqueza da carne reclama e faz com que o espírito freie e modere aquele exagero condenável.

Nesse processo, as duas concupiscências se opõem uma à outra alternadamente. A vontade da alma, recusando a entregar-se sem reservas aos desejos carnais, mas também a empenhar-se com energia nos esforços que exigem a prática da virtude.

Esse conflito entre os dois extremos acaba por manter a vontade da alma em justo equilíbrio. Ela que não quer nem se entregar totalmente aos desejos carnais, nem se esfalfar com a prática das virtudes.

Assim, a luta entre essas duas influências contraditórias anula o predomínio da vontade, no que ela tem de mais pernicioso, e estabelece como que uma balança em nosso interior, de modo que, uma vez mantidos exatamente os limites de seus direitos, nem os ardores imoderados do espírito à direita, nem os aguilhões das tentações carnais à esquerda conseguem fazer pender um dos pratos da balança.

Então, esse proveitoso combate que se trava em nosso interior produz o salutar efeito de nos impelir à quarta opção de que falamos, isto é, fazer aquilo que não queremos, ou seja, alcançar a pureza de coração, não pelo ócio ou tranquilidade, mas pelo esforço contínuo e a contrição do espírito; conservar a castidade do corpo, pelos jejuns rigorosos, pela fome, a sede e a vigilância; obter a retidão do coração pela leitura, as vigílias, a oração contínua e o absoluto despojamento da solidão; perseverar na paciência, pela firmeza nas tribulações; servir nosso Criador nas blasfêmias e opróbrios excessivos; buscar a verdade, mesmo suportando a inveja e as inimizades deste mundo.

Com tal luta desencadeada em nosso corpo, somos arrancados da ociosa segurança, incitados ao labor que não desejamos e ao zelo pelas virtudes, mantendo-nos, assim, em um feliz e justo equilíbrio. De um lado o fervor do espírito e do outro, a redução dos desejos da carne pelo rigor da continência proporcionam à tibieza de nosso livre arbítrio uma atmosfera de calor moderado. Desse modo, a concupiscência do espírito impede que a mente seja arrastada para os vícios desregrados, enquanto a fragilidade da carne não permite que o espírito se exceda em desarrazoados anseios de virtudes. Em consequência, os vícios não se podem multiplicar excessivamente, bem como a soberba, que é nossa principal moléstia, elevar-se e atirar-nos o dardo do orgulho para ferir-nos mais gravemente ainda.

Desse embate surge a moderação; entre os dois excessos, abre-se o caminho da virtude, salutar e equilibrado, para ensinar o soldado de Cristo a sempre caminhar pela estrada real.

Quando, pois, a mente, pela tibieza da vontade pusilânime, pender para os desejos da carne, a concupiscência do espírito serve-lhe de freio, não se conformando com os vícios terrenos. Mas, se o excessivo fervor, arrebatando os corações, quiser arrastar nosso espírito a alturas impossíveis e intempestivas, a fragilidade da carne, por sua vez, reporá tudo no justo limite. Transcendendo ao morno estado de nossa vontade e, simultaneamente, conservando-se fiel a um justo comedimento, o espírito, doravante, trilha com esforço e diligência o caminho certo da perfeição.

No relato da construção da torre de Babel, no livro do Gênesis (cf. Gn 11), lemos que Deus agiu de maneira semelhante. A confusão repentina, causada pelas diferentes línguas, pôs um termo à ousadia de homens ímpios e sacrílegos. De fato, a funesta cumplicidade contra Deus, ou antes, contra eles próprios, que pretendiam afrontar a majestade divina, teria continuado se a decisão de Deus, criando a discórdia pela diversidade das línguas, através da dissonância das palavras, não os houvesse obrigado a procurar melhor situação. Àqueles que, por perversa unanimidade, eram levados à ruína, uma proveitosa e salutar discórdia deu, por tal divisão, consciência da fragilidade humana que, orgulhosos pela nociva conspiração, não tinham conhecido anteriormente.

13 - Vantagens resultantes da lentidão na luta travada entre a carne e o espírito

A demora resultante das forças contrárias em luta nos é vantajosa, e útil a delonga provocada pelo combate. Impedidos

pela resistência do peso corporal de pôr em prática, tão logo surjam, as concepções malévolas de nossa mente, por isso, graças ao tempo e à reflexão, somos capazes de corrigir e emendar nossas vidas, assumindo melhores sentimentos.

Quanto àqueles que não estão sujeitos a nenhum obstáculo da carne que possa inviabilizar a realização dos seus desejos, vale dizer, os demônios e espíritos do mal, sobretudo por terem caído das ordens superiores dos anjos – nós os consideramos mais detestáveis que os homens. Pois, uma vez concebido, o mal se torna irrevogável, porque nada os pode deter na consecução de seus intentos; já que tanto seu espírito é veloz em conceber, quanto sua substância é livre e ligeira para agir. Mas tal facilidade de realizarem de maneira extremamente rápida o que desejam, deixa de propiciar à deliberação a oportunidade de interferir, ou de corrigir o mal concebido.

14 - A malícia incorrigível dos espíritos do mal

Portanto, a substância espiritual, não sendo impedida pelo obstáculo da carne, não tem justificativa para o acolhimento de toda vontade maligna que nela surja e, ainda mais, sua malícia exclui todo perdão, porque, diferentemente do que ocorre conosco, essa tendência para o pecado não é provocada extrinsecamente pelo estímulo da carne, mas é movida tão somente pela vontade viciosa. Por isso, o pecado não tem perdão, a enfermidade não tem remédio. Como sua queda não é provocada por solicitações terrestres, não existe para esta a mesma indulgência ou tempo para o arrependimento.

Disso tudo se conclui que não nos são prejudiciais as lutas

entre a carne e o espírito; muito ao contrário, propiciam-nos grandes benefícios.

15 - Em que nos beneficia a concupiscência da carne contra o espírito

Em primeiro lugar, qual ótimo pedagogo, tem a utilidade de nos alertar sobre a nossa preguiça e negligência, nunca nos permitindo desviar-nos da linha austera da estrita observância e disciplina, exigidas por nossa condição. Todavia, caso nos aconteça, em nossa despreocupada segurança, ultrapassar a justa medida da retidão de nossa vida, imediatamente o chicote da tentação aparece para nos repreender e nos fazer retornar à austeridade da vida monástica.

Ainda nos é útil porque, tendo o benefício da graça divina permitido que, por muito tempo nossa castidade permanecesse sem mácula, orgulhosos dessa integridade, começamos a pensar que doravante estamos ao abrigo de qualquer impulso carnal, por mais simples e inocente que seja. Passamos, então, a crer que nunca mais seremos importunados, e um sentimento de vaidade surge no fundo de nossa consciência, como se não mais estivéssemos sujeitos à corrupção da carne. Mas, eis que um fluxo de impureza nos acomete e essa ocorrência, por pouco perturbadora que seja, e até mesmo inocente, rebaixa e humilha nosso orgulho e nos faz recordar de que ainda somos homens.

Ordinariamente, diante de outros vícios, mesmo dos mais graves e mais nocivos, costumamos nos comportar com indiferença e não nos penitenciamos com facilidade. Mas, por esse vício nossa consciência é humilhada e, por essa ilusão, a lem-

brança de outras paixões não repelidas nos enche de remorsos. A alma experimentava pelos vícios do espírito um estigma maior. A alma bem percebe quando se torna impura pelos instintos da natureza, mas ignora quando se torna muito mais impura pelos vícios do espírito. Procura, então, rapidamente a correção da negligência anterior e, ao mesmo tempo, se conscientiza de que não pode confiar no êxito da antiga pureza, uma vez que bastou um momentâneo afastamento do Senhor para que a perdesse.

Assim, a própria natureza nos ensina que tão somente pela graça de Deus se possui o dom da pureza. Desse modo, se alcançar o dom da perpétua integridade do coração nos proporciona alegria, para obtê-la é necessário que nos esforcemos na contínua prática da humildade.

16 - Nossas quedas seriam ainda mais graves, se o aguilhão da carne não nos humilhasse

O orgulho por nossa pureza seria ainda muito mais pernicioso do que todos os crimes e infâmias e, por sua causa, não alcançaríamos nenhuma recompensa por sermos integralmente castos. Disso dão testemunho aqueles espíritos acima mencionados que, por não sentirem nenhuma tentação da carne, só pelo envaidecimento do coração, foram lançados das sublimes alturas, para a eterna ruína. Seríamos, pois, irremediavelmente condenados à tibieza, mesmo não tendo, em nosso coração ou em nossa consciência, o menor sinal de negligência. Não lutaríamos para alcançar o fervor da perfeição, nem mesmo seríamos fiéis à estrita observância da frugalidade e da abstinência, se a tentação da carne, sempre crescente, não nos humilhasse e reprimisse,

tornando-nos também mais solícitos e atentos à purificação dos vícios espirituais.

17 - A tibieza dos que são castos por natureza

Finalmente, podemos observar que os castos pela própria natureza muitas vezes são tíbios porque, vendo-se livres do instinto carnal, julgam que não necessitam nem da continência corporal, nem da contrição do coração. Relapsos por essa segurança, na verdade, não se apressam em procurar efetivamente a perfeição do coração, ou mesmo em buscar a purificação dos vícios espirituais. Tal estado, que se afasta do estado carnal, é o estado animal. É, sem a mínima dúvida, muito pior que o outro, pois passa da frigidez à tibieza que é o mais abominável dos estados, de acordo com a própria palavra do Senhor.

18 - A diferença entre o homem carnal e o homem animal

Germano: Segundo nos parece, ficou bem clara a utilidade da luta entre a carne e o espírito. Fizeste com que, por assim dizer, a tocássemos com as mãos. Pelo mesmo motivo, queríamos ser instruídos sobre a diferença entre o homem carnal e o homem animal, e como pode ser este último pior do que aquele.

19 - O tríplice estado das almas

Daniel: Pela definição da Escritura existe um tríplice estado para as almas: o carnal, o animal e o espiritual. É assim que o Apóstolo os designa.

A respeito do carnal diz: *Dei-vos leite a beber, não alimento sólido pois não o podíeis suportar. Mas nem mesmo agora o podeis, visto que ainda sois carnais* e, logo depois: *Com efeito, se há entre vós invejas e rixas, porventura não sois carnais e não vos comportais de forma puramente humana?* (1Cor 3,2-3).

Sobre o animal, assim fala: *O homem animal não percebe aquilo que é do Espírito de Deus; para ele não passa de tolice* (1Cor 2,14).

Do homem espiritual, ensina: *O espiritual tudo julga, mas não é julgado por ninguém* (1Cor 2,15). E em outro lugar: *Vós que sois espirituais corrigi tal pessoa com espírito de mansidão* (Gl 6,1).

Assim, pois, se pela renúncia deixamos de ser carnais, isto é, se abandonamos o modo de vida mundano e seus evidentes desregramentos, urge que envidemos todos os nossos esforços para obter depressa o estado espiritual. Portanto, não aconteça que, desvanecidos por parecer exteriormente que renunciamos ao mundo e ao contágio dos vícios carnais, julguemos já ter desse modo alcançado a mais alta perfeição, o que nos poderá levar a uma covardia ainda maior e também, à maior lentidão na purificação dos outros vícios. Imobilizados, assim, entre esses dois graus, não chegamos ao espiritual, porque julgamos mais do que suficiente, em relação ao homem exterior, que já estamos separados da vida e dos prazeres do mundo, e que já somos imunes à corrupção e às obras da carne. Contudo, se formos encontrados nesse estado de tibieza, que é o pior de todos, saibamos que devemos ser vomitados da boca do Senhor, segundo suas próprias palavras: *Oxalá fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar de minha boca* (Ap 3,15-16).

Àqueles que o Senhor já havia acolhido nas entranhas da caridade, sentindo-os mornos, declara, com toda a razão, que seu coração, nauseado, vai vomitá-los. Porquanto, tendo a possibilidade de se tornarem para ele um alimento sadio, preferiram ser arrancados de suas entranhas, pois se transformaram em alimentos piores do que aqueles que nunca se aproximaram dos lábios do Senhor. Por provocarem náuseas, são detestados e lançados fora. O que é frio fica aquecido em nossa boca e recebido com salutar suavidade; mas o que foi rejeitado, por ser insuportavelmente morno, não somos capazes de aproximá-lo, já não digo dos lábios, mas nem mesmo de olhá-lo sem horror. Portanto, com toda a razão, a tibieza é considerada o pior dos estados. Pois o homem carnal, que vem do mundo profano ou pagão, tem mais facilidade em chegar à verdadeira conversão e em seguida, ascender aos cumes da perfeição do que o homem que fez a profissão monástica e, depois, não entrou decididamente no caminho dos perfeitos, segundo a regra da disciplina, deixando que nele se extinguisse o fogo do seu primeiro fervor.

Aquele, pelo menos, se sente humilhado e impuro pelos vícios corpóreos e, compungido, corre para a fonte da verdadeira purificação do contágio carnal. Buscando os cimos da perfeição, tem horror do gélido estado de infidelidade; por isso, voará com mais facilidade para a perfeição, graças ao ardor do espírito.

Mas para o que, desde o início, abusando do nome de monge, não tem nem a humildade nem o zelo de que necessitava para entrar decidido no caminho da profissão, pois, infectado por essa miserável lepra e, por assim dizer, debilitado por ela, já

não tem gosto pela perfeição, para esse não mais têm utilidade as advertências que recebe. Porquanto diz em seu coração aquilo que o Senhor nos falou: *Sou rico, enriqueci-me e de nada preciso.* Contudo, o que se segue, a ele se adapta perfeitamente: *Não sabes, porém, que tu és o infeliz: miserável, pobre, cego e nu!* (Ap 3,17). Pior ainda que o homem secular, não vê sua miséria, sua cegueira, sua nudez, achando que em nada precisa se corrigir, e que não necessita das advertências nem das instruções de ninguém. Não admite a mínima palavra de salvação, sem entender que o próprio título de monge torna sua situação ainda mais grave na opinião dos outros. Considerado por todos como santo e respeitado como servo de Deus, incorrerá num julgamento mais severo no futuro.

Mas, afinal, por que nos demorarmos tanto em coisas que por experiência tão bem conhecemos e observamos? Com frequência vimos seculares e pagãos, anteriormente tíbios e carnais, transformarem-se em homens fervorosos e espirituais. No entanto, nunca vimos acontecer o mesmo com os homens que se encontravam no estado tíbio e animal. Pelo Profeta, sabemos que o Senhor os abomina e que ordena aos espirituais e aos doutores que deixem de ensiná-los e exortá-los a fim de que não gastem inutilmente a palavra da salvação numa terra infrutuosa e estéril, coberta de espinhos. Que a abandonem, voltando-se, antes, para uma terra nova, isto é, que levem aos pagãos e aos seculares, com todo o zelo, o conhecimento da doutrina, empenhando-se em transmitir-lhes a palavra da salvação, pois: *Assim fala o Senhor aos homens de Judá e aos habitantes de Jerusalém: Arroteai para vós um novo campo e não semeeis sobre espinhos* (Jr 4,3).

20 - Os que renunciam ao mundo de modo imperfeito

Finalmente, envergonha-nos dizê-lo, vemos muitos monges renunciarem ao mundo de tal maneira que, a não ser a condição e a veste secular, nada mais modificaram no que concerne a seus vícios e costumes anteriores. Ansiosamente buscam uma fortuna que nunca tiveram antes ou, então, não abrem mão de conservar aquela que possuíam. Ou, mais triste ainda, querem mesmo aumentá-la sob o pretexto de com ela sustentarem servos ou irmãos, afirmando ser isso perfeitamente justo.[12] Algumas vezes, também, reservavam-na para mais tarde organizar uma comunidade que têm a presunção de governar na condição de abade.

Se, de fato, procurassem o caminho da perfeição, esforçar-se-iam por renunciar não só às riquezas, mas até às antigas afeições e, libertando-se de todas as preocupações, sozinhos e despojados, se colocariam sob a autoridade dos anciãos, evitando, assim, ter a menor inquietude em relação aos outros ou a si mesmos.

Mas, ao contrário, acontece que, sôfregos por governarem os irmãos, nunca se sujeitam aos anciãos e, enchendo-se de soberba, desejam instruir os outros, sem mesmo aprenderem ou praticarem aquilo que merece ser ensinado. Cumprir-se-á, assim, infalivelmente, a palavra do Senhor: *Cegos, conduzindo cegos, irão cair juntos no buraco* (cf. Mt 15,14).

Embora única em seu gênero, essa soberba apresenta dois

[12] Cremos que não se trata aqui de parentes ou criados que o monge deixou ao sair do mundo. Mas alguns eremitas tinham, para servi-los, seculares que lhes traziam da aldeia vizinha, o necessário para viver. Muitas vezes também, um companheiro de cela ou algum irmão da vizinhança lhes prestava o mesmo serviço.

aspectos. Um que simula sempre seriedade e circunspeção; e outro que revela uma liberdade sem freios, expandindo-se em gargalhadas e risos impertinentes. Ao primeiro, apraz a taciturnidade; para o segundo não existe a preocupação do silêncio, nem o cuidado de evitar aqui e ali o trato de assuntos inconvenientes e ineptos, pois temem mais que tudo passar por inferiores aos outros ou menos doutos. Um, pela preeminência do clericato, ambiciona aquela dignidade; o outro despreza-a, julgando-a talvez pouco condizente ou indigna de sua vida anterior ou nobreza de nascimento. Qual desses dois aspectos é o pior, discuta-o e examine-o quem quiser.

Em suma, trata-se do mesmo tipo de desobediência, vale dizer, transgressão do preceito dos anciãos, seja pelo excesso de trabalho, seja pelo amor ao ócio. É igualmente grave infringir as regras do mosteiro tanto para dormir quanto para vigiar; é tão perniciosa a falta de violar as ordens do abade para ler quanto para dormir. Desprezar um irmão, porque jejua, ou porque faz uma refeição, tem origem no mesmo foco de soberba. A não ser que são mais perniciosos e sem remédio os vícios que se disfarçam sob a capa da virtude do que aqueles que brotam dos prazeres mundanos. Semelhantes a enfermidades claramente manifestas, tais vícios bem podem ser curados. Aqueles, porém, que se ocultam sob a capa da virtude, permanecem incuráveis, por serem doentes perigosamente desenganados.

21 - Aqueles que, após abrirem mãos de grandes bens, se apegam a pequenas coisas

Como tratar desse aspecto por demais ridículo? Alguns

deixam bens consideráveis, e até cargos no mundo, a fim de entrar para o mosteiro. Não obstante, após o ardor da primeira renúncia, apegam-se com tanto afinco a coisas de tão pouca importância e de cujo uso ninguém pode prescindir, que não mais são capazes de abandoná-las. Por mínimas e reles que sejam, prendem-se a elas com tal paixão, que excede de muito a que tiveram por todas as suas antigas posses.

De nada lhes adiantou a entrega de maiores riquezas e o desprezo por seus bens, uma vez que transferiram para ninharias o apego que tinham por aquilo que tiveram de abandonar.

Com efeito, não mais podendo entregar-se à cupidez e à avareza em relação às coisas de valor, transpõem seu apego para objetos por demais insignificantes, provando com isso que não haviam abandonado, mas apenas deslocado a antiga paixão. A excessiva solicitude por uma esteira, um cestinho, uma sacola, um livro, ou qualquer outro objeto, mesmo de pouco valor, demonstram que esse monge está ainda aprisionado pela mesma força que o atava anteriormente. E guardam e defendem essas coisas com tal agressividade, que não se envergonham de, por esse motivo, se exaltar contra um irmão, com o qual – o que é mais vergonhoso ainda – chegam até a altercar.

Afetados, ainda, pela antiga cupidez, não se contentam em possuir unicamente aquilo que lhes seja absolutamente necessário para seu uso, na medida e quantidade comum a todos; mas demonstram guardar no coração a avareza, quando desejam ter, com maior fartura que os outros, objetos indispensáveis ou, pior ainda, quando acumulam coisas supérfluas que guardam

com espírito de propriedade e um zelo que excede o limite do razoável, sem permitir que ninguém os toque, quando tudo deveria ser comum a todos. Porventura a paixão da cupidez não é um mal intrínseco que independe da diferença do objeto que a provoca? E, uma vez que não é lícito encolerizar-se por questões importantes, seria isso permitido em se tratando de bagatelas?

Porém, se abandonamos bens mais preciosos, não foi justamente para que aprendêssemos a desprezar com facilidade as ninharias?

Que diferença faz se somos abalados pela ambição de grandes e magníficas riquezas ou por apego a futilidades? Pois somos ainda mais passíveis de repreensão se nos tornamos escravos de coisas mínimas após termos desprezado as máximas. Portanto, a renúncia de coração não existe para aquele que, embora faça atos de despojamento, conserva na alma o amor da riqueza.

V

CONFERÊNCIA DO ABADE SARAPIÃO

Os Oito Vícios Principais

1 - Nossa chegada à cela do abade Sarapião. Os diferentes tipos de vícios e os assaltos com que nos atingem

Naquela venerável assembleia de anciãos, havia um, de nome Sarapião, que se sobressaía aos demais pelo dom do discernimento. Por isso, considero muito importante reproduzir sua conferência.

Como lhe pedíssemos um dia, com muita insistência, que nos falasse algo acerca das investidas dos vícios contra nós, de suas origens e de suas causas a fim de ficarmos mais esclarecidos, ele assim começou:

2 - Exposição do abade Sarapião sobre os oito vícios principais

São oito os vícios principais que afligem o gênero humano: o primeiro é a gastrimargia, ou voracidade do estômago, isto é, a gula; o segundo, a luxúria; o terceiro, o amor ao dinheiro, ou seja, a avareza; o quarto, a ira; o quinto, a tristeza; o sexto, a acé-

dia, a ansiedade, isto é, o tédio do coração; o sétimo, a vanglória ou jactância; o oitavo, a soberba.

3 - A dupla categoria de vícios e as quatro maneiras pelas quais nos assaltam

Esses vícios são de dois tipos. Alguns têm relação com a natureza, como a gula; outros não, como a avareza. Atuam, porém, de quatro maneiras diferentes. Alguns não podem agir sem uma participação corporal, como a gula e a luxúria; outros não a exigem necessariamente como a soberba e a vanglória. Alguns recebem seu estímulo de uma causa externa, como a avareza e a ira; enquanto a preguiça e a tristeza provêm de um fator interno.

4 - A gula, a luxúria e a cura dessas paixões

Para que se tornem mais claros os princípios acima enunciados, acrescentarei às minhas explicações alguns testemunhos da Escritura.

A gula e a luxúria, apesar de existirem dentro de nós, em virtude da própria natureza, (pois às vezes brotam sem qualquer estímulo da alma, apenas pelo instinto da carne), necessitam para sua concretização, de certa matéria extrínseca, isto é, uma ação corporal. Pois: *Cada um é tentado pela própria concupiscência que o arrasta e seduz. Em seguida, a concupiscência, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, atingindo a maturidade, gera a morte* (Tg 1,14-15).

O primeiro Adão não teria sido seduzido pela gula se não tivesse à mão a matéria para satisfazê-la, dela abusando ilicitamen-

te. O segundo Adão também não teria sido tentado sem a existência de um objeto externo, quando lhe dizem: *Se és Filho de Deus, ordena a estas pedras que se transformem em pães* (Mt 4,3).

Quanto à luxúria, é evidente, que só se pode consumar através do corpo. A esse respeito, Deus diz a Jó: *Sua fortaleza está em seus rins, e seu vigor no umbigo de seu ventre* (Jó 40,11 – LXX).

Por conseguinte, esses dois vícios, por não se consumarem sem a participação da carne, exigem, além dos remédios espirituais, a prática da abstinência. Na verdade, para quebrar seus aguilhões, não basta o propósito do espírito (como acontece em relação à ira, à tristeza e às outras paixões que, sem afligir o corpo, a alma sozinha consegue vencer), mas é imprescindível a mortificação corporal pelos jejuns, as vigílias e os trabalhos que levam à contrição, podendo-se acrescentar também a fuga das ocasiões insidiosas. Sendo tais vícios oriundos da colaboração da alma e do corpo, não poderão ser vencidos sem que ambos se empenhem nesse processo.

É bem verdade que o santo Apóstolo julgou, em geral, todos os vícios como carnais (cf. Gl 5,19s), uma vez que enumerou as inimizades, iras e heresias entre as obras da carne; nós, porém, cujo escopo é determinar exatamente suas peculiaridades e sua cura, os dividiremos em dois gêneros e declaramos que uns são carnais e outros espirituais. Carnais são aqueles que mais particularmente dependem dos instintos da carne, com os quais ela se deleita, e aos quais alimenta. Chegam, às vezes, a agitar as almas tranquilas, arrastando-as, ainda que contra a vontade, até consentirem em seus desejos. Diz o santo Apóstolo: *Nós,*

também, andávamos outrora nos desejos da carne, satisfazendo as vontades da carne e os seus impulsos, e éramos, por natureza, como os demais, filhos da ira (Ef 2,3).

Quanto aos vícios espirituais, brotados unicamente da instigação da alma, não trazem nenhum prazer à carne; ao contrário, sobrecarregam-na com pesadíssimas provações, oferecendo, apenas, à alma afetada o alimento de desprezíveis satisfações. Por esse motivo, necessitam apenas dos simples remédios para o coração, e não exigem, como os vícios carnais, um duplo tratamento, a fim de conseguirem a cura, como já expusemos. Por conseguinte, é de grande auxílio para quem busca a pureza fazer desaparecer, em primeiro lugar, a matéria que, numa alma ainda frágil, poderia dar ocasião às paixões carnais, ou reavivar-lhes a lembrança. Contudo, tendo a enfermidade uma dupla causa, necessita também de um duplo remédio. A fim de que a concupiscência não seja incitada a se satisfazer, urge afastar do corpo qualquer figura ou objeto capaz de seduzi-lo. Quanto à alma, para que nem sequer lhe ocorra o pensamento do mal, convém que, com a maior diligência e solicitude, passe as noites na meditação das Escrituras, procurando viver na mais absoluta solidão.

Em relação aos outros vícios, porém, a convivência com os outros homens não constitui um obstáculo; ao contrário, proporciona um grande benefício aos que desejam se libertar dos mesmos. Pois a presença de outras pessoas faz com que eles se manifestem com maior frequência, propiciando-lhes, assim, uma cura mais rápida.

5 - De que modo somente nosso Senhor foi tentado sem incorrer em pecado

O Apóstolo declara que nosso Senhor Jesus Cristo foi tentado *em tudo à nossa semelhança,* mas acrescenta: *sem o pecado* (Hb 4,15). Isto é, sem a contaminação do vício, pois, de modo algum experimentou o aguilhão da concupiscência carnal, que nos assedia infalivelmente mesmo sem o nosso conhecimento ou consentimento. Porquanto seu nascimento não teve semelhança alguma com a concepção humana, pois o arcanjo a anunciou com as seguintes palavras: *O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o Santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus* (Lc 1,35).

6 - Natureza da tentação com a qual o demônio experimentou o Senhor

Mesmo possuindo a incorrupta imagem e semelhança de Deus, devia Jesus ser tentado por aquelas mesmas paixões que Adão sofreu quando ainda possuidor da inviolada imagem de Deus: a gula, a vanglória e a soberba. Após a transgressão do preceito divino, tendo violado a imagem e semelhança de Deus, decaído por sua culpa, Adão viu-se por elas envolvido.

A gula fez com que Adão ousasse comer do fruto proibido; a vanglória levou-o a escutar: *Vossos olhos se abrirão* (Gn 3,5), e a soberba, a acreditar: *Sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal* (Gn 3,5). Lemos que o Senhor Salvador foi tentado por estes três vícios. Pela gula, ao dizer-lhe o demônio: *Dize a estas pedras que se transformem em pães* (Mt 4,3), pela vanglória, ao ouvir:

Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo (id. 6); pela soberba quando, mostrando-lhe todos os reinos do mundo e sua glória, o demônio lhe diz: *Tudo isto te darei, se prostrado me adorares* (id. 9). Assaltado por essas tentações incipientes, quis ensinar-nos por seu exemplo como vencer o tentador.

Por esse motivo tanto aquele quanto este têm o nome de Adão. Aquele foi o primeiro para a queda e a morte, este foi o primeiro para a ressurreição e a vida. Por aquele é condenado todo o gênero humano; por este é libertada toda a humanidade. Aquele de intacta e primitiva terra é formado, o segundo nasceu da Virgem Maria. Pois, se foi necessário ao Senhor suportar as tentações que Adão sofreu não precisava, contudo, ultrapassá-las. Tendo triunfado da gula, não poderia ser tentado pela luxúria, que provém da abundância e da raiz daquela. O próprio Adão não teria sucumbido, se antes não se tivesse deixado envolver pelas seduções do demônio e dado guarida em sua alma ao vício que lhe dá origem.

Por isso, não se diz simplesmente que o Filho de Deus veio na carne do pecado, mas *numa carne semelhante à do pecado* (Rm 8,3). Porque, tendo verdadeira carne, comia, bebia, dormia e sujeitou-se de verdade a ser cravado na cruz. Mas, do pecado que a carne contraiu na prevaricação, ele só assumiu a aparência sem conhecer a realidade.

Não experimentou os ardentes aguilhões da concupiscência carnal que, mesmo contra nossa vontade, surgem em nós por obra da natureza, mas assumiu tão somente certa semelhança com ela por participar da nossa natureza. Pois quis, na verdade,

compartilhar de tudo quanto é nosso e carregar todas as fraquezas humanas; por conseguinte, julgou-se que também estivesse sujeito a essa paixão humana, de modo que suas fraquezas pareciam o sinal de que, como nós, estivesse sujeito, em sua carne, àquela condição de vício e de pecado.

Em suma, o diabo tenta-o somente por aqueles vícios com que enganara o primeiro homem, presumindo que estivesse tratando com um homem comum, ao qual também conseguiria iludir com os outros vícios, depois que o visse cair naqueles mesmos pecados aos quais arrastara o primeiro Adão. Vencido, porém, no primeiro embate, não pôde o diabo levá-lo ao segundo vício da raiz do primeiro. Vendo que o Senhor permanecia inacessível ao pecado da gula, causa inicial daquela fraqueza, percebeu que era supérfluo esperar dele algum fruto do pecado, uma vez que nem a semente nem as raízes tiveram acolhida.

Embora, segundo Lucas, a última tentação seja expressa pelas palavras: *Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo* (Lc 4,9), pode-se concebê-la como uma indução à soberba. Assim sendo, a tentação anterior, aquela que São Mateus apresentava como a terceira (Mt 4,8s), e na qual, segundo São Lucas, o diabo mostra ao Senhor, num relance, todos os reinos do mundo, deve ser compreendida como instigação à avareza. Vencido em relação à gula e vendo-se impotente para instigá-lo à luxúria, o demônio teria recorrido à avareza (cf. 1Tm 6,10), que ele sabia ser a raiz de todos os males. Novamente dominado, não mais ousou sugerir nenhum outro vício daquela espécie, pois não ignora que todos brotam dessa raiz fecunda. Foi então que lançou mão da sober-

ba, pois estava convencido de que, mesmo os perfeitos, após terem triunfado de todos os vícios, continuam sensíveis a suas instigações. Ele próprio, se lembra de que, como Lúcifer, por causa da soberba, e sem nenhum estímulo de vício anterior, foi precipitado com muitos outros, das alturas celestes.

Portanto, se nos ativermos à ordem adotada por São Lucas, já citada, percebemos que foi o mesmo esquema de seduções e artifícios usado pelo inimigo para atacar o primeiro Adão, que ele empregou para atingir o segundo. Ao primeiro ele diz: *Abrir-se-ão vossos olhos* (Gn 3,5) e ao segundo, diz o Evangelho que *ele mostra todos os reinos da terra* (Mt 4,8). Ao primeiro declara: *Sereis como deuses,* e ao segundo: *Se és Filho de Deus* (id. 6).

7 - A vanglória e a soberba se consumam sem a colaboração do corpo

Continuemos nossa exposição sobre os vícios, interrompida pela explicação acerca da gula e das tentações do Senhor. Quanto ao modo de se consumarem, não há a menor dúvida de que a soberba e a vanglória não necessitam para isso de nenhuma colaboração corporal. Pois, de que atuação carnal carecem, se a conivência e o desejo de conquistar louvores e glória humana já excitam a alma e a escravizam, acarretando sua ruína total? Ou teve a antiga soberba de Lúcifer alguma causa corporal, uma vez que unicamente pelo espírito e pensamento a concebeu, como nos lembra o Profeta: *Tu que dizias em teu coração: subirei às alturas, porei um trono acima dos astros de Deus. Elevar-me-ei nas alturas das nuvens, serei semelhante ao Altíssimo?* (Is 14,13-14). Da mesma forma, como não teve nenhum instigador para a so-

berba, também só o pensamento engendrou o crime e a eterna desgraça. E nada se seguiu a essa tão cobiçada usurpação.

8 - O amor ao dinheiro não faz parte da natureza humana. A diferença que existe entre este e os vícios naturais

Embora a avareza e a cólera não pertençam à mesma natureza (a primeira não faz parte da natureza humana e a outra, ao que parece, encontra sua origem em nós mesmos), surgem de maneira semelhante e, em geral, de causas extrínsecas. Os que ainda são fracos constantemente se queixam de que sucumbiram à ira ou à avareza pela provocação de outros. Que a avareza não pertença propriamente à natureza, pode-se deduzir com segurança, pelo fato de que não tem em nós sua origem, nem o objeto que a provoca em nada beneficia a alma ou o corpo. Tampouco serve para satisfazer as necessidades vitais, pois, para isso bastam o pão cotidiano e a água. Todas as outras coisas materiais, embora as conservemos com o maior zelo e amor, são estranhas à verdadeira necessidade do homem, ainda que aprovadas pelo costume. Mas, justamente porque não se relacionam com a natureza, só atingem os monges tíbios e inseguros. Ao passo que os impulsos naturais não deixam de ser causa de tentação, até para os mais santos e que vivem na mais profunda solidão.

Tanto isso é verdade que alguns povos não conhecem a avareza – porque é um vício que jamais deixaram entrar em seus costumes – e creio também que o primeiro mundo, anterior ao dilúvio, ignorou tal desvario.

Cada um de nós, também, que conscientemente renunciou a tudo, sabe por experiência que esse vício não se extingue

sem esforço. Pois, se alguém se desfaz de todos os seus bens e se entrega à disciplina do cenóbio, não suporta reter consigo sequer um simples centavo. Milhares de pessoas nos dão testemunho de que, uma vez distribuídos todos os bens, de tal forma extirparam a paixão da avareza que, depois, nem levemente foram por ela atraídos. Quanto à gula, porém, têm de lutar incansavelmente contra ela. Porquanto, só graças a uma extrema circunspeção e a uma vigilância incessante podem se sentir seguros.

9 - A tristeza e a acédia, geralmente, não se encontram entre os vícios provocados por fatores externos

Como dissemos acima, a tristeza e a acédia não costumam ser provocadas por fatores extrínsecos. Porquanto, mesmo os solitários e anacoretas, afastados de todo o convívio humano, com frequência e de modo cruel, por elas são afligidos. Quem morou na solidão e conheceu os combates do homem interior sabe, por experiência, ser isso a pura verdade.

10 - A correspondência que existe entre os seis primeiros vícios e o parentesco que une e os dois últimos

Esses oito vícios apresentam, pois, certa diversidade de origem e diferentes modos de concretização. Todavia, os seis primeiros, isto é, a gula, a luxúria, a avareza, a ira, a tristeza e a acédia estão ligados por certo parentesco e, por assim dizer, parecem concatenar-se entre si, de modo que o excesso do primeiro passa a ser o início do seguinte. Assim, o excesso da gula produz necessariamente a luxúria; da luxúria nasce a avareza; da

avareza, a ira; da ira, a tristeza; da tristeza, a acédia.

Por isso, a luta contra eles deve obedecer à mesma tática e combater os primeiros antes dos segundos. Pois, fica mais fácil, para poder cortar uma árvore gigantesca, primeiro fazê-la murchar descobrindo-lhe as raízes que a sustentam. Rapidamente cessam as águas devastantes, se a fonte donde provêm e seus estuários forem estancados com eficiência.

Por essa razão, triunfa-se da acédia, superando antes a tristeza; lança-se fora a tristeza, destruindo antes a ira; para extinguir a ira, calca-se aos pés a avareza; para se arrancar a avareza, faz-se mister conter a gula.

Quanto aos outros dois vícios, vanglória e soberba, também estão unidos entre si, de modo semelhante ao que expusemos acerca dos anteriores, o transbordamento do primeiro faz surgir o outro. Assim, a vanglória exacerbada alimenta a soberba. Contudo, esses dois diferem inteiramente dos outros seis, e formam um grupo completamente separado, mantendo com os outros uma relação totalmente diversa. Também não é neles que se encontra a sua origem. Ao contrário, surgem de maneira inversa. Pois, vencidos os seis anteriores, aí é que eles germinam com mais veemência. Renascem da própria morte com aumento de seiva e vitalidade. A maneira pela qual nos atacam também é completamente diversa.

Nos seis primeiros, caíamos em cada um deles quando éramos vencidos pelo anterior. Quanto aos dois últimos, porém, são nossas vitórias e triunfos que nos fazem incorrer no perigo da queda.

Todos os vícios, como nascem do anterior, purificam-se

pelo enfraquecimento do antecedente. Assim sendo, para que se possa acabar com a soberba, a vanglória precisa ser sufocada.

Pois ocorre que, com a derrota dos anteriores, os seguintes ficam enfraquecidos. A extinção dos precedentes provoca, sem muito esforço, a ruína dos seguintes.

Os próprios vínculos que unem e mesclam um ao outro esses oito vícios capitais, distribuem-se, no entanto, de um outro ponto de vista, em quatro pares: a gula está ligada, de modo especial, à luxúria; a avareza, à ira; a tristeza, à acédia; a vanglória se une à soberba por verdadeiros laços de família.

11 - Origem e natureza de cada vício

Falemos agora de cada vício em particular. Na gula, por exemplo, reconhecemos três espécies de vícios: a primeira, que incita o monge a antecipar a hora marcada para a refeição, a segunda, que encontra seu prazer em empanturrar-se, pouco lhe importando a qualidade dos alimentos, pois sua meta é satisfazer sua voracidade e a terceira, que leva à procura de pratos finos e requintados.

Não é pequeno o prejuízo que as três causam ao monge, a não ser que este, com igual empenho e fiel observância, procure libertar-se. Assim como ele não se deve permitir romper o jejum antes da hora regulamentar; assim, também, não deve admitir o excesso de alimentos e os pratos requintados e dispendiosos.

Essas três espécies de gula constituem para o monge um foco de enfermidades tão perigosas quanto numerosas. A primeira espécie de gula leva o monge a detestar o mosteiro, tornando sua estada ali triste e insuportável. Pode-se prever que

neste caso logo se seguirá a desistência e a fuga.

A segunda suscita os ardores da luxúria e do prazer. A terceira, enfim, tece na cabeça de suas vítimas inextrincáveis vínculos de avareza, não permitindo ao monge que se fixe no despojamento do Cristo.

Reconhecemos em nós as marcas dessa terceira enfermidade pelos seguintes indícios: um irmão nos convida para uma refeição, mas, não apreciando o sabor dos alimentos que o mesmo preparou, e sem mesmo recear alguma inconveniência, tomamos a liberdade de pedir algum tempero que os deixe mais apetitosos. Essa é uma atitude totalmente reprovável, por três motivos. Primeiro, porque o espírito do monge deve estar pronto para qualquer tolerância e parcimônia e precisa saber que, conforme o Apóstolo, é necessário que ele aprenda a se contentar com o que tem (cf. Fl 4,11). Pois, como dominará as paixões ocultas e mais violentas da carne quem não é capaz de tolerar um alimento menos saboroso ou, por um momento, se privar das delícias do paladar?

Segundo, porque, se faltar naquela ocasião o tempero pedido, podemos envergonhar o irmão por sua carência e frugalidade, tornando pública uma pobreza que, de preferência, deveria ser conhecida somente por Deus. Finalmente, o tempero que pedimos pode não ser apreciado pelos outros; acontecendo que, por desejarmos satisfazer nossa gulodice, acabamos por magoar a muitos. Eis aí motivos bastante consistentes para refrearmos nossa inconveniência.

Também são três as espécies de luxúria. A primeira con-

siste na união do homem e da mulher. A segunda é aquela pela qual, sem relação sexual, o Senhor feriu Onam, filho do patriarca Judá e que nas Sagradas Escrituras é chamada de impureza. É assim que o Apóstolo a ela se refere: *Digo às pessoas solteiras e às viúvas que é bom ficarem como eu. Mas, se não podem guardar a continência, casem-se, porque é melhor casar-se do que ficar abrasado* (1Cor 7,8-9).

A terceira é concebida na alma e no espírito; dela fala o Senhor no Evangelho: *Todo aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso, já cometeu adultério com ela em seu coração* (Mt 5,28). O bem-aventurado Apóstolo declara que é necessário extinguir igualmente esses três tipos do vício: *Mortificai, pois, os vossos membros terrenos: fornicação, impureza, paixão, desejos maus e cupidez, que é idolatria* (Cl 3,5). E mais, aos efésios também dá a seguinte ordem, citando apenas duas espécies de vícios: *Fornicação e qualquer impureza ou avareza nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos* (Ef 5,3). E mais adiante: *É bom que saibais que nenhum fornicador ou impuro ou avarento – que é um idólatra entra no Reino de Cristo e de Deus* (id. 5).

Acautelemo-nos contra essas três espécies com igual cuidado, já que com uma única infração elas nos excluem do reino de Cristo.

A avareza também se nos apresenta sob três formas: a primeira impede aos que renunciam ao mundo de se despojarem de sua fortuna e de seus bens. A segunda nos persuade a reaver com maior avidez aquilo que distribuímos por alguns ou demos aos pobres. A terceira nos impele a adquirir aquilo que mesmo

anteriormente nunca possuímos.

São ainda três as espécies de ira: uma que arde no íntimo e a que os gregos chamam θυμός.

A segunda que explode em palavras e atos, em grego ὀργή. Dessas fala o Apóstolo: *Agora, abandonai tudo isto: ira, exaltação, maldade, blasfêmia, conversa indecente* (Cl 3,8). Quanto à terceira, não se contenta com uma efervescência passageira, mas perdura dias e dias. É a chamada μῆνις. Urge que as condenemos todas com horror.

Já a tristeza se manifesta sob dois aspectos: um provém de uma cólera extinta, algum prejuízo sofrido ou um desejo totalmente frustrado. O outro tem por causa uma ansiedade ou um desespero irracional.

São também dois os aspectos de que se reveste a acédia: um, lança no sono o entediado. O outro, instiga a abandonar a cela e a fugir.

Quanto à vaidade, são várias as formas que aparenta, dividindo-se em diversas espécies. Pode-se, no entanto, reduzi-la a duas espécies: a primeira, que nos torna ávidos por benefícios corporais e aparentes. A segunda, que nos faz desejar que nos tornemos renomados como espirituais e nos torna cobiçosos dos louvores humanos.

12 - A vanglória pode ter sua utilidade

Para uma só coisa pode servir a vanglória.[13] Na ocasião em

[13] Certamente pode-se por vaidade, evitar um pecado grave, especialmente se for causa de vergonha. Mas será mesmo a vaidade que se tem por objeto neste capítulo? O temor de perder a honra, a vergonha de faltar à própria dignidade monástica ou sacerdotal são motivos inferiores e as almas perfeitas olham mais para o alto; é uma impropriedade chamá-los de vaidade.

que os iniciantes se veem tentados pelos vícios, como no tempo em que o espírito de luxúria os instiga com muita veemência, se pensarem na dignidade do múnus sacerdotal ou na opinião dos outros, que os têm em conta de santos e imaculados, são capazes de afastar os imundos aguilhões da concupiscência como indignos de sua fama ou da honra sacerdotal. Assim, esse pensamento poderá fazer com que vençam tal tentação. Com um mal menor, refreiam o maior. Pois é preferível repelir a luxúria pela vaidade que ceder àquele vício do qual, depois, a libertação é quase impossível ou muito difícil. Falando em nome de Deus, um dos profetas assim se expressou com muita propriedade: *Mas por causa do meu nome retardo a minha ira, por causa da minha ira procuro conter-me, a fim de não exterminar-te* (Is 48,9).[14]

Isto é, se pelos louvores da vaidade fores afetado, não mergulharás nas profundezas do inferno pela consumação irrevogável dos pecados mortais. Não é de admirar que a vaidade seja tão vigorosa e capaz de refrear alguém na iminência de se deixar dominar pelo vício da fornicação. Faz parte da experiência de muitos que, uma vez alguém corrompido pelo seu veneno, este o torna infatigável, levando-o a jejuar dois ou três dias seguidos, sem sequer sofrer por isso. Conhecemos alguns, neste deserto, que confessaram o seguinte: quando moravam nos cenóbios da Síria, toleravam sem fadiga tomar alimento de cinco em cinco dias, no entanto, agora no jejum cotidiano, sentem tanta fome que até na hora terça, já mal podem esperar pela hora nona. O abade Macário, a alguém que lhe pedia explicação por, já à hora

[14] Devemos confessar que não percebemos o nexo do texto com a conclusão que o autor lhe dá.

terça, sentir tanta fome, quando no cenóbio jejuava a semana inteira e não a sentia, respondeu com muito discernimento: "Aqui não há testemunhas de teu jejum nem quem te alimente com seus elogios; lá, porém, o dedo dos homens te designava à admiração e a vanglória te saciava".

Um belo exemplo de como a vanglória pode repelir o vício da luxúria se encontra muito bem descrito no livro dos Reis (cf. 2Rs 23; 24). O povo de Israel fora escravizado por Necao, rei do Egito. Nabucodonosor, rei dos assírios, subiu do Egito e levou os hebreus para seu país, não para devolvê-los à antiga liberdade e ao país de origem, mas para transportá-los às terras da Assíria.

Essa figura bem se adapta ao que dissemos. Embora a vanglória seja mais tolerável do que a luxúria, é com maior dificuldade que se vence sua dominação. De certo modo é tanto mais difícil o cativo tornar à sua terra natal e à liberdade da pátria quanto mais se acha dela distante. Com razão a ele se dirige a repreensão profética: *Por que envelheceste em terra estrangeira?* (Br 3,11).

Realmente, envelheceu em terra estrangeira, quem não conseguiu renovar-se, despojando-se dos vícios terrenos.

Enfim são dois os aspectos de que se reveste a soberba: o primeiro, carnal; o segundo, espiritual que é o mais pernicioso pois atinge preferencialmente os que progrediram no exercício de alguma virtude.

13 - Todos os vícios atacam a todos nós, mas cada um com sua tática

Os oito vícios de que falamos perseguem toda a humanidade, no entanto, seus ataques não se manifestam a todos do

mesmo modo. A um é o espírito de fornicação que mais instiga, a outro é a cólera que domina; num terceiro, a vanglória exerce a tirania. Em outro, ainda, é a soberba que detém a soberania. E, se é inegável que cada um de nós deve sofrer o assalto de todos, não é com a mesma tática e na mesma ordem que somos experimentados.

14 - O combate aos vícios deve obedecer à mesma tática de suas investidas

Na luta que vamos empreender contra os vícios, devemos empregar a mesma tática com que nos assaltam. Para isso, urge descobrir qual o vício que mais nos subjuga e iniciar contra ele a luta principal. Que cada um com toda a atenção e diligência da mente, bem como com a máxima vigilância, observe suas investidas. Dirijamos, então, contra ele os dardos dos jejuns cotidianos, golpeando-o com frequentes suspiros e gemidos do coração; invoquemos contra ele o labor das vigílias e das meditações espirituais, as incessantes orações com lágrimas derramadas perante Deus, implorando-lhe que, de modo especial e para sempre, extinga esses ataques.

É impossível triunfar sobre qualquer paixão, se antes não compreendermos que nossa diligência e nosso esforço jamais poderão alcançar-nos a vitória nessa luta. Contudo, toda a obra de purificação exige cuidado e solicitude incessantes, dia e noite.

No entanto, ao sentir-se alguém liberto, novamente esquadrinhe todos os recantos do coração com a mesma meticulosidade e surpreenda aquele que entre os outros vícios percebe ser o mais pernicioso. É indispensável, então, que se lance mão de

todas as armas espirituais para combatê-lo. Desse modo, depois de vencidos os mais poderosos, mais facilmente serão superados os restantes, e a luta contra os mais fracos passa a ser vitoriosa. Pois, assim costumam agir aqueles que, por ambicionarem as recompensas, se decidem a lutar perante os reis da terra, contra todo o gênero de feras em um espetáculo vulgarmente chamado "pancarpo" (composto de várias coisas). Contra as feras que consideram mais fortes ou mais ferozes, é que os gladiadores iniciam o combate; mortas aquelas, enfrentam as outras, que por serem menos terríveis e agressivas, são derrubadas com mais facilidade.

Por uma tática semelhante, superadas as paixões mais violentas, nos dispomos gradualmente a combater as mais fracas, obtendo assim, sem riscos, uma completa vitória.

Contudo, não julguemos que, ao orientarmos nossa luta específica contra um vício particular, olhando com negligência os dardos de outros, sejamos feridos com facilidade por um golpe inesperado. Isso é impossível; pois, quem se preocupa com a purificação de seu coração e, com esse intuito, lança mão de todas as forças de sua alma para libertar-se de determinado vício, envolve todos os outros no mesmo ódio e se mantém vigilante contra todos eles.

A que título mereceria alguém a vitória desejada sobre uma paixão, se depois se tornasse indigno da recompensa prometida aos puros de coração, por se ter contaminado com outros vícios?

Mas, quando tivermos feito da luta contra determinada paixão nosso principal propósito, passaremos a rezar nessa inten-

ção, com zelo e solicitude a fim de merecermos a graça de uma vigilância mais cuidadosa e assim alcançarmos uma rápida vitória.

Tal é a tática que o Legislador dos hebreus nos ensinou a seguir em nossos combates, porque não podemos confiar em nossas forças. Assim já que diz ele: *Não fiques aterrorizado diante deles, pois o Senhor teu Deus, que habita em teu meio, é Deus grande e terrível. O Senhor teu Deus pouco a pouco irá expulsando essas nações da tua frente; não poderás exterminá-las rapidamente: as feras do campo se multiplicariam contra ti. É o Senhor teu Deus quem vai entregá-las a ti: profundamente perturbadas até que sejam exterminadas* (Dt 7,21-23).

15 - Nada podemos contra os vícios sem o socorro de Deus, e não nos devemos ensoberbecer com nossas vitórias

Não temos também de nos orgulhar com a vitória sobre eles, pois Moisés igualmente nos adverte: *Não aconteça que, havendo comido e estando saciado, havendo construído casas boas e habitando nelas, havendo-se multiplicado teus bois, e tuas ovelhas tendo aumentado, e multiplicando-se também tua prata e teu ouro e tudo que tiveres; – que o teu coração não se eleve e não te esqueças do Senhor teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão; que te conduziu através daquele grande e terrível deserto* (Dt 8,12-15).

Salomão nos Provérbios também diz: *Se cair teu inimigo, não te alegres; não te eleves com sua queda, não aconteça que o Senhor o veja, sinta desagrado com isto e afaste dele a sua cólera* (Pr 24,17-18); quer dizer, observando o orgulho do teu coração, desista de combatê-lo e abandonado por ele, recomeces a ser

perseguido por aquela paixão que, pela graça de Deus, havias superado. Pois jamais o profeta teria dito a Deus: *Não entregues, Senhor, às feras a alma de quem te louva* (Sl 73,19) se não soubesse que alguns, por causa do orgulho de seu coração, foram entregues de novo aos mesmos vícios que haviam vencido.

Assim é que, instruídos tanto pela experiência quanto pelos inumeráveis testemunhos da Escritura, não convém que nos apoiemos em nossas forças, mas unicamente no auxílio do Senhor, sem o qual não poderemos vencer tão poderosos inimigos. É preciso, pois, cada dia, atribuir-lhe o mérito de nossa vitória. Porquanto é disso mesmo que o Senhor nos adverte através de Moisés: *Quando o Senhor teu Deus os tiver removido da tua presença, não vás dizer no teu coração: "É por causa da minha justiça que o Senhor me fez entrar e tomar posse desta terra", é por causa da perversidade dessas nações que o Senhor irá expulsá-las da tua frente. Não! Não é por causa da tua justiça, nem pela retidão do teu coração que estás entrando para tomar posse desta terra. É por causa da perversidade dessas nações que o Senhor irá expulsá-las da tua frente* (Dt 9,4-5).

Pergunto, que de mais claro se poderia dizer contra nossa perversa opinião e presunção que nos fazem atribuir ao nosso livre arbítrio e ao nosso talento, tudo quanto fazemos? *Não vás dizer no teu coração: é por causa da minha justiça que o Senhor me fez entrar e tomar posse desta terra*. Para quem tem os olhos da alma abertos para ver e ouvidos para escutar, essa palavra significa, sem sombra de dúvida: quando obtiveres vitórias sobre os vícios carnais e te vires desembaraçado de sua lama e livre da

vida mundana, inflado de orgulho, não atribuas a tuas forças ou sabedoria o êxito da luta, crendo provir de teus esforços e de teu empenho, pela liberdade de teu arbítrio, a vitória sobre os espíritos malignos e os vícios carnais. Pois, contra esses jamais poderias levar a melhor, se o auxílio do Senhor não te armasse e te protegesse.

16 - O senso místico das sete nações dominadas por Israel; e por que ora se diz que eram sete e ora que eram muitas

Esses vícios representam as sete nações cuja terras o Senhor promete dar aos filhos de Israel após sua saída do Egito. Segundo o Apóstolo (cf. 1Cor 10,6), tudo lhes acontecia em figura e, assim, devemos tomar como advertência para nossa instrução quanto foi escrito. Portanto, lemos: *Quando o Senhor teu Deus te introduzir na terra que irás possuir, e exterminar muitas gentes diante de ti, os heteus, os gergeseus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus, os jebuseus – sete nações mais numerosas e poderosas do que tu; quando o Senhor teu Deus entregá-las a ti, tu as derrotarás e as sacrificarás até o fim* (Dt 7,1-2).

Por que se diz que eram muito mais numerosas? Porque o número dos vícios é maior que o das virtudes. Por isso, na relação enumeram-se sete nações, mas não há menção de números quando se trata de seu extermínio, pois está escrito: *quando exterminar muitas gentes diante de ti.*

É que o povo das paixões carnais, que provém da raiz e dos sete focos de vícios, é mais numeroso do que Israel. Dali pululam homicídios, rixas, heresias, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias, comezainas, embriaguez, detrações, conversas obs-

cenas, mentiras, perjúrios, palavras insensatas, gracejos de mau gosto, agitação, sovinice, azedume, gritos, indignação, desprezo, murmurações, tentações, desespero e muitas outras coisas que seria por demais longo enumerar.

Talvez julguemos tais vícios leves; não obstante, ouçamos o julgamento do Apóstolo sobre eles: *Não murmureis, como alguns deles murmuraram e pereceram pelo Exterminador* (1Cor 10,10).

Sobre a tentação, ele diz: *Não tentemos a Cristo, como alguns tentaram e morreram pelas serpentes* (id. 9). Sobre a detração: *Não gostes de difamar para não seres arrancado pela raiz* (Pr 20,13 – LXX). E sobre o desespero: *E, por desespero, se entregaram à dissolução, à prática de todo erro, à impureza* (Ef 4,19).

Que a gritaria, bem como a ira, a indignação e a blasfêmia são condenadas, as palavras do mesmo Apóstolo no-lo ensinam com clareza: *Toda amargura, ira e indignação, gritos e blasfêmias, como toda a espécie de malícia sejam banidos dentre vós* (Ef 4,31). E que assim aconteça também com qualquer outro vício semelhante.

O número dos vícios ultrapassa muito o das virtudes, no entanto, como todos derivam dos oito principais, estes, uma vez dominados, todos os outros se acalmam e são igualmente destruídos para sempre.

É da gula que nascem as comezainas e a embriaguez; da luxúria: as palavras obscenas, os gracejos de mau gosto, as zombarias e as palavras insensatas; da avareza: a mentira, a fraude, os perjúrios, os ganhos ilícitos, os falsos testemunhos, a violência, a crueldade, a mesquinhez; da ira: o homicídio, os gritos, a

indignação; da tristeza: o rancor, a covardia, a amargura, o desespero; da acédia: a ociosidade, a sonolência, a vagabundagem, a irritação, a agitação, a instabilidade da mente e do corpo, a loquacidade, a curiosidade. A vanglória dá origem às disputas, às heresias, à jactância, ao gosto pelas novidades, enquanto a soberba gera o desprezo, a inveja, a desobediência, a blasfêmia, a murmuração e a detração.

Sendo mais numerosos que as virtudes, esses vícios funestos também são mais poderosos, pelo combate que temos de enfrentar com a própria natureza. O deleite das paixões carnais milita em nossos membros com um vigor muito maior que o gosto pelas virtudes. Gosto esse que só se adquire ao preço da mais profunda contrição do coração e penitência do corpo.

Se, por um lado, consideramos com os olhos da fé aquela multidão de inimigos que o bem-aventurado Apóstolo cita: *Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra o Espírito do Mal, que povoam as regiões celestiais* (Ef 6,12). E também o que o Salmo 90 diz sobre o homem justo: *Cairão mil ao teu lado e dez mil à tua direita* (90,7), não teremos dificuldade em ver que tais adversários nos ultrapassam em número e poder, carnais e terrenos que somos, em face de inimigos dotados de uma substância espiritual e aérea.

17 - Relação entre as sete nações e os oito vícios principais

Germano: Como se explica que sejam oito os vícios que nos assaltam, uma vez que Moisés enumera sete nações que se opõem ao povo de Israel? E de que modo nos seria proveitosa a

posse dos territórios ocupados pelos vícios?

18 - Como aos oito principais vícios correspondem as oito nações

Sarapião: Que são oito os principais vícios que atacam o monge é uma convicção absoluta e incontestável de todos. A Escritura não enumera por completo os povos pelos quais são figurados, porque os hebreus já haviam saído do Egito, libertados de uma nação poderosíssima, quando Moisés, ou melhor, o Senhor nos falou por sua boca no Deuteronômio (cf. Dt 7,1). Percebe-se que essa figura também se refere a nós que, libertos dos laços do mundo, nos mostramos isentos do vício da gastrimargia, isto é, da intemperança do estômago ou gula. Resta-nos, pois, combater igualmente as outras sete nações. Porquanto a primeira, estando vencida, já não entra mais em conta. Também aquela terra, o Egito, não foi dada a Israel como posse. Ao contrário, a ordem expressa do Senhor é que saiam dela e para sempre a abandonem. Isso nos ensina a disciplinarmos os jejuns a fim de que, enfraquecidos e esgotados por uma abstinência excessiva, não retornemos à terra do Egito, isto é, à antiga concupiscência da gula e da carne, com a qual rompemos ao renunciarmos ao mundo. É a desgraça representada pela história dos hebreus que, saídos do Egito para entrar no deserto das virtudes, se lamentavam por haver perdido as panelas de carne, junto às quais outrora se sentavam (Ex 16,3).

19 - Por que Israel recebe a ordem de abandonar somente uma nação e destruir as outras sete?

Por que motivo, quando se trata do povo em que Israel

nasceu, a ordem é de não destruí-lo mas, apenas, de abandonar seu território? E, ao contrário, por que a ordem de exterminação dos outros sete? O motivo é o seguinte: por mais fervoroso que esteja o nosso espírito, ao entrarmos no deserto das virtudes, não podemos prescindir da proximidade e do serviço que a gula cotidianamente nos presta. Vive sempre em nós o gosto inato e natural pelos alimentos e manjares, mesmo quando nos apressamos em reduzir o apetite e os desejos supérfluos. Como é impossível eliminá-los, completamente, nosso dever é evitá-los. A esse respeito está escrito: *Não procureis satisfazer os desejos da carne* (Rm 13,14). Portanto, se conservamos aquela inclinação pelos cuidados do corpo, o que não nos foi proibido, mas não mostramos ter apego a isso, sem dúvida alguma, não destruímos a nação egípcia, mas de certo modo, dela nos separamos. Deixaríamos de pensar em supérfluos ou lautos banquetes, como diz o Apóstolo, e ficaríamos contentes com o alimento e a veste de cada dia (cf. 1Tm 6,8). Figuradamente a Lei ordena: *Não abominarás o Egito, porque foste forasteiro em sua terra* (Dt 23,8 – LXX). Negar o necessário alimento ao corpo seria querer a própria morte e, ao mesmo tempo, culpar-se por um crime.

Quanto aos sete outros vícios, por serem completamente nocivos, devem ser extirpados dos mais secretos esconderijos de nossa alma. Desses se diz o seguinte: *Toda amargura e exaltação e cólera, e toda palavra pesada e injuriosa, assim como toda malícia, sejam afastadas de entre vós* (Ef 4,31). E mais adiante: *Fornicação e qualquer impureza ou avareza, nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos, nem ditos indecentes, picantes ou maliciosos, que são coisas inconvenientes, entregai-vos, antes, à ação de graças*

(Ef 5,3-4). Por conseguinte, podemos desarraigar os vícios que foram acrescentados à nossa natureza, mas o vício da gula, de modo algum, podemos erradicar. Por mais perfeitos que sejamos, não podemos deixar de ser o que o nascimento nos fez. Aí está nossa vida para provar que mais não somos do que pigmeus, o que é verdade, mesmo em se tratando dos mais perfeitos. Aqueles que conseguem extinguir os estímulos das outras paixões, e procuram com todo o ardor da alma e do corpo a nudez do deserto, não conseguem se libertar da preocupação do pão cotidiano, nem deixar de providenciá-lo para o ano todo.

20 - A gulodice e sua semelhança com a águia

Necessariamente limitado por essa tirania, por mais espiritual e perfeito que seja o monge, poderia, com muita propriedade, ser comparado à águia. Essa, voando em alturas incomensuráveis, além das nuvens, completamente invisível aos olhos dos mortais e desaparecida da face da terra, de novo se vê forçada a voltar aos profundos vales terrenos e a se misturar com os cadáveres por causa da fome. Tudo isso prova com clareza ser impossível extinguir radicalmente o espírito da gula, como se procede com os outros vícios; o que compete ao monge, porém, é procurar refrear e coibir pela virtude os apetites supérfluos.

21 - Perseverança da gula; disputa com os filósofos

Disputavam, certa vez, sobre a natureza da gula, um ancião e alguns filósofos. Julgavam estes poder zombar do outro, dada sua simplicidade cristã e sua ignorância. O ancião, porém, usando

de uma comparação, com muita elegância, assim se expressou: Meu pai deixou-me crivado de credores. Consegui pagar-lhes em sua totalidade, exceto a um único, ao qual, mesmo pagando diariamente, nunca pude solver completamente. Não podendo compreender o sentido da proposta, com insistência, perguntaram-lhe o significado. Ao que o ancião respondeu. Desde que nasci, vi-me oprimido por muitos vícios. O Senhor, porém, inspirou-me o desejo de conseguir libertar-me inteiramente como de credores importunos. Pela renúncia ao mundo e à herança que recebera de meu pai, os satisfiz e me livrei de todos eles. Dos aguilhões da gula contudo, nunca pude libertar-me por completo. Conquanto tenha reduzido o alimento a porções mínimas, sou obrigado a tomá-lo diariamente. Vejo-me assediado pelos perpétuos contratos e dependendo dos constantes pagamentos da interminável dívida e do tributo da inexaurível contribuição.

Então aqueles filósofos que pouco antes o haviam desprezado como ignorante e rude, declararam ter ele compreendido de maneira excelente a parte mais importante da filosofia, isto é, a ética. Ficaram profundamente admirados de que o ancião pudesse ter alcançado aquele grau de sabedoria, de modo natural, sem nenhuma erudição profana e que eles só com muito trabalho e longos estudos haviam conseguido.

Mas já tratamos bastante da gula de maneira particular. Voltemos agora à exposição que havíamos começado sobre o parentesco existente entre os vícios em geral.

22 - Por que Deus fez a Abraão a profecia de que Israel deveria vencer dez nações?

Quando o Senhor falou a Abraão sobre o futuro (cf. Gn 15,18-21), e a esse respeito nada me interrogastes – não enumerou sete povos, mas dez, cujas terras prometeu que seriam dadas à sua descendência. Todavia é fácil compreender que se obtém esse número, se acrescentarmos aos vícios já mencionados a idolatria e a blasfêmia dos quais, antes de conhecer a Deus e de receber a graça do batismo, eram escravos os ímpios gentios e a multidão dos judeus blasfemadores, enquanto permaneciam no Egito espiritual. Se alguém, entretanto, após vencida a gula, renunciando a tudo e dali saindo pela graça de Deus, chegar ao deserto espiritual, enfrentará somente a guerra contra os outros sete povos enumerados por Moisés, pois já se livrou dos outros três.

23 - É vantajoso para nós ocuparmos o lugar anteriormente dominado pelos vícios

É perfeitamente compreensível para nós termos recebido a ordem de possuir com proveito as terras de povos tão nocivos. Cada vício ocupa um lugar próprio em nosso coração. Ao reivindicá-lo, no íntimo da alma, ele extermina Israel, isto é, extingue a contemplação das coisas sublimes e santas, e nunca desiste de combatê-la. Virtudes e vícios habitarem juntos não é possível: *Que afinidade pode haver entre a justiça e a impiedade? Que comunhão pode haver entre a luz e a treva?* (2Cor 6,14).

Mas, quando os vícios forem superados pelas virtudes, vale dizer, quando Israel obtiver a vitória, o lugar ocupado em nosso coração pela concupiscência ou o espírito da luxúria passará a ser habitado pela castidade; aquele que a fúria dominara, a paciência o possuirá; o lugar da tristeza, causadora da morte,

será a morada da tristeza, plena de sadio gáudio; o lugar que a acédia devastava, começará a cultivar a fortaleza; o que a soberba calcava, será honrado pela humildade.

Assim, a cada vício expulso, isto é, à inclinação para o mesmo, sucederá a virtude que lhe é oposta. Tais virtudes são chamadas filhos de Israel, pois correspondem às almas que veem a Deus. Aliás, não se deve julgar que, ao expulsarem do coração todas as paixões, as virtudes estejam invadindo domínios alheios, pois, ao contrário, estão recuperando o que lhes pertence.

24 - As terras das quais foram expulsos os cananeus tinham sido atribuídas aos descendentes de Sem

Na verdade, uma antiga tradição nos ensina que essas mesmas terras dos cananeus, onde entraram os filhos de Israel, haviam sido outrora atribuídas por sorte aos filhos de Sem, quando se fez a divisão do mundo. Em seguida, a posteridade de Cam, pela força e a violência, e por uma iníqua invasão, ali se estabeleceu. Nisso se comprova o justíssimo juízo de Deus que expulsa os invasores das terras injustamente adquiridas e restitui a Israel o antigo domínio de seus pais que lhes coubera na partilha do mundo.

Em nós se verifica a realização de tal figura. Não foi aos vícios e sim às virtudes que a vontade do Senhor entregou naturalmente a posse de nosso coração. Após a desobediência de Adão, aqueles insolentes cananeus, isto é, os vícios usurparam-lhes o lugar. Mas novamente, pela graça de Deus e por nosso empenho, foram elas restabelecidas em seu antigo domínio. Não conquistaram terras alheias, mas sim as que lhes pertenciam, deve-se crer.

25 - Diversos textos sobre os oito vícios principais

Também o Evangelho se refere aos oito vícios principais: *Quando o espírito impuro sai do homem, perambula por lugares áridos, procurando repouso, mas não o encontra. Então diz: Voltarei para minha casa de onde saí. Chegando lá, encontra-a desocupada, varrida e arrumada. Diante disso, vai e toma consigo outros sete espíritos piores do que ele, e vêm habitar aí. E, com isso a condição final daquele homem torna-se pior do que antes. Eis o que vai acontecer a essa geração má* (Mt 12,43-45). Eis que lemos no Deuteronômio haver sete povos, com exceção dos egípcios, donde os filhos de Israel haviam saído. Aqui, também, sete espíritos imundos retornam, com exceção daquele que já havia saído do homem em primeiro lugar.

Salomão, nos Provérbios, ainda menciona esse foco de vícios: *Se teu inimigo te rogar em altos brados, não o atendas; porque tem sete malícias em seu coração* (Pr 26,25 – LXX), quer dizer, se o espírito da gula que venceste em sua humilhação começar a lisonjear-te, suplicando-te que, de algum modo, relaxes o antigo fervor e lhe concedas algo que exceda a regra da temperança e a medida da justa austeridade, não te deixes levar por sua aparente submissão, nem por sua risonha segurança, como se estivesses por um tempo ao abrigo das tentações carnais, a fim de que não voltes a cair em teu relaxamento anterior e nas solicitações da gula. É por isso que diz aquele espírito vencido por ti: *Voltarei para minha casa de onde saí*. E, entrando logo com ele, os sete espíritos dos vícios ser-te-ão mais cruéis do que a paixão anteriormente superada e te arrastarão a piores espécies de pecados.

26 - Dominada a paixão da gula, cumpre empregar todos os esforços para conquistar as outras virtudes

Dominada a paixão da gula, é indispensável que nos apressemos em praticar o jejum e a temperança, a fim de que não deixemos nossa alma vazia das virtudes necessárias. Ao contrário, com toda a diligência, ocupemos todos os recantos de nosso coração com tais virtudes, para que o espírito de concupiscência, quando voltar, não nos encontre vazios e ociosos e que, não contente de encontrar um abrigo para si próprio, introduza consigo em nossa alma aquele foco dos sete vícios piores que o primeiro. A alma que se vangloria de haver renunciado ao mundo, se ainda está dominada pelos oito vícios, se encontra ainda mais imunda e torpe e merece um castigo ainda mais severo do que quando estava no mundo, e ainda não fizera profissão monástica ou assumira o nome de monge.

Diz-se que os sete espíritos são piores do que o primeiro, porque a gula, isto é, a gastrimargia, em si mesma não seria má, se não acarretasse outras paixões mais graves, como a luxúria, a avareza, a ira, a tristeza e a soberba que são, em si mesmas, sem a menor dúvida, mais prejudiciais e mortais para a alma.

Por conseguinte, jamais alcançará a pureza perfeita aquele que julga obtê-la unicamente através da temperança e do jejum corporal, a menos que saiba mortificar-se assim, para que o corpo humilhado por esses jejuns possa, com mais facilidade, enfrentar a luta contra os outros vícios sem ser perturbado pela insolência de um corpo saciado e satisfeito pela gula.

27 - A ordem que se deve seguir na luta contra os vícios não é a

mesma em que foram relacionados

Todavia, cumpre-nos saber que a ordem com que devemos empreender tais combates não é a mesma para cada um de nós. O ataque não se apresenta de maneira idêntica para todos, e cada qual deve assumir sua tática de combate de acordo com o inimigo que o assalta com maior intensidade. Assim, acontece que alguém precise lutar primeiramente com um vício que aparece, na relação, em terceiro lugar, enquanto um outro deve priorizar o que ocupa o quarto ou o quinto lugar.

Desse modo nossa tática de combate deve-se adaptar à ordem de intensidade com que os vícios nos assaltam. Essa, ao nos conferir a vitória e o triunfo, nos levará à pureza de coração e à plenitude da perfeição.

Aqui se encerra a conferência do abade Sarapião concernente aos oito vícios principais. De todos os tipos de paixão que se ocultam em nosso coração, éramos, até então, incapazes de discernir seus princípios e as afinidades existentes entre eles, embora, diariamente fôssemos vítimas de suas devastações. Contudo, após ele ter projetado, com tanta lucidez, tanta luz sobre as mesmas, parecia-nos agora vê-las como através de um espelho.

VI

CONFERÊNCIA DO ABADE TEODORO

A Morte dos Santos

1 - Descrição do deserto e questão sobre a morte dos santos

Na região da Palestina, perto da aldeia de Técua,[15] que merece a honra de ter sido o berço do profeta Amós (cf. Am 1,1), estende-se vastíssimo deserto que vai até a Arábia e o Mar Morto, onde desaparecem as águas do Jordão, e se espalham em grande extensão as cinzas de Sodoma.

Ali, desde muito tempo, habitavam monges de elevada espiritualidade e de consumada santidade. Então, eis que, repentinamente, apareceram bandos errantes de ladrões sarracenos[16] que se puseram a massacrá-los.

Foi então que os bispos da região e todo o povo árabe se apressaram em recolher seus corpos e sepultá-los entre as relíquias dos mártires, despertando com isso tão profunda veneração por aqueles monges, que duas cidades diferentes, pretendendo

[15] Técua é uma pequena cidade de Judá, a 9 km a sudeste de Belém.

[16] Os sarracenos eram nômades dos desertos entre a Síria e a Arábia. Na Idade Média esse vocábulo passou a designar as populações muçulmanas do Oriente, da África e da Espanha.

se apoderar do sagrado tesouro, travaram um violento combate, chegando mesmo ao conflito armado. Em seu piedoso zelo, cada uma das partes interessadas alegava ter os melhores títulos para conseguir a posse do túmulo e das relíquias, vangloriando-se uns por sua vizinhança, e outros por sua origem comum.

Nós estávamos profundamente consternados pelo doloroso choque, que se agravava ainda mais com o abalo dos irmãos, escandalizados por aquele fato de que homens de tão excelsas virtudes pudessem ser mortos por ladrões. Como fora possível ao Senhor permitir que tão grande crime fosse praticado contra seus servos, entregando a mãos ímpias esses homens por todos tão admirados?

Profundamente entristecidos, partimos à procura do abade Teodoro, homem de singular merecimento na vida monástica.

Morava ele em Celas,[17] lugar situado entre Nítria e Cétia, e distante cinco milhas dos mosteiros de Nítria e oitenta do deserto de Cétia onde residíamos.

Ali, com grandes lamentações pela morte daqueles homens, demonstramos nossa admiração pela imensa paciência de Deus, ao permitir o morticínio de homens de tal merecimento. Eles que, por tão grande santidade, deveriam preservar outros homens de tal provação, não conseguiram livrar-se a si mesmos das mãos daqueles ímpios! Por que Deus permitira que se consumasse crime tão hediondo contra seus servos?

O bem-aventurado Teodoro assim nos respondeu:

[17] Uma colônia monástica para os mais avançados na vida ascética surgiu nessa região por volta de 338. Contando cerca de 1500 eremitas foi denominada "deserto das Celas" – do grego *kellas* (*kellion* é o diminutivo), em latim *cellas* e em português *celas*. Há quem prefira a transcrição *Célias*, mais próxima do grego.

2 - Resposta do abade Teodoro à questão proposta

Essa questão, geralmente, costuma perturbar as almas dos que têm pouca fé e pouca sabedoria, pois julgam que é no curto espaço desta vida temporal que os santos devem receber o prêmio por seus méritos. Na verdade, porém, Deus o reserva para a eternidade.

Quanto a nós, segundo o Apóstolo: *Não temos esperança em Cristo tão somente para esta vida. A fim de não sermos os mais dignos de compaixão de todos os homens* (1Cor 15,19), pois, nem esperamos receber neste mundo a realização das promessas, nem desejamos perdê-las no futuro por nossa incredulidade. Não devemos, portanto, incidir em tais erros, ignorando a verdadeira doutrina e tornando-nos inseguros e receosos no momento em que nos defrontarmos com as tentações.

Tampouco devemos atribuir a Deus a injustiça e a incúria próprias das coisas humanas, julgando que ele não protege os santos e os que têm reto coração, não retribuindo, desde a vida presente, os bons com o bem e os maus com o mal. Nesse caso, mereceríamos ser condenados com aqueles que o profeta Sofonias fustiga: *Eles dizem em seu coração que Deus não fará o bem, nem o mal* (Sf 1,12). Ou faríamos parte dos que a Escritura diz terem blasfemado, murmurando contra Deus: *Quem quer que faça o mal é bom perante Deus. Ele se compraz com homens assim, do contrário, onde estaria o Deus de justiça?* (Ml 2,17).

Assumiríamos ainda a grande blasfêmia, citada logo após: *Vós dissestes: é inútil servir a Deus; e que lucro teremos se observarmos seus preceitos e se andarmos de luto diante do Senhor? Agora, pois, vamos felicitar os arrogantes: aqueles que praticam a iniqui-*

dade prosperam; eles tentam a Deus e saem ilesos! (Ml 3,14-15).

A fim de evitarmos tal ignorância, que é raiz e causa de tão abominável erro, devemos, em primeiro lugar, saber o que é realmente bom e o que é mau. Assim se, ao invés de seguirmos nesse ponto os falsos conceitos populares, nos ativermos à verdadeira doutrina da Escritura, não seremos enganados pelo erro dos homens sem fé.

3 - As três categorias de coisas existentes no mundo: as boas, as más e as indiferentes

Todas as coisas que existem no mundo pertencem a três categorias: boas, más ou indiferentes. Assim, cumpre-nos saber o que é propriamente bom, mau ou indiferente, para que nossa fé, fortalecida por uma verdadeira ciência, permaneça inabalável em todas as tentações.

Portanto, ao menos no domínio das coisas humanas, nada merece ser considerado bom a não ser a virtude da alma que, mediante uma fé sincera, nos conduz a Deus e nos faz aderir incessantemente a esse bem imutável. Em contrapartida, o único mal existente é o pecado, que nos separa de Deus e nos une ao diabo que é mau. Indiferentes são as coisas que, de acordo com os sentimentos e a vontade de quem as utiliza, podem se transformar em uma coisa ou em outra. Exemplo disso são as riquezas, o poder, a honra, a força corporal, a saúde, a beleza, a própria vida ou a morte, a pobreza, as doenças, as injúrias e outras coisas semelhantes que, conforme os sentimentos e as disposições de quem as usa, podem servir ao bem ou ao mal.

Na verdade, as riquezas podem servir frequentemente ao

bem, segundo o Apóstolo: *Aos ricos deste mundo, exorta-os a que não sejam orgulhosos, nem coloquem sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que nos provê de tudo com abundância para que nos alegremos. Que eles façam o bem, se enriqueçam com boas obras, sejam pródigos, capazes de partilhar. Estarão, assim, acumulando para si mesmos um belo tesouro para o futuro, a fim de obterem a verdadeira vida* (1Tm 6,17-19).

Conforme o Evangelho, boa é a riqueza para *os que fazem amigos com o dinheiro da iniquidade* (Lc 16,9). Mas, essa mesma riqueza converte-se em mal, para quem a procura apenas no intuito de acumulá-la ou gastá-la nos prazeres, e não de usá-la em benefício dos pobres.

Por sua vez, o poder, a honra, a força corporal e a saúde são coisas indiferentes e capazes de se adaptarem ao bem ou ao mal, como se pode facilmente comprovar pelo fato de muitos santos do Antigo Testamento terem possuído tais bens, como fortunas imensas, dignidades supremas, força física e nem por isso terem sido menos agradáveis a Deus. Por outro lado, os que abusaram desses bens, desviando-os para servir à iniquidade, foram merecidamente punidos ou eliminados da terra, como se pode ver com frequência no livro dos Reis.

Que até mesmo a vida e a morte podem ser indiferentes, provam o nascimento de João Batista e o de Judas. Para aquele foi a vida de tanto proveito que se tornou causa de alegria até para outros como está escrito: *E muitos se alegrarão com o seu nascimento* (Lc 1,14). Contudo, da vida do outro se diz: *Teria sido melhor para esse homem que não tivesse nascido* (Mt 26,24). Da

morte de João, como daquela de todos os santos, está escrito: *É preciosa diante de Deus a morte dos seus santos* (Sl 115,15). Da de Judas, no entanto, e dos seus semelhantes diz a Escritura: *A morte do pecador é péssima* (Sl 33,22).

O benefício que também nos pode advir de uma enfermidade corporal nos é mostrado com clareza pela beatitude daquele pobre Lázaro, todo ulceroso (cf. Lc 16,20ss). Por ter aceitado com infinita paciência a moléstia física e a pobreza, pois a Escritura a seu respeito não menciona nenhuma outra virtude, mereceu a felicidade de ser admitido no seio de Abraão.

A indigência, as perseguições, as injúrias que, quase por unanimidade, são vulgarmente tidas como males, quão benéficas e necessárias podem ser, atesta-nos com toda a certeza a vida dos santos, que não só nada fizeram para evitá-las, como até mesmo, em sua virtude heroica, as desejaram e suportaram com extrema coragem, tornando-se, assim, amigos de Deus e ganhando o prêmio da vida eterna. É o que canta o bem-aventurado Apóstolo: *Por isso eu me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte* (2Cor 12,10).

Não acreditemos, portanto, que os que chegam neste mundo ao auge da riqueza, das honras e do poder tenham conquistado, graças a isso, o bem por excelência, que só pode residir nas virtudes.

Quanto às coisas indiferentes, tanto podem ser úteis e benéficas para os justos, que as usam de modo reto e conforme suas reais necessidades – uma vez que elas lhes propiciam a prática

das boas obras, gerando frutos para a vida eterna – como podem ser inúteis e prejudiciais para os que delas abusam, oferecendo-lhes uma ocasião de pecado e de morte.

4 - Não se pode fazer mal a alguém contra sua vontade

Estejamos bem certos e seguros do que acabamos de estabelecer e saibamos que nada existe de bom senão a virtude que tem por causa o temor de Deus e sua dileção, e nada existe de mal senão o pecado e a separação de Deus. Passemos, portanto, a examinar cuidadosamente se Deus alguma vez permitiu que seus santos sofressem qualquer mal, seja de sua parte, seja da parte de outros. Indubitavelmente, nunca se encontrará um só exemplo.

Porque jamais se poderá atingir com o mal do pecado uma alma que a ele resista e lhe recuse seu consentimento. Pois o mal só penetra onde existe um coração covarde e uma vontade corrompida que lhe deem entrada. Assim é que vemos o demônio, em vão, lançar mão de todo seu arsenal de iniquidades contra o bem-aventurado Jó, a fim de fazê-lo pecar. Além de despojá-lo de todos os seus bens, depois de vê-lo mergulhado em profundo sofrimento pela morte de seus sete filhos, lhe infligiu chagas malignas do alto da cabeça à planta dos pés, cumulando-o de dores intoleráveis. Não obstante, não pôde lançar sobre ele a nódoa do pecado, porquanto Jó, através de todos esses sofrimentos, permaneceu inabalável sem se prestar à mais leve blasfêmia (cf. Jó 1-2).

5 - Objeção: Como se explica que possam dizer que Deus cria o mal?

Germano: Lemos frequentemente na Escritura que Deus criou o mal e o enviou aos homens. Por exemplo: *Não há outro Deus senão eu. Eu sou o Senhor e não há outro, que forma a luz e cria as trevas, faz a paz e cria os males* (Is 45,6-7). E em outro lugar: *Acontece algum mal na cidade que o Senhor não tenha feito?* (Am 3,6 – LXX).

6 - Resposta à pergunta anterior

Teodoro: A Sagrada Escritura algumas vezes costuma empregar o termo "males" de maneira inadequada para designar "aflições". Não que as aflições se identifiquem com os "males" pela sua própria natureza, mas, aos olhos dos que são atingidos por elas, assim lhes parece, embora isso aconteça para seu próprio benefício. Deus, ao se dirigir aos homens para instruí-los sobre suas decisões, deve, necessariamente, falar-lhes através de palavras e sentimentos humanos.

Na verdade a amputação e a cauterização que o médico caridosamente aplica aos que sofrem de uma chaga gangrenada, apesar de salutares, são consideradas um mal pelos pacientes. A espora não é bem suportada pelo cavalo, nem a correção pelo culpado. Todos os castigos, na hora, parecem amargos àqueles a cuja correção se destinam, como ensina o Apóstolo: *Toda educação, com efeito, no momento não parece motivo de alegria, mas de tristeza. Depois, no entanto, produz naqueles que assim foram exercitados um fruto de paz e de justiça* (Hb 12,11). *Pois o Senhor educa a quem ama, aplica o açoite naquele que reconhece como filho. Qual é o filho a quem o pai não castiga?* (id. 6-7).

Por aí se pode ver que a expressão "males" é às vezes usa-

da como equivalente de aflições, como na seguinte passagem: *E Deus se arrependeu de fazer-lhes o mal que, segundo dissera, ia fazer, e não o fez* (Jn 3,10 – LXX). E ainda nesta outra: *Senhor, sois misericordioso e cheio de piedade, paciente e grandemente bondoso, e pronto para arrepender-vos dos males* (Jl 2,13 – LXX). Isto é, das tribulações e dos aborrecimentos que, por causa dos nossos pecados, merecidamente sois impelido a nos infligir.

Conhecendo o benefício que muitos tiram dessas provações, outro profeta, não por inveja, mas como contribuição à salvação dessas pessoas, assim, lhes vaticina: *Enviai-lhes o mal, Senhor, enviai o mal aos soberbos da terra* (Is 26,15 – LXX). E o próprio Senhor também diz: *Eis que lhes vou trazer desgraças* (Jr 11,11), isto é, dores e devastações, para que, salutarmente castigados agora, depois de me terem desprezado no tempo da prosperidade, se vejam por fim forçados a correr para mim.

Por isso, não podemos julgar que se trate em tais casos de males "essenciais", porquanto deles muitas pessoas se beneficiam e, por esse meio, conquistam as alegrias eternas.

Voltando, pois, à questão proposta, pensamos que todos os supostos males, provenientes dos inimigos ou de quem quer que seja, não devem ser considerados como males reais, mas, sim, como coisas indiferentes. Logo, para julgá-los, o que importa não é o sentimento de quem os pratica na exaltação da ira, mas o que deles pensa aquele que os suporta. Assim, o que seria um mal para o pecador, para o justo é causa de repouso e de libertação de todos os males. *A morte é um descanso para o homem cujos caminhos são escondidos* (Jó 3,23 – LXX).

Portanto, o justo não sofre com a morte nenhum dano porque ela nada lhe traz de novo. O que ele estava condenado a sofrer pela fatalidade da própria natureza lhe é infligido pela maldade do inimigo. Isso, porém, lhe vem acrescido com o prêmio da vida eterna. Com isso, o justo não só paga uma dívida inexorável, a da morte humana, mas também, ao mesmo tempo, colhe do seu sofrimento um fruto abundantíssimo e o prêmio de uma infinita recompensa.

7 - Seria culpado quem mata o justo, uma vez que este tem a recompensa em razão de sua própria morte?

Germano: Portanto, se o justo, por sua morte, ao invés de sofrer um mal, chega mesmo a colher um prêmio por seu sofrimento, como acusar de criminoso o ato daquele que, em lugar de prejudicá-lo, beneficiou-o?

8 - Resposta à pergunta anterior

Teodoro: Estamos aqui examinando o que é propriamente bom ou mau e, também, o que consideramos indiferente. No entanto, não estamos tratando da intenção dos que praticam tais atos. Mas o ímpio ou o injusto não ficará impune, pelo fato de a sua malícia não ter prejudicado quem é justo. A recompensa merecida pela constância e a virtude do justo não é concedida ao que inflige a morte e os suplícios, mas ao que os suporta com paciência. Por isso, um será merecidamente punido por sua crueldade, porque pretendeu fazer o mal. O outro, porém, não sofreu mal algum porque, sustentando pacientemente com sua força d'alma

provações e sofrimentos, transformou o tratamento que lhe infligiam com a intenção de prejudicá-lo, no benefício de conseguir uma condição melhor e a bem-aventurança eterna.

9 - O exemplo de Jó tentado pelo demônio, e do Senhor traído por Judas. Ao homem justo, tanto a prosperidade quanto os reveses levam à salvação

Porque Jó saiu mais dignificado de sua provação, deveria, porventura, sua paciência proporcionar alguma recompensa ao demônio que o tentou? O prêmio deve tão somente ser concedido a Jó que, corajosamente, suportou as investidas diabólicas. De modo semelhante, Judas não será isento do suplício eterno porque sua traição concorreu para a salvação da humanidade.

O que há de ser considerado não é o efeito da ação, mas, sim, a intenção do agente. Portanto, o princípio a que nos devemos ater com segurança é que nenhum mal pode ser feito a alguém, a menos que ele o cometa por covardia do coração ou pusilanimidade.

Confirma tal asserção um versículo do Apóstolo: *Sabemos que tudo coopera para o bem dos que amam a Deus* (Rm 8,28). Ao dizer que *tudo coopera para o bem* Paulo compreende não só os fatos felizes, mas também os que consideramos adversos. Em outra passagem, o próprio Apóstolo testemunha ter ele mesmo sido provado por essas situações adversas: *pelas armas ofensivas e defensivas da justiça, na glória e no desprezo, na boa e na má fama; tidos como impostores, não obstante, verídicos; como desconhecidos e, no entanto, conhecidos, como moribundos e, não obstante, livres da morte; como tristes, mas sempre alegres; como indigentes, contu-*

do, enriquecendo a muitos (2Cor 6,7-10), e o resto.

Assim, tudo quanto é próspero – e que o próprio Apóstolo define pelos termos de honra e boa fama – ele diz ficar à direita. Em contrapartida, o que julga adverso – e que ele denomina ignomínia e má fama – considera estar à esquerda. Contudo, isso vai-se tornar para o homem perfeito armas de justiça se ele suporta com coração magnânimo o que lhe acontece. Na verdade, tudo para ele se converte em instrumento de luta.

Ele usa como arma de combate todos os infortúnios com os quais se pretende acabrunhá-lo, transformando-os em arco, espada e poderoso escudo contra os que lhe infligem tais assaltos. Assim, cresce o homem perfeito em paciência e virtude, alcançando, pelas próprias armas do inimigo, o glorioso triunfo sobre aquilo mesmo que se destinava à sua perda.

Nem a prosperidade é capaz de ensoberbecê-lo, nem a adversidade de abatê-lo. Ele avança sempre por um caminho plano e pela estrada real, permanecendo seguro nesse estado de tranquilidade, no qual nem as alegrias que surgem o impelem para a direita, nem as investidas da tristeza para a esquerda: *Grande é a paz para os que amam teu nome, e não há para eles ocasião de queda* (Sl 118,165).

Porém, sobre os que se transformam segundo a natureza e a diversidade de cada circunstância, assim diz a Escritura: *O insensato muda como a lua* (Eclo 27,12). E assim como dos perfeitos e sábios se diz: *Sabemos que tudo coopera para o bem dos que amam a Deus* (Rm 8,28), também diz a mesma Escritura: *Para o homem insensato tudo é adverso* (Pr 14,7 – LXX). Ele não se benefi-

cia com a prosperidade, nem se emenda com os reveses.

São frutos da mesma virtude suportar com coragem as aflições e conservar-se senhor de si na prosperidade. Ser vencido em algum desses aspectos é prova da incapacidade de suportar esses dois tipos de provação.

Não obstante, é mais fácil sucumbir na prosperidade que na adversidade. Pois a adversidade, por vezes, freia e humilha mesmo os rebeldes e, pela salutar compunção que inspira, atenua a inclinação para o pecado, levando à emenda. A prosperidade, porém, elevando a mente com suaves e perigosas carícias, precipita os homens numa ruína tanto maior quanto mais seguros estiverem na imensidão de sua felicidade.

10 - A virtude do homem perfeito que, alegoricamente, é chamado "ambidestro"

Os perfeitos na Sagrada Escritura figuradamente são chamados, ἀμφοτεροδέξιοι, isto é, ambidestros. É assim que no livro dos "Juízes" nos é descrito o famoso Aoth, que usava as duas mãos como se fossem a direita (Jz 3,15).

Também nós poderemos possuir tal virtude no sentido espiritual se, por um uso bom e correto das coisas prósperas, representadas pela mão direita, e também das adversas, representadas pela mão esquerda, fizermos com que todas passem a figurar do lado direito, isto é, se transformarmos tudo quanto nos acontece em *"armas de justiça"*, segundo o Apóstolo (2Cor 6,7). Pois, nosso homem interior consta de duas partes ou, para melhor nos explicarmos, tem essencialmente duas mãos. Nem mesmo um justo pode ficar isento da mão esquerda. Mas a vir-

tude perfeita se reconhece pelo fato de, pelo bom uso das duas, ambas se converterem em mão direita.

Para que fique mais clara tal asserção, digamos que o homem santo tem uma direita que representa seus êxitos espirituais. É nessa mão que ele se firma quando, pelo fervor de sua alma, domina todas as paixões e concupiscências que lhe advêm. Tranquilo em relação aos ataques diabólicos, repele ou recusa, sem trabalho ou dificuldade, os vícios da carne. Acha-se em patamares espirituais tão elevados que despreza as coisas presentes e terrenas por seu caráter efêmero, pois lhe parecem tão somente uma fumaça inconsistente ou uma sombra vã. Sua alma em êxtase se eleva com desejo ardente para as coisas futuras, que contempla numa luz mais intensa.

A contemplação o alimenta com maior eficácia, e os mistérios celestes se revelam a seus olhos com maior nitidez. Suas orações sobem a Deus mais puras e mais fervorosas. E, a alma inflamada pelo fogo do espírito, com tal ardor e entusiasmo emigra para o invisível e eterno que não mais lhe parece viver numa carne mortal.

Mas, de fato, ele possui também sua mão esquerda, quando se enleia no turbilhão das tentações, ou quando o ardor da concupiscência o inflama com os desejos da carne, ou as paixões desencadeiam os furores da ira ou, ainda, quando a soberba e a vanglória o enfatuam e o perturbam. Ora é a tristeza que leva à morte que o deprime; ora é a acédia que, com todo seu aparato bélico, o abala. Às vezes, privado de todo o fervor espiritual, deixa-se entorpecer por certa tibieza e tristeza irracional, a ponto

de não só se ver privado de seus pensamentos bons e fervorosos, como também de se sentir tomado de horror pelos salmos, pela oração, pela solidão da cela. Ao mesmo tempo, todos os instrumentos das virtudes lhe desagradam, levando-o a um intolerável e negro tédio. Saiba, pois o monge, quando se vir assaltado por tais dificuldades, que o ataque lhe vem da parte esquerda.

Portanto, todo aquele que, ao se achar usufruindo do que chamamos parte direita, não se deixa enfatuar pela vanglória que sorrateiramente se infiltra ou que, nas conjunturas provindas da esquerda, combate virilmente sem cair no desespero, transformando, ao contrário, em armas de paciência e exercício das virtudes os casos adversos, esse usa as duas mãos como se fossem a direita. Assim, triunfando de um e de outro lado, ele ganha tanto à direita quanto à esquerda a palma da vitória.

Foi o que, segundo lemos, mereceu o bem-aventurado Jó. Ele recebe a coroa pela direita quando, pai opulento de sete filhos, diariamente, oferecia ao Senhor sacrifícios expiatórios por eles (cf. Jó 1,5), mais empenhado em apresentá-los como clientes e amigos de Deus, do que como seus próprios filhos. Era o pé dos coxos e o olho dos cegos (cf. Jó 29,15), e com a lã de suas ovelhas aquecia os ombros dos enfermos (cf. Jó 31,20). Os órfãos tinham nele um pai, e as viúvas um varão que as sustentava. E jamais, mesmo em seu coração, se alegrou com a ruína de um inimigo.

De fato, Jó triunfava igualmente dos acontecimentos que lhe advinham da parte esquerda, provando ter na adversidade uma virtude ainda mais sublime. Foi o que sucedeu quando, repentinamente, perdeu os sete filhos. Nessa ocasião, ele não de-

monstrou ser o pai que se deixava consumir por um luto amargo, mas, como um verdadeiro servo de Deus, alegrava-se com a vontade de seu Criador (cf. Jó 1,21).

Isso também se verificou, quando de opulento tornou-se paupérrimo, de rico passou a nu, e de saudável seu corpo ficou putrefato; de notável e glorioso transformou-se em abjeto e desprezado, guardando, no entanto, incorrupta a fortaleza da alma.

Destituído, ainda, de todos os seus bens e recursos, passou a ter por morada um monte de estrume e, como se fosse o mais cruel dos algozes do próprio corpo, raspava com um pedaço de telha o pus que lhe escorria das chagas, retirando com os dedos, do fundo de suas úlceras espalhadas por todo o corpo, os vermes ali amontoados (cf. Jó 2,8).

Em todas essas conjunturas, Jó não se desesperou, nem proferiu blasfêmia alguma. Bem ao contrário, não se deixou amedrontar sob o peso e a crueldade de tais provações. Até as vestes remanescentes de sua antiga abastança, e que lhe tinham escapado à destruição do diabo, pois as trazia no corpo, rasgou-as, atirando-as para longe, completando, com essa espontânea nudez, o despojamento que lhe infligira o impiedoso depredador. Último sinal de sua antiga glória, sua cabeleira intacta, ele a corta e a atira ao seu torturador. E, eliminando aquilo mesmo que a fúria de seu inimigo lhe deixara, ele tripudia sobre ele e o insulta com estas palavras celestes: *Se recebemos das mãos de Deus o que é bom, por que não suportaremos os males? Nu eu sai do seio de minha mãe, nu aí voltarei. O Senhor deu, o Senhor tirou. Como aprouve ao Senhor, assim se fez. Bendito seja o nome do Senhor* (Jó 2,10; 1,21).

Outro homem que também merecidamente se poderia chamar de ambidestro foi o patriarca José. Na prosperidade, predileto do pai, amorável com os irmãos, amado por Deus. Na adversidade, casto, fiel ao seu senhor, afável com os prisioneiros, esquecido das injúrias, benevolente para com os inimigos, não apenas bondoso, mas até generoso com os irmãos invejosos que desejavam vê-lo morto. Homens como esses, e os que a eles se assemelham, merecidamente são chamados de ambidestros. Usam igualmente as duas mãos como se fossem a direita e, passando por tudo aquilo que o Apóstolo enumera, exclamam com ele: *Pelas armas ofensivas e defensivas da justiça, na glória e no desprezo, na boa e na má fama; tidos como impostores e, não obstante, verídicos; como desconhecidos, porém, conhecidos; como moribundos, contudo, eis que vivemos* (2Cor 6,7-8) e o que segue.

Também Salomão, no Cântico dos Cânticos, pela boca da esposa, refere-se à direita e à esquerda: *Sua esquerda sustenta minha cabeça, e sua direita me abraçará* (Ct 2,6). Embora ela dê a entender que as duas mãos são úteis, põe a primeira sob a cabeça porque as partes adversas devem submeter-se à parte principal, o coração. O que é adverso só nos é útil na medida em que nos exercita e instrui, tendo em vista a salvação e o aperfeiçoamento na paciência. Mas, quanto à direita, a esposa deseja que ela a estreite num abraço indissolúvel, que a aqueça e a guarde para sempre unida a seu esposo, num enlaçamento salvador.

Também poderemos chegar a ambidestros, quando a abundância ou a carência das coisas presentes já não nos puderem modificar. A primeira, não nos levando aos prazeres de um nocivo relaxamento, nem a segunda, ao desespero e à murmuração, mas

sim, quando, dando graças a Deus em ambas as circunstâncias, pudermos colher igual fruto de uma e outra situação.

Tal é o caso daquele ambidestro Doutor dos Gentios, como ele próprio atesta: *Aprendi a adaptar-me às necessidades; sei viver modestamente, e sei também como haver-me na abundância; estou acostumado com toda e qualquer situação: viver saciado e passar fome; ter abundância e sofrer necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece* (Fl 4,11-13).

11 - Os dois gêneros de tentações que nos assaltam de três modos diferentes

A tentação, como dissemos, apresenta um duplo aspecto: a prosperidade e a adversidade. Além disso, convém saber que ela atinge todos os homens de três maneiras diferentes: muitas vezes, sua meta é prová-los; com frequência, purificá-los; de quando em vez, castigá-los por seus pecados.

Em primeiro lugar é uma provação. Foi o que aconteceu com Abraão, Jó e muitos outros justos que tiveram de suportar inúmeras tribulações. É o que no Deuteronômio se diz ao povo por meio de Moisés: *Tu te lembrarás de todo o caminho pelo qual o Senhor teu Deus te conduziu por quarenta anos no deserto, a fim de te afligir e te tentar, para que fosse descoberto o que tinhas escondido na alma, e se soubesse se guardarias ou não seus mandamentos* (Dt 8,2). O mesmo se diz num salmo: *Eu te provei junto às águas da contradição* (Sl 80,8). Tal é também a significação do que foi dito a Jó: *Pensas, por acaso, que eu te falei por outra causa do que te fazer aparecer justo?* (Jó 40,8 – LXX).

A tentação vem para purificar quando Deus, vendo que

seus justos são culpados de certas faltas leves, ou que se estão ensoberbecendo por causa de sua pureza, procura humilhá-los, entregando-os a diversas tentações, com o desígnio de eliminar desde a vida presente toda escória para usar as palavras do profeta (cf. Is 1,25), que ele descobre no segredo de seus corações. Porque Deus quer vê-los um dia apresentando-se como ouro puro ao exame de seu tribunal, sem que nada subsista neles que possa depois merecer o expurgo do fogo do julgamento com sua pena e seu tormento. Pois é o que significam as palavras: *São muitas as tribulações do justo* (Sl 33,20); ou então: *Meu filho, não desprezes a educação do Senhor, não desanimes quando ele te corrige; pois o Senhor educa a quem ama, e castiga todo filho que acolhe. É para vossa educação que sofreis. Deus vos trata como filhos. Qual é, com efeito, o filho cujo pai não educa? Se estais privados da educação da qual todos participam, então sois bastardos e não filhos* (Hb 12,5-8). Também está no Apocalipse: *Os que eu amo, repreendo e castigo* (Ap 3,19).

A tais justos, figurados por Jerusalém, é que o profeta Jeremias dirige em nome de Deus estas palavras: *Eu farei um extermínio em todas as nações entre as quais te dispersei; mas quanto a ti, não te destruirei; mas te castigarei segundo a justiça, a fim de que não te pareças a ti mesmo inocente* (Jr 30,11). É por essa purificação salutar que Davi suplica: *Prova-me, Senhor, e tenta-me; passa pelo fogo os meus rins e o meu coração* (Sl 25,2). Compreendendo a utilidade dessa provação, também Isaías[18] diz: *Castiga-nos, Senhor, mas segundo a tua justiça, e não com o vosso furor* (Jr 10,24), e ainda: *Eu vós hei de louvar, Senhor, porque te irritaste contra mim; o teu furor se transformou e tu me consolaste* (Is 12,1). A tentação

[18] Esta passagem encontra-se em Jeremias.

também pode ser o castigo do pecado, como podemos ler no Deuteronômio, quando o Senhor ameaça o povo de Israel com as pragas que lhe vai enviar: *Lançarei contra eles os dentes das feras e o furor das serpentes que se arrastam sobre a terra* (Dt 32,24). E ainda: *Em vão castiguei vossos filhos; não aprendestes a lição* (Jr 2,30). Podemos também ler nos salmos: *São muitos os flagelos dos pecadores* (Sl 31,10). E no Evangelho: *Eis que estás curado; não voltes a pecar para que não te aconteça o pior* (Jo 5,14).

É possível descobrir ainda um quarto motivo para a tentação quando vemos, pelo testemunho da Escritura, que a alguns são enviados sofrimentos somente para que se manifeste a glória de Deus e as suas obras: *Nem ele pecou, nem seus pais, mas para que se revele nele a obra de Deus* (Jo 9,30). E mais: *Essa enfermidade não é para a morte, mas para a glória de Deus, a fim de que o Filho do Homem seja por ela glorificado* (Jo 11,4). Todavia, há outras espécies de vinganças divinas que atingem na hora aqueles que ultrapassam o ápice da maldade humana. Por isso foram condenados, segundo lemos, Datan, Abiron e Coré e, sobretudo, aqueles de quem diz o Apóstolo: *Por causa disso, Deus os entregou a paixões ignominiosas e a seu senso pervertido* (Rm 1,26.28). O que deve ser considerado como o mais grave dos castigos.

É deles também que fala o Salmista quando diz: *Eles não participam do sofrimento dos homens, não são punidos como os outros homens* (Sl 72,5). Não merecem do Senhor as suas visitas salutares, nem conseguem o remédio dos sofrimentos passageiros, eles: *que no desespero se entregam à devassidão, praticando todos os erros e impurezas* (Ef 4,19). São esses que, pelo endurecimento do

coração, pelo hábito e pela frequência do pecado, se afastam de qualquer purificação deste brevíssimo tempo e de todo castigo da vida presente.

A esses, repreende-os a palavra de Deus por intermédio do profeta Amós que diz: *Eu vos destruí como Deus destruiu Sodoma e Gomorra, e vos tornastes como um tição retirado do incêndio; mas nem assim voltastes a mim* (Am 4,11). E Jeremias acrescenta: *Matei e perdi o meu povo, mas nem por isso eles retrocederam dos seus caminhos* (Jr 15,7). E ainda: *Vós os feristes, mas eles não sentiram dor; os calcastes aos pés, mas não quiseram receber a disciplina, e endureceram sua face mais do que a pedra e se recusaram a voltar* (Jr 5,3).

Vendo que todos os remédios do tempo presente foram inúteis para curá-los, o profeta, de certo modo, desespera de sua salvação, e exclama: *O foleiro sopra, pelo fogo o chumbo é devorado, em vão trabalha o fundidor, as escórias não se desprendem. "Prata de refugo" chamam-nos porque o Senhor os rejeitou!* (Jr 6,29-30).

O Senhor se queixa de ter em vão aplicado essa purificação salutar pelo fogo a quem endureceu em seus crimes. Tais pecadores são figurados por Jerusalém, profundamente atacada pela ferrugem: *Colocai-a vazia sobre carvões, a fim de que ela se esquente e o seu bronze se liquefaça, e a sua sordidez fique fundida dentro dela. O trabalho penoso deu muito suor, mas a ferrugem não se foi nem mesmo com o fogo. A tua imundície é execrável, porque eu quis te purificar e não ficaste pura das tuas impurezas* (Ez 24,11-13).

À semelhança de um médico muito competente que houvesse esgotado todos os recursos de cura e não mais encontrasse um remédio apropriado à doença deles, o Senhor se vê como

que vencido pela magnitude das suas iniquidades e, por assim dizer, compelido a desistir de aplicar os castigos da sua clemência. Então passa a adverti-los: *Não me irritarei mais contra ti, e o meu zelo se afastou de ti* (Ez 16,42).

São outras, porém, suas palavras com aqueles cujo coração a frequência dos pecados não endureceu e, por isso, não têm necessidade desse tratamento tão rigoroso e, se me permitem dizer, desse remédio cáustico do fogo, pois, para esses uma repreensão verbal é suficiente à cura: *Eu os emendarei por palavras que os afligirão* (Os 7,12 – LXX). Além disso, não ignoramos que existem ainda outros motivos para punições e castigos divinos que atingem, às vezes, os grandes pecadores, não para que expiem seus crimes, nem para liberá-los da pena merecida por seus pecados, mas a fim de corrigir e atemorizar os outros homens. Evidentemente, os castigos infligidos a Jeroboão, filho de Nabat, a Baasa, filho de Aquias, a Acab e a Jezabel, tiveram esse desígnio, como atesta a própria palavra e censura divina: *Farei cair sobre ti a desgraça: varrerei a tua raça, exterminarei os varões da casa de Acab, ligados ou livres em Israel. Farei com tua casa como fiz com a de Jeroboão, filho de Nabat, e a de Baasa, filho de Aías, porque provocaste a minha ira e fizeste Israel pecar. Os cães devorarão Jezabel no campo de Jezrael. Se Acab morrer na cidade, comê-lo-ão os cães; se morrer no campo, comê-lo-ão as aves do céu* (1Rs 21,21-24). Tal foi também a grande ameaça feita ao profeta que veio de Judá: *Teu cadáver não será levado à sepultura de teus pais* (id. 13,22). Tais palavras não significam que as invenções criminosas de Jeroboão, que inaugurou os bezerros de ouro, acarretando uma série de prevaricações da parte do povo e culminando com

sua ímpia apostasia do Senhor, ou as abomináveis e repetidas apostasias dos outros pudessem ser expiadas por uma pena breve e momentânea. Essas palavras, porém, destinam-se aos demais homens displicentes ou mesmo incrédulos dos castigos eternos e capazes, apenas, de temer as desgraças presentes. Deus queria, desse modo, inculcar-lhes o temor, colocando-lhes perante os olhos exemplos de castigos que os amedrontassem. Além disso, tal rigor devia igualmente levá-los a reconhecer, por experiência, que a majestade divina não é indiferente aos interesses humanos, nem abandona ao acaso os acontecimentos do mundo. Através, pois, dos males que eles tanto temiam, poderiam ver com maior evidência que Deus é o remunerador de todas as nossas ações.

Encontramos, ainda, o exemplo de alguns que, por faltas leves, receberam na hora a mesma sentença de morte que puniu os autores das prevaricações sacrílegas acima mencionadas.

Com efeito, foi o que aconteceu com aquele que apanhou madeira em dia de sábado (cf. Nm 15,32), ou com Ananias e Safira que, iludidos por sua infidelidade, reservaram para si mesmos um pouco de seus bens (cf. At 5,1-10).

Não que os pecados desses pesassem tanto quanto os dos primeiros mas, pelo ineditismo daquela transgressão, deveriam oferecer aos demais o padrão de castigo para o pecado de que haviam dado o exemplo. Por isso, o castigo deveria ser exemplar a fim de inspirar terror para que, se alguém tentasse imitá-los, soubesse que seria tratado da mesma maneira e não ignorasse que a punição, embora pudesse ser adiada no presente, os atingiria, com certeza, no julgamento final.

Ao discorrer sobre as espécies de tentações e das suas respectivas punições, parece que nos afastamos um pouco do tema que nos propusemos, quando dizíamos que o varão perfeito permanece imperturbável diante das tentações, seja na prosperidade, seja nos maus momentos. Voltemos, pois, ao nosso assunto.

12 - A alma do justo não deve assemelhar-se a um sinete de cera, mas de diamante

Na verdade, a alma do justo não deve assemelhar-se à cera ou a qualquer substância menos resistente, cedendo sempre ao sinete que lhe imprime sua forma e imagem, a qual seria conservada até o dia em que um novo carimbo a marcasse com uma nova impressão. Assim, não haveria possibilidade de que a alma permanecesse em sua própria natureza mas iria sempre se transformando de acordo com a imagem que nela imprimissem.

Muito ao contrário, é imprescindível que a alma seja como um sinete de diamante que, guardando inviolavelmente sua própria fisionomia, marque e transforme os diversos acontecimentos de sua vida com sua própria efígie, sem que ela mesma seja marcada por eles.

13 - Seria possível à mente permanecer sempre no mesmo estado?

Germano: Seria possível à nossa mente permanecer continuamente no mesmo estado e perseverar sempre na mesma disposição?

14 - Resposta à questão proposta

Teodoro: É indispensável, segundo as palavras do Apóstolo, *renovar-vos pela transformação espiritual de vossa mente* (Ef 4,23), pois alguém se não progredir diariamente, *esquecendo-se do que ficou para trás e avançando para o que está à frente* (Fl 3,13), ou, se for negligente, retrocederá, chegando à pior decadência. Assim, não há possibilidade de que a alma permaneça em uma única e mesma disposição. A alma, nesse caso, assemelha-se a alguém que, esforçando-se para remar contra as águas de um rio impetuoso, só tem em vista duas alternativas: ou à força de braço, vence a correnteza, levantando-se em direção ao montante ou, relaxando os braços, é puxado inflexivelmente rio abaixo.

Assim sendo, o sinal evidente de que estamos perdendo é o reconhecimento de nada mais estarmos ganhando. Não duvidemos de que estamos recuando, no dia em que percebermos que deixamos de progredir. É impossível, como já dissemos, à alma humana permanecer estacionada. Não existe santo que, vivendo na carne, se estabeleça num tal ápice de virtude que permaneça sempre estável. Será necessário que ele acrescente ou diminua algo à virtude. Não é possível haver em alguma criatura uma tal perfeição que não esteja sujeita à mutabilidade, conforme está escrito no livro de Jó: *Que é o homem para que apareça imaculado? E o nascido de mulher, para que apareça justo? Veja que entre os seus santos nenhum é imutável e nem mesmo os céus são puros diante dele* (Jó 15,14-15). Confessamos, com efeito, que só Deus é imutável e só a ele se dirige a oração do santo profeta: *Quanto a ti, tu és sempre o mesmo* (Sl 101,28). Porque somente ele diz de si mesmo: *Eu sou Deus e não mudo* (Ml 3,6), porquanto só ele é por natureza sempre bom, sempre pleno e sempre perfeito,

e a ele nada se pode acrescentar, nada se pode tirar.

Devemos, portanto, estar sempre empenhados na prática das virtudes, ocupando-nos sem cessar com os mesmos exercícios, para que não aconteça que, parando de progredir, logo se siga o declínio. Como dissemos, a mente não consegue permanecer no mesmo e único estado, isto é, sem poder crescer ou diminuir na virtude. Não adquirir é decrescer. Porque, quando cessa o desejo de progredir, não se está longe de recuar.

15 - O prejuízo que advém ao que se afasta da própria cela

Por esse motivo, torna-se necessária a contínua permanência na cela. Tantas vezes quantas o monge dela se afastar, outras tantas ao voltar, irá vacilar e perturbar-se como se ali estivesse apenas começando a morar. Aquela aplicação do espírito que adquirira, permanecendo na cela, caso se torne relapso, só poderá readquirir à custa de muito esforço e sofrimento. Ao recuar desse modo, não pensará no progresso que bem poderia ter conseguido, se não tivesse deixado a cela, mas, antes, até se alegrará de se sentir reintegrado ao estado do qual decaiu. Assim, como o tempo perdido é irrecuperável, também não é possível recobrar os ganhos não obtidos. Qualquer bom resultado que o atual empenho do espírito possa produzir, deve ser considerado como progresso daquele dia, e não a volta dos benefícios perdidos.

16 - Também as potências celestes estão sujeitas à mutação

Que também as potências celestes, como já dissemos, estão sujeitas a transformações, torna-se evidente pela queda dos

anjos, decaídos por sua vontade corrompida. Mesmo aqueles que perseveraram na beatitude em que foram criados, pelo fato de não se terem extraviado, não podem considerar-se como dotados de uma natureza imutável.

Uma coisa é ser imutável por natureza, outra é não mudar pela graça de Deus, pela fidelidade ao bem e pelo esforço na prática da virtude. Tudo quanto se adquire e se conserva pela diligência, também se pode perder pela negligência. Daí vem a sentença: *Não beatifiques o homem antes de sua morte* (Eclo 11,30). Porque, enquanto alguém permanece no calor da luta e, por assim dizer, no meio da arena, mesmo que habituado a vencer e a conquistar com frequência a palma da vitória, não pode, todavia, estar ao abrigo do medo nem da possibilidade de um resultado infeliz.

Assim sendo, Deus é o único que dizemos ser imutável e bom. Porque ele possui a bondade não como resultado de um esforço ou diligência, mas pela própria natureza.

O homem, portanto, não pode possuir a virtude graças a uma posse imutável. Conservá-la, uma vez adquirida, exige o mesmo esforço e o mesmo zelo que pôs em ação para adquiri-la.

17 - Ninguém cai por uma ruína repentina

Não se imagine, quando alguém cai, que isso tenha acontecido repentinamente. Ou bem, na origem de tal queda existe uma formação deficiente, que favoreceu um falso caminho, ou bem, um longo período de negligência espiritual minou-lhe pouco a pouco a virtude, até que, com o crescimento dos vícios, verificou-se uma queda funesta. *A arrogância precede a destrui-*

ção, e o mau pensamento, a ruína (Pr 16,18).

É o que acontece com uma casa que, na verdade, jamais desaba repentinamente. Porquanto, só vem abaixo por algum antigo defeito de fundação ou prolongada incúria dos moradores, permitindo a ação de goteiras penetrantes que imperceptivelmente provocam o apodrecimento do madeirame do teto. Então, à medida que perdura o desleixo, ocorrem ali maiores rombos e desabamentos por onde finalmente vão entrando, em torrentes, as chuvas e tempestades. *Pela preguiça irá abaixo o madeiramento; por causa da moleza das mãos a casa se encherá de goteiras* (Ecl 10,18 – LXX).

É o que se dá espiritualmente com a alma como, em outras palavras, declara Salomão: *As goteiras expulsam o homem de sua casa nos dias de inverno* (Pr 27,15 – LXX).

Com bastante propriedade comparou ele a alma displicente à casa e ao telhado negligenciados. Na verdade, por causa dessa incúria, infiltram-se na alma as paixões, a princípio, como se fossem gotinhas miúdas. Mas, se as desprezamos como leves e inconsequentes, acabam, pouco a pouco, por corromperem as virtudes, que são como as vigas de uma casa. Depois disso, transformam-se em chuvas copiosas de vícios, pelas quais, nos dias de inverno, isto é, no tempo da tentação, com o ataque repentino do diabo, irrompem como uma tempestade sobre a alma, expulsando-a da morada das virtudes onde, anteriormente, por um zelo escrupuloso lhe era permitido habitar, como em sua própria casa.

Depois de aprender todas essas coisas, pudemos, enfim, perceber a infinita doçura de um alimento espiritual, a ponto de colhermos daquela conferência maior alegria de coração do que a tristeza que nos causara a morte daqueles santos monges. Pois, na verdade, não só sentimos que nossas incertezas se haviam dissipado, como também passamos a conhecer muitas outras coisas que, em razão de nossa limitada inteligência, sequer imaginávamos abordar.

VII

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE SERENO

A Mobilidade da Alma e dos Espíritos Malignos

1 - A castidade do abade Sereno

Homem da mais alta santidade e de grande abstinência, o abade Sereno refletia em sua pessoa o significado de seu próprio nome. Assim, era merecedor não só de toda a nossa admiração, mas também nossa veneração. Nesse caso, julgamos que a melhor maneira de torná-lo conhecido das almas sequiosas de perfeição seria a inclusão de suas conferências em nossa obra.

Como ápice de todas as virtudes que, pela graça de Deus, resplandeciam em suas ações e até mesmo em sua face, recebera ele, por privilégio todo especial, o dom infuso da castidade. E isso em tão alto grau que jamais se sentia inquietado, nem mesmo durante o sono, pelas naturais excitações da carne.

Julgo, pois, necessário explicar primeiramente como ele atingiu, com a ajuda da graça de Deus, uma pureza tão sublime que até parecia ultrapassar a condição humana.

2 - Pergunta do ancião sobre o estado dos nossos pensamentos

O maior empenho do ancião foi no sentido de adquirir a castidade interior, do coração e da alma e, nesse intuito, persistiu infatigavelmente em orações dia e noite, em vigílias e jejuns. Ao compreender que havia conseguido atingir a meta de suas orações e a extinção de todos os ardores da concupiscência carnal, como se esse sentimento suavíssimo da pureza o inflamasse ainda mais, seu zelo ardente incentivou-o a uma sede de castidade ainda mais intensa. Passou, então, a aplicar-se cada vez mais em prolongados jejuns e orações.

O vício da impureza morrera no homem interior pela graça de Deus. Contudo, pretendia agora que essa morte abrangesse também o homem exterior, penetrando-o de uma pureza perfeita, a ponto de não mais estar sujeito sequer àqueles movimentos simples e naturais que se produzem até nas criancinhas e lactentes. O dom obtido justificava sua confiança, pois sabia perfeitamente que tal virtude não fora fruto de sua diligência, mas da graça divina. Assim sendo, acreditava que para Deus era bastante fácil livrá-lo totalmente desses aguilhões da carne que até a própria indústria da arte humana costuma, às vezes, suprimir por meio de certas poções, determinados medicamentos ou, ainda, pela cirurgia. Sua confiança não era infundada, uma vez que Deus já lhe fizera o dom daquela pureza do espírito que é impossível ao homem adquirir apenas por seu esforço e labor.

Incansável em suas súplicas, acompanhadas de lágrimas ininterruptas, insistia em seu pedido. Então, em uma visão noturna, um anjo lhe apareceu e, abrindo-lhe as entranhas, arrancou-lhe das vísceras um tumor inflamado, atirando-o ao longe.

Depois, recolocou as vísceras em seu lugar, dizendo-lhe estas palavras: "Eis que os aguilhões de tua carne foram arrancados. Fica sabendo que hoje obtiveste a perfeita pureza do corpo que pediste com tanta fidelidade".

Sobre tão grande graça concedida por singular privilégio a esse santo monge, o pouco que dissemos parece-nos suficiente. Quanto às outras virtudes, que o abade Sereno possuía em comum com os outros eminentes varões, julgo supérfluo enunciá-las aqui, pois poderia parecer uma insinuação de que os outros não as possuíssem com a mesma magnitude que ele. Abrasados, pois, pelo imenso desejo de ouvir sua conferência e de receber seus ensinamentos, cuidamos de ir-lhe ao encontro no tempo da Quaresma.

Num tom em que transparecia sua serenidade perfeita, o ancião nos interpelou sobre a qualidade de nossos pensamentos e a condição de nosso homem interior. Indagou-nos também sobre o proveito que havíamos tirado, para a pureza de nosso coração, de nossa longa estada no deserto.

Foi com grandes lamentações que lhe respondemos.

3 - Nossa resposta a respeito da mobilidade da alma

Ao considerar o tempo passado solitariamente no deserto, presumis que devíamos ter chegado à perfeição do homem interior. Ora, isso só nos serviu para que aprendêssemos que, em nossa fragilidade, não foi possível atingir a meta que, com tanto esforço, pretendíamos alcançar.

O conhecimento que adquirimos nos fez saber que nem conseguimos a perfeita estabilidade desejada, nem mesmo al-

guma firmeza na perseverança. Na verdade, só fez crescer nossa vergonha e confusão.

Com efeito, no exercício de todas as profissões, envidam-se esforços cotidianos e se procura progredir para que, passada a insegurança da aprendizagem, se chegue a uma perícia certa e estável. Assim, passamos a conhecer com segurança o que no início conhecíamos com dúvidas ou mesmo ignorávamos completamente. Pois aquilo que, na origem parecia velado pelas dúvidas e pela ignorância, começa a desvendar seus segredos. Assim avançando com passo firme no conhecimento da disciplina escolhida, podemos cultivá-la com perfeição e sem dificuldade.

Ora, é exatamente o contrário que me acontece na busca laboriosa da pureza da alma. Pois, não me parece que tenha feito qualquer outro progresso senão o de reconhecer aquilo que não posso ser. O que me faz perceber nitidamente que tão grande contrição só me trouxe sofrimento. Por isso, o que jamais me falta é motivo para lágrimas, sem contudo, deixar de ser o que não devo ser. Na verdade, o que lucrei ao descobrir o auge da perfeição se continuo incapaz de alcançar o que conheci? Às vezes, sentimos que o olhar de nosso coração se dirige para seu objetivo, mas nossa mente, de modo insensível, desliza daquelas alturas para se precipitar, com mais impetuosidade, nas divagações anteriores. Assim, ocupada por suas tensões cotidianas, ela é reconduzida sem cessar a inúmeros cativeiros, a ponto de quase desesperarmos da desejada correção e de nos parecer supérflua nossa observância.

Se, dos movimentos sensuais em que o espírito divaga, de momento a momento, nós o reconduzimos ao temor de Deus e

à contemplação espiritual, antes mesmo que ele se estabilize, escapa-nos ainda mais depressa. E, quando percebemos, como que acordando de um sono, que ele se desviou da meta que lhe havíamos proposto, e nos esforçamos por fazê-lo voltar àquela contemplação da qual se desviara, tentando, por uma aplicação imutável do coração, como que amarrá-lo com correntes, eis que no meio de nossos próprios esforços, ele foge dos recônditos profundos da alma, deslizando mais rapidamente do que uma enguia.

Assim sendo, nossos dias se passam em lutas sofridas, sem que, contudo, percebamos que nosso coração se tenha tornado mais estável. Por fim, caímos no desespero e somos levados a ver, em tais divagações da alma, não tanto um defeito pessoal quanto um vício inerente à natureza humana.

4 - Exposição do abade Sereno sobre a condição das almas e sua virtude

Sereno: É uma presunção perigosa definir precipitadamente a natureza de alguma coisa, sem que anteriormente se tenha mantido uma séria discussão a esse respeito, tendo-se como base apenas um exame superficial e sem que se haja chegado ainda a uma justa certeza. Logo, não se deve concluir um julgamento a respeito de determinada profissão, fundamentando-se somente em conjeturas sobre a própria fragilidade, em lugar de proferir uma sentença documentada em sua própria substância ou respaldada na experiência de outros.

Suponha-se, por exemplo, um homem que não saiba nadar. Vendo ele que seu corpo não pode ser carregado pelas águas decide, por essa experiência pessoal e por sua inabilidade, que

nenhum ser de carne e osso pode ser sustentado pelo elemento líquido. Porventura, deveríamos considerar verdadeira a opinião que ele emite, baseado tão somente em sua experiência pessoal, quando sabemos, de modo seguro e pelo testemunho de nossos próprios olhos, que nadar, além de ser algo perfeitamente possível, é para muitos um exercício facílimo.

Ora, a mente, em grego, νοῦς, se define como ἀεικίνητος, καὶ πολυκίνητος, isto é, sempre móvel e muito móvel. É a verdade que tão bem expressa, embora, com outras palavras, o livro da Sabedoria, atribuído a Salomão καὶ γεῶδες σκῆνος βρίθει νοῦν πολυφρόντιδα que significa: *A tenda terrestre oprime a mente cheia de múltiplos cuidados* (Sb 9,15 – LXX).

A mente, com efeito, por sua natureza nunca pode ficar ociosa. A menos que ela tenha determinados objetivos previamente estabelecidos nos quais possa exercer sua mobilidade e com os quais se ocupe permanentemente, ela com certeza se põe a divagar e a revolutear por toda parte. Somente depois de prolongado exercício e de prática diuturna, em que, como dissestes, vos esforçastes em vão, é que a mente aprende, por experiência, a preparar os assuntos para os quais sua memória deve sempre retornar e adquirir a força de neles se fixar. Assim, ela se tornará capaz de repelir as sugestões contrárias do inimigo, que tentam distraí-la e, afinal, permanecer firme no estado e nas disposições que deseja.

Não devemos, pois, atribuir essa disposição do nosso coração à natureza humana ou a Deus, seu criador. Pois, é verdadeira a palavra da Escritura, quando nos diz: *Deus criou o homem*

reto; mas foram os próprios homens que procuraram a multidão dos pensamentos (Ecl 7,29 – LXX). É uma opção nossa a qualidade de nossos pensamentos, porque: O *bom pensamento aproxima aqueles que o conhecem, e o homem prudente o encontrará* (Pr 19,7 – LXX). Todavia, quando algo que deve ser encontrado depende da nossa prudência e aplicação se, por acaso, não o encontramos, devemos responsabilizar nossa inércia e imprudência e não um vício de nossa natureza. O salmista também concorda com esse sentido quando diz: *Feliz o homem que espera do Senhor o seu socorro, ele guarda em seu coração os degraus para subir* (Sl 83,6 – LXX). Estais vendo, pois, que se acha em nosso poder possuir no coração degraus para subir, isto é, pensamentos que ascendem até Deus, ou para descer, isto é, pensamentos que se precipitam para as coisas terrestres e carnais. Se não tivéssemos tal poder, o Senhor não teria censurado os fariseus: *Por que pensais o mal em vossos corações?* (Mt 9,4). Nem nos teria recomendado através do profeta: *Afastai dos meus olhos o mal dos vossos pensamentos* (Is 1,16). E ainda: *Até quando permanecerão em ti pensamentos nocivos?* (Jr 4,14).

Se assim não fosse, no dia do julgamento a qualidade de nossos pensamentos não seria matéria de exame, do mesmo modo que a de nossas obras, como o Senhor nos ameaça através de Isaías: *Eis que venho para reunir as obras e os pensamentos deles, com todas as nações e todas as línguas* (Is 66,18).

Não seria, então, pelo testemunho desses pensamentos que seríamos condenados ou defendidos naquele julgamento terrível e assustador, pois, como diz o Apóstolo: *Seus pensamentos é que reciprocamente os acusarão ou defenderão, no dia em que Deus julgar*

os segredos dos homens segundo o meu Evangelho (Rm 2,15-16).

5 - A perfeição da alma segundo a figura do centurião do Evangelho

O centurião do Evangelho é uma excelente figura da alma elevada a esse estado de perfeição. Essa alegoria nos mostra que sua virtude e perseverança o protegiam de quaisquer pensamentos que lhe adviessem, fazendo com que ele acolhesse os bons e repelisse os maus, sem nenhuma dificuldade, de acordo com seu próprio julgamento. É o que nos relata Mateus: *Eu, que estou debaixo de ordens e tenho soldados sob o meu comando, quando digo a um "Vai!", ele vai, e a outro "Vem", ele vem; e quando digo a meu servo: "Faze isto", ele o faz* (Mt 8,9).

Se, por nossa vez, lutarmos virilmente contra os nossos vícios e desregramentos, sujeitando-os ao nosso domínio e discrição; e se, enquanto militamos em nossa carne pela virtude do estandarte salvífico da cruz do Senhor, conseguirmos dominar as paixões e submeter ao império da razão a instável legião de nossos pensamentos, repelindo das fronteiras do nosso coração os cruéis esquadrões de nossos poderosos adversários, então seremos elevados por tantos triunfos à patente daquele centurião espiritual. É a ele que Moisés designa misticamente no livro do Êxodo: *Escolhe do meio do povo homens tementes a Deus como chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta, chefes de dez* (Ex 18,21).

Promovidos como ele a essa alta dignidade, teremos o poder e a força do comando, e não mais seremos arrastados a pensamentos que não desejamos acolher. Mas, ao contrário, te-

remos a possibilidade de aderir aos que nos farão experimentar as delícias espirituais. Às más sugestões ordenemos: "Ide" e elas irão; e às boas, diremos: "Vinde" e elas virão. Ao nosso servo, isto é, ao nosso corpo, prescreveremos observar as leis da castidade e da abstinência, e ele obedecerá sem nenhuma rebeldia, e não mais o veremos suscitar em nós os aguilhões hostis da concupiscência mas, sim, sujeitar-se a servir a nosso espírito em todas as coisas.

Quais sejam as armas desse centurião e a que combates se destinam, ouvi o bem-aventurado Apóstolo dizer: *As armas com que combatemos não são carnais, mas poderosas a serviço de Deus* (2Cor 10,4). Eis, pois, que elas não são nem carnais, nem enfermas, mas espirituais e poderosas em Deus. E passa a indicar em que lutas devem ser usadas: *para destruir fortalezas, os raciocínios presunçosos e todo o poder altivo que se levanta contra o conhecimento de Deus. Tornamos cativo todo pensamento para levá-lo a obedecer a Cristo, e estamos prontos a punir toda desobediência desde que a vossa obediência seja perfeita* (id. 4-6). Embora nos pareça bem necessário examinar pormenorizadamente esses diversos pontos, deixemo-los, contudo, para outra ocasião. Agora, quero somente vos mostrar as espécies e as propriedades das armas de que nós também devemos estar sempre revestidos, se queremos combater nas lides do Senhor e militar nas fileiras dos centuriões do Evangelho.

Tomai, diz o Apóstolo, *o escudo da fé com que possais extinguir os dardos inflamados do Maligno* (Ef 6,16). É, pois, a fé que, recebendo os dardos inflamados das paixões, torna-os ineficazes

pelo temor do julgamento futuro e da crença no reino celeste.

E, prossegue o Apóstolo, *a couraça da caridade* (1Ts 5,8). Porquanto é a caridade que envolve e protege as partes vitais da nossa alma, opondo-se às feridas mortais causadas pelas paixões, repelindo os golpes do inimigo e não permitindo que os dardos diabólicos penetrem até o homem interior, porque *ela tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta* (1Cor 13,7).

E ainda *somos revestidos do capacete da esperança da salvação* (1Ts 5,8). Ora, o capacete protege a cabeça. Como Cristo é nossa cabeça, devemos sempre protegê-la, com o capacete inexpugnável da esperança dos bens futuros, em meio a todas as tentações e perseguições, guardando principalmente uma fé íntegra e sem lesões. Se tiver algum outro membro amputado, embora deficiente, ainda é possível a alguém sobreviver. Sem a cabeça, porém, ninguém pode conservar a vida, por um instante que seja. Ora *a espada do espírito é o Verbo de Deus* (Ef 6,17), porque *ela é mais penetrante do que uma espada de dois gumes, capaz de chegar até a separação da alma e do espírito, das junturas e medulas. Ela julga as intenções e as disposições do coração* (Hb 4,12). Isso significa que ela corta e separa tudo que em nós é carnal e terreno.

Quem, pois, estiver coberto por tais armas permanecerá sempre protegido dos dardos e da devastação do inimigo. Nunca será visto carregado de grilhões ou levado como escravo por seus espoliadores para a região hostil dos maus pensamentos. Também jamais ouvirá do profeta esta censura: *Por que envelheceste em terra estrangeira?* (Br 3,11). Ao contrário, como um triunfador e vitorioso, estabelecerá sua morada na terra dos pensamentos

que ele escolheu.

Quereis também conhecer onde se encontram a energia e a força que permitem ao centurião carregar as armas que acabamos de mencionar, armas não carnais mas poderosas para Deus? Ouvi o próprio Rei que reúne os fortes para a milícia espiritual e qual o critério que determina sua escolha e aprovação: *Que o fraco diga: sou forte; e o paciente seja um pelejador* (Jl 3,10-11 – LXX). Estais vendo, portanto, que a menos que sejais pacientes e fracos, é impossível empreender as guerras do Senhor. Mas sem dúvida que essa fraqueza é aquela em que se apoiava o centurião do Evangelho, quando dizia com toda a confiança: *Quando sou fraco, é então que sou forte* (2Cor 12,10). *É na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder* (id. 9). É sobre essa fraqueza que também falava um dos profetas: *Aquele que for o mais fraco entre eles será como a casa de Davi* (Zc 12,8 – LXX). Também será o paciente que lutará nessas guerras, com aquela paciência de que se fala: *A paciência vos é necessária, para que, fazendo a vontade de Deus, recebais a retribuição* (Hb 10,36).

6 - A perseverança na guarda dos pensamentos

Nossa própria experiência nos dará a conhecer que devemos e podemos unir-nos intimamente ao Senhor, contanto que mortifiquemos nossa vontade e renunciemos aos desejos das coisas deste mundo. Também nos instrui a autoridade daqueles que, falando ao Senhor com intimidade lhe dizem confiantemente: *Minha alma se agarra em vós* (Sl 62,9), e ainda: *Eu me apego, Senhor, aos teus testemunhos* (Sl 118,31), e mais: *Para mim só há um bem é estar com Deus* (Sl 72,28), e também: *Aquele que está*

unido ao Senhor constitui com ele um só espírito (1Cor 6,17).

Portanto, é necessário que, fatigados pelas divagações da alma, não negligenciemos esse esforço, porque *aquele que cultiva a sua terra será saciado de pão; quem ama a ociosidade acabará numa profunda indigência* (Pr 28,19). Cuidemos também de que um funesto desespero não interrompa nossa diligência na prática daquela observância, porque: *Todo aquele que é diligente conhece a fartura, enquanto o que vive na suavidade e sem sofrimento ficará na carência* (Pr 14,23 – LXX), e ainda: *O homem em dores trabalha para seu proveito e impede pela força a sua própria perdição* (Pr 16,26 – LXX) e também: *O reino dos céus sofre violência e os violentos dele se apoderam* (Mt 11,12). Sem esforço, nenhuma virtude chega à perfeição, e é impossível alguém elevar-se àquela estabilidade da mente que tanto desejais sem uma profunda contrição do coração. *Pois o homem nasce para o trabalho* (Jó 5,7). E para chegar *à condição de homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo* (Ef 4,13), precisa estar sempre vigilante, esforçando-se com a máxima solicitude para atingir essa meta. Ninguém chegará a essa plenitude na vida futura, se desde a vida presente dela não se tiver nutrido e a houver antegozado.

É indispensável que, mesmo permanecendo neste mundo, aquele que é assinalado como um membro muito precioso do Cristo, possua ainda nesta carne mortal o penhor da união que o ligará um dia ao corpo do Senhor. E com um único desejo, sequioso de uma só coisa, tenha para todos os seus atos e pensamentos um só escopo: isto é, já possuir como penhor, desde agora, o que se diz da bem-aventurada vida dos santos por toda

a eternidade, que para ele: *Deus seja tudo em todos* (1Cor 15,28).

7 - Pergunta sobre a mobilidade da alma e os ataques das potências do mal

Germano: Talvez fosse possível coibir essa volubilidade da mente, se ela não se encontrasse sitiada por um número tão grande de inimigos que a impelem incessantemente para agir contra sua vontade, ou, melhor, para aquilo que a própria mobilidade da sua natureza a arrasta. Cercada por inimigos tão numerosos, potentes e terríveis, poderíamos crer que a resistência lhe seria impossível, sobretudo nesta carne frágil, se não nos animassem vossas palavras, que recebemos como oráculos divinos.

8 - Resposta sobre o auxílio de Deus e o poder do livre arbítrio

Sereno: É verdade que lutamos contra adversários sempre na iminência de nos prepararem armadilhas: todo aquele que já enfrentou os combates do homem interior está certo disso. Mas, quando dizemos que eles se opõem a nossos progressos, não devemos acreditar que eles nos impelem efetivamente ao mal, pois nada mais podem além de nos incitar a isso. De fato, não existiria um único homem capaz de ficar completamente imune ao pecado, qualquer que fosse a sua natureza, se os inimigos que querem abrasar nossos corações tivessem a capacidade não só de sugerir o pecado, mas ainda de nos forçar a praticá-lo. Por isso, do mesmo modo que eles têm a possibilidade de nos instigar, nós temos, por outro lado, a força de rejeitar ou a liberdade de acatar tais sugestões. Se, no entanto, tememos seu poder e seus

ataques, consideremos, em contrapartida, a proteção e o auxílio de Deus, de quem se diz que: *É maior aquele que está em nós, do que aquele que está no mundo* (1Jo 4,4). Seu socorro combate por nós com uma potência bem maior do que a multidão de inimigos luta contra nós. Pois, com efeito, Deus não se limita a sugerir-nos o bem, mas ele nos sustenta e nos impulsiona para ele e, às vezes, é até mesmo contra nossa vontade e sem nosso conhecimento que o Senhor nos atrai para a salvação.

Todavia, é absolutamente certo que ninguém pode ser enganado pelo demônio, a menos que lhe dê, por livre escolha, o consentimento de sua vontade. É o que exprime o Eclesiastes com estas palavras: *É porque não se contradiz logo os que fazem o mal, que o coração dos filhos dos homens se enche de pensamentos do mal* (Ecl 8,11).

Fica, pois, evidente que, se alguém peca, é porque aos maus pensamentos que nele irrompem não opõe imediatamente o obstáculo da sua rejeição, como está escrito: *Resisti ao demônio, e ele fugirá de vós* (Tg 4,7).

9 - Questão sobre a união da alma com os demônios

Germano: Peço-vos dizer-me em que consiste esse consórcio da alma com os espíritos maus, tão estreito e tão íntimo que podem, já não digo, juntar-se, mas até mesmo unir-se a ela? Porque são capazes de lhe falar de uma maneira insensível, infiltrar-se nela, inspirar-lhe tudo quanto desejam, instigá-la a fazer o que lhes agrada, ver e examinar seus pensamentos e movimentos. Como pode haver entre eles e a mente tão grande união que, sem a graça de Deus, seria quase impossível discernir o que

vem dos seus incitamentos do que provém da nossa vontade?

10 - Resposta: O modo pelo qual os espíritos imundos se unem à mente humana

Sereno: Não é surpreendente o fato de que um espírito possa juntar-se insensivelmente a um outro espírito e exercer sobre ele, para os fins que lhe aprouverem, uma força secreta de persuasão. Entre ambos, como entre os homens, há certa semelhança e parentesco de natureza. A prova disso é que a definição que damos da natureza da alma também lhes convém. Mas, quanto a se penetrarem e se unirem mutuamente, de modo que um possa conter o outro, isso é totalmente impossível. Essa prerrogativa pertence exclusivamente à divindade porque só ela é constituída por uma natureza incorpórea e simples.

11 - Objeção: Podem os espíritos imundos penetrar e se unir às almas por eles possuídas?

Germano: Tudo quanto vemos acontecer com os possessos que, sob a influência dos espíritos imundos, falam e fazem coisas que ignoram, contradiz tal raciocínio. Como não acreditar que as almas possuídas não sejam unidas a esses espíritos, quando as vemos como que transformadas em seus instrumentos e, deixando o seu próprio estado natural, adotar os movimentos e afetos daqueles espíritos a ponto de assumir palavras, gestos e vontades que não são delas, mas deles?

12 - Resposta: O modo pelo qual os espíritos imundos

dominam os possessos

Sereno: Não contradiz nossa precedente afirmação o que contais sobre os energúmenos que, possuídos por espíritos imundos, falam ou fazem o que não querem ou são forçados a proferir coisas que ignoram. Uma coisa porém é certa: não existe apenas um modo único de os espíritos penetrarem nas almas dos endemoninhados. Pois alguns possessos não têm a menor ideia do que fazem ou dizem. Outros, porém, têm consciência de seus atos e pensamentos e, depois, deles se recordam. Entretanto, não se julgue que essa infusão do espírito imundo seja de tal ordem que entre ele e a alma passe a existir uma união tão íntima que ambos se tornem um único ser e que esse espírito, revestindo-se dela, profira discursos e palavras pela boca do paciente. De modo algum têm tal poder.

Se tal acontecesse, não é por se ter a alma apequenado, mas por se haver debilitado o corpo como se pode depreender de um raciocínio evidente. Com efeito, o espírito imundo, apoderando-se dos membros nos quais reside o vigor da alma e impondo-lhes um peso insuportável, obstrui e mergulha suas potências espirituais nas mais profundas trevas. O que, aliás, vemos às vezes acontecer por efeito do vinho, da febre, de um frio excessivo, ou de outras enfermidades extrínsecas.

Na verdade, foi o que um preceito do Senhor interditou ao diabo de empreender contra o bem-aventurado Jó, depois que recebeu o poder de agir contra seu corpo: *Eis que eu o entrego em tuas mãos, mas respeita a sua alma* (Jó 2,6). Isto é, apenas não o tornes louco, debilitando-lhe o órgão que é a sede da

alma, nem obscureças, enquanto ele te resistir, sua inteligência e sabedoria, esmagando-lhe com o teu peso, a principal parte de seu coração.

13 - Um espírito não pode ser penetrável a outro espírito, isso somente é possível a Deus que é incorpóreo[19]

Um espírito pode impregnar essa espessa e sólida matéria, que é a carne. Nada lhe é mais fácil. Contudo, não devemos acreditar, por esse motivo, que ele também se possa unir à alma, que é a ele semelhante, tornando-a capaz de recebê-lo em sua própria substância. Isso só é possível à Trindade, que penetra de tal maneira as naturezas intelectuais, que não somente as abraça e envolve, como também nelas se derrama, como uma essência incorpórea num corpo. Conquanto possamos dizer que existem muitas naturezas espirituais, vale dizer, anjos, arcanjos, outras virtudes celestes, nossa própria alma e o ar sutil, essas naturezas, contudo, não devem ser consideradas incorpóreas. Elas possuem um corpo, segundo a sua natureza, bem mais sutil que o nosso pelo qual subsistem. Tal é a esse respeito a palavra do Apóstolo: *Existem corpos celestes e corpos terrestres* (1Cor 15,40). E, mais adiante: *Semeia-se um corpo animal e ressuscita um corpo espiritual* (id. 44).[20] De tudo isso se conclui que apenas Deus é incorpóreo e que, somente para ele, são penetráveis todas as substâncias espirituais e intelectuais. Por isso, somente ele está todo

[19] Quanto à natureza dos anjos e dos demônios a opinião desenvolvida neste capítulo foi completamente abandonada e com razão. Entretanto, muitos pensaram que os antigos quiseram apenas afirmar que só Deus é unicamente simples; parecia-lhes material qualquer outro espírito composto de essência e ser, de poder e ato, de substância e de acidente.

[20] O Apóstolo opõe os astros aos corpos terrestres e em seguida, a condição de nosso corpo glorificado ao seu estado atual.

inteiro em toda parte e em todas as coisas, de modo a poder ver e percorrer os pensamentos do homem e seus movimentos interiores, até o íntimo mais secreto da alma. Somente dele falou o bem-aventurado Apóstolo: *A Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes: penetra até dividir alma e espírito, junturas e medulas. Ela julga as disposições e as intenções do coração. E não há criatura oculta à sua presença. Tudo está nu e descoberto aos olhos daquele a quem devemos prestar contas* (Hb 4,12-13). Também disse o bem-aventurado Davi: *Ele formou o coração de cada um* (Sl 32,15). E ainda: *Ele conhece os segredos do coração* (Sl 43,22). E as palavras de Jó: *Só tu conheces os corações dos homens.*[21]

14 - Objeção em que se procura mostrar que os demônios podem ver perfeitamente os pensamentos dos homens

Germano: Pelos motivos já mencionados, os espíritos nem mesmo nossos pensamentos podem observar. Mas julgamos tal opinião completamente absurda uma vez que a Escritura diz que: *O espírito do poderoso se eleva contra ti* (Ecl 10,4), e ainda: *Quando já o diabo colocara no coração de Judas Iscariotes o projeto de entregar o Senhor* (Jo 13,2). Como, pois, acreditar que os nossos pensamentos não lhes sejam manifestos, quando sentimos que é em grande parte por sua instigação e inspiração que tais pensamentos surgem em nossa mente?

15 - Resposta: O que os demônios podem e o que não podem sobre os pensamentos dos homens

[21] Esse texto, erradamente atribuído a Jó, é de 2Cr 6,30.

Sereno: Ninguém duvida de que os espíritos imundos possam conhecer a natureza de nossos pensamentos. Mas é um conhecimento fundado através de indícios sensíveis, observados exteriormente, tais como nossas disposições, palavras e diligências pelas quais percebem nossas principais inclinações. Contudo, aos pensamentos que ainda se acham ocultos no âmago da alma eles não têm nenhum acesso. No entanto, os próprios pensamentos por eles sugeridos, se são acolhidos e como são acolhidos, eles conhecem, não pela própria essência da alma, isto é, por um movimento interior escondido, por assim dizer, no seu âmago, mas pelos movimentos e indícios que o homem exterior deixa transparecer. Se, por exemplo, foi a gula que sugeriram e veem o monge levantar os olhos para a janela ou para o sol, com maior preocupação, ou ainda, indagar a hora com ansiedade, compreendem por tal sintoma que o desejo da gula foi acolhido. Do mesmo modo se, ao sugerirem a fornicação, perceberem a tolerância do monge ao receber o dardo da paixão, ou virem sua carne agitada ou, ainda, o monge não suspirar, como devia, contra a lascívia da sugestão impura, compreendem que o dardo do prazer se fixou no íntimo da alma.

No que tange às tentações da tristeza, da ira e do furor, é pelo movimento do corpo e pelas emoções sensíveis, por um frêmito silencioso, um suspiro indignado, uma alteração da fisionomia: rubor ou palidez, que reconhecem que o estímulo da carne penetrou no coração. Percebem, assim, em sua inteligência sutil, quem é inclinado ao vício e a que vício.

Em relação a cada um de nós, eles sabem, com segurança, aquilo que nos agrada, ao observarem bem o que prontamente

determina em nosso corpo um gesto ou um movimento que constitua para eles o sinal de que conseguiram nossa aquiescência e cumplicidade.

Nada há de surpreendente que as potências do ar possuam essa capacidade de penetração, que, aliás, vemos muitas vezes em homens sábios aptos a reconhecer, pelo aspecto, pela fisionomia ou pela aparência exterior, a condição do homem interior. Assim sendo, com maior certeza poderão os demônios fazer idêntica constatação, eles que, evidentemente, por sua natureza espiritual, são muito mais sutis e sagazes do que os homens!

16 - Uma comparação que permite mostrar como os espíritos imundos conhecem os pensamentos dos homens

Existem alguns ladrões, com efeito, que, nas casas em que entram às ocultas para roubar, costumam explorar os bens escondidos. É assim que, em meio às espessas trevas da noite, eles espalham, com mão cautelosa, uma areia finíssima sobre os tesouros escondidos que não podem enxergar, mas que reconhecem por um tinido especial que emitem por causa disso. Dessa forma, acabam por reconhecer, com grande segurança, pelo som emitido, as coisas e os diferentes metais. De modo semelhante, os demônios, para conhecerem os tesouros de nosso coração, lançam em nós a areia de suas más sugestões. Pela reação que produzem em nossa sensibilidade corporal, segundo a qualidade própria de cada uma, eles reconhecem, como se fosse um tinido vindo do mais profundo do quarto, o que está oculto no santuário do homem interior.

17 - Todo demônio não dispõe da faculdade de sugerir todas as paixões aos homens

No entanto, é necessário que saibamos que não são todos os demônios que insuflam todos os vícios nos homens. Cada vício tem seus demônios específicos que o cultivam com habilidade. A uns aprazem as impurezas e as sórdidas paixões; a outros, as blasfêmias, outros ainda preferem a ira e o furor. Há os que se alimentam de tristeza, e os que se comprazem com a vanglória e o orgulho. Cada um desses espíritos tenta fazer penetrar no coração dos homens o vício em que ele mesmo se deleita. Contudo, não insuflam todos ao mesmo tempo suas perversidades, revezam-se de acordo com as circunstâncias de tempo e lugar ou conforme as disposições das pessoas que querem atingir.

18 - Porventura seguem os demônios uma ordem em suas investidas e respeitam uma disciplina de revezamento?

Germano: É necessário acreditar que os mesmos mantêm certa ordem e disciplina em sua perversidade, de modo que suas investidas seguem determinada ordem estabelecida pela razão. Não obstante, sabemos que a ordem e a razão só podem subsistir entre os bons e os virtuosos, de acordo com a Escritura que diz: *Procurarás a sabedoria entre os maus e não encontrarás* (Pr 14,6 – LXX), e ainda: *Os nossos inimigos são insensatos* (Dt 32,31 – LXX), e mais: *Não há sabedoria, nem força, nem conselho entre os ímpios* (Pr 21,30 – LXX).

19 - Resposta: Como os demônios se entendem

quanto à ordem de seus ataques

Sereno: Entre os maus não existe acordo permanente e que abranja todos os assuntos. Nem pode haver perfeita concórdia sobre os vícios em que se deleitam de comum acordo. Jamais, como dissestes, poderá haver ordem e disciplina em coisas indisciplinadas. Todavia, em alguns casos, quando uma ação comum ou a necessidade o exigem, ou, ainda, o interesse partilhado solicita, precisam os maus de um acordo temporário.

É o que vemos com clareza na milícia dos espíritos do mal. Não só observam entre si os tempos e a ordem das sucessões, como também se fazem conhecer por se prenderem a determinados lugares, transformando-os em sua morada habitual. A prova evidente de que precisam variar suas tentações é que eles escolhem vícios e momentos determinados para suas investidas, pois, é impossível ser alguém, ao mesmo tempo, o joguete da vanglória e arder de concupiscência carnal, e ninguém pode inflar-se de orgulho espiritual e, de maneira simultânea, rebaixar-se ao vício da gula. Também não é possível cair em risadas fátuas e, concomitantemente, deixar-se exaltar pelos aguilhões da ira ou mergulhar numa tristeza devastadora. Por isso, é preciso que cada demônio tenha sua vez para investir contra a mente. Quando vencido e forçado à retirada, cede então lugar a outro que irá atacá-la com maior violência; se esse porém sair vencedor, por sua vez entrega a vítima a outro, para que a ultraje do mesmo modo.

20 - As potências adversas não possuem a mesma força, nem dispõem arbitrariamente da capacidade de tentar

Também não devemos ignorar que nem todos os demônios têm a mesma ferocidade e o mesmo intuito, nem tampouco possuem a mesma força e maldade. Assim, os principiantes e os frágeis só entram em luta com os espíritos mais fracos. Só após terem vencido esses primeiros adversários, passam a enfrentar o atleta de Cristo, gradativamente, em combates mais violentos. À proporção em que aumentam as forças e os progressos humanos, também se intensificam as dificuldades nas lutas.

Por tal motivo, nenhum santo, seja ele quem for, teria sustentado a malícia de tais e tão numerosos inimigos, enfrentado suas ciladas, ou suportado sua crueldade e furor, se o Cristo, que preside aos nossos combates, como o mais clemente dos árbitros e dos juízes dos jogos, não assegurasse a igualdade das forças entre os combatentes e não repelisse e refreasse os excessos de suas investidas, propiciando-nos com a tentação uma saída, de modo que a pudéssemos tolerar (cf. 1Cor 10,13).

21 - Os demônios também experimentam cansaço em sua luta contra os homens

Aliás, acreditamos que, em tais combates, os demônios não estejam isentos de fadiga. Pois eles sofrem nessas lutas certa ansiedade e tristeza, principalmente quando têm adversários mais fortes como os santos e os perfeitos. Se assim não fosse, não se trataria de uma luta, de um combate, mas de uma simples licença que lhes teria sido concedida no intuito de nos enganar com toda a segurança. Em tal caso, como se confirmaria a palavra do Apóstolo que diz: *O nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as*

Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais? (Ef 6,12). E ainda esta outra afirmação: *É assim que pratico o pugilato, mas não como quem fere o ar?* (1Cor 9,26). E também: *Combati o bom combate?* (2Tm 4,7).

Quando se fala em luta, combate ou batalha tem de haver, necessariamente, de ambos os lados, suor, esforço e preocupação. De ambos os lados, a derrota acarreta dor e confusão; enquanto a vitória traz alegria. Todavia, se um se fatiga na luta, e o outro combate sem esforço e sem perigo e, para vencer o adversário, só lhe é necessária sua vontade, não se trata realmente de luta, combate ou batalha, mas tão somente de um ataque injusto e contrário à razão.

Mas tal não é o caso, e os demônios, na luta contra os homens, também trabalham e se cansam a fim de conseguirem conquistar contra cada um de nós a vitória que almejam e, em caso de fracasso, recai sobre eles aquela vergonha que nos seria destinada se fôssemos os perdedores, segundo as palavras dos salmos: *Levantam a cabeça os que me cercam: a malícia de seus lábios volte a eles* (Sl 139,10). E ainda: *O mal que fez lhe cairá sobre a cabeça* (Sl 7,17), e mais: *Caia a ruína sobre eles de repente, em seus laços traiçoeiros fiquem presos e na cova que cavaram caiam eles* (Sl 34,8), isto é, no laço que o demônio preparou para enganar os homens.

Eles, pois, também têm que sofrer tanto quanto nós. E, se eles nos afligem, nós também os afligimos, pois, quando vencidos, retiram-se profundamente confusos.

Com o olhar do homem interior, que o salmista conserva-

va perfeitamente puro, ele testemunha diariamente suas derrotas e seus conflitos. Ele observava o regozijo dos demônios com nossas quedas e nossos insucessos e, temeroso de que lhes adviesse igual alegria por sua causa, roga ao Senhor: *Ilumina meus olhos, para que eu não adormeça na morte. Que meu inimigo não diga: "Venci-o!", e meus opressores não exultem com meu fracasso* (Sl 12,4-5). E ainda: *Meu Deus, não se alegrem por minha causa, nem digam em seus corações: "Muito bem, minha alma está satisfeita!" Nem digam "nós o devoramos"* (Sl 34,24-25). E também: *Rangeram seus dentes sobre mim. Senhor, quando vereis?* (id. 16-17). E mais: *Com os olhos espreita o miserável; de tocaia, bem oculto, como leão no covil* (Sl 9,30). E ainda: *E pedem a Deus seu alimento* (Sl 103,21).

Por outro lado porém, quando, apesar de todos os esforços, não conseguiram nos lograr, ao verem o insucesso de seus esforços, fatalmente: *São confundidos e se enrubescem de vergonha os que perseguem as nossas almas para as arrebatar, e se cobrem de pejo e confusão os que meditam o mal contra nós* (Sl 34,26; 39,15). E Jeremias exclama: *Que se envergonhem os meus perseguidores, mas não eu! Que eles se encham de pavor, mas não eu! Lança sobre eles a cólera do teu furor e com uma dupla destruição, destrói-os* (Jr 17,18).

Com efeito, ninguém de fato duvida que, vencidos por nós, devem ser duplamente esmagados. Primeiro, porque, enquanto os homens procuram a santidade, eles que a possuíam, perderam-na e se tornaram causa da perdição humana; depois, porque seres espirituais foram vencidos por criaturas de carne e barro.

Ao considerar a ruína de seus inimigos e suas próprias vitórias, cada santo exclama, na plenitude da exultação: *Persegui*

meus inimigos e alcancei-os, não voltei sem os haver exterminado; esmaguei-os, já não podem levantar-se, e debaixo de meus pés caíram todos (Sl 17,38-39). Também é contra eles que o Profeta diz em sua oração: *Acusai os que me acusam, ó Senhor, combatei, os que combatem contra mim!* (Sl 34,1-3). E, após termos submetido todas as paixões, e termos vencido todos os demônios, mereceremos ouvir esta palavra de bênção: *Tua mão se levante sobre os teus inimigos, e perecerão todos os teus adversários* (Mq 5,9).

Quando lemos essas e outras passagens semelhantes, inseridas nos livros sagrados, se não as considerarmos como escritas exclusivamente contra os espíritos malignos, que nos assediam noite e dia, não só não nos edificaremos nem nos pacificaremos, como também poderemos conceber sentimentos de insensibilidade contrários à perfeição evangélica. Porquanto, nesse caso, eles nos ensinariam a não orar por nossos inimigos e a não amá-los e, mais ainda, nos instigariam a detestá-los com ódio implacável, a amaldiçoá-los e a proferir incessantemente nossas orações contra eles. Pensar, porém, que homens santos e amigos de Deus tenham se expressado com esse espírito seria um crime e um sacrilégio. Pois, para eles, foi dirigida a Lei antes do Cristo, justamente para que, transcendendo os seus mandamentos e antecipando os tempos da nova economia, preferissem obedecer aos preceitos evangélicos, dedicando-se à perfeição apostólica.

22 - Os demônios não dispõem, a seu critério, do poder de nos prejudicar

Que os demônios não têm o poder de prejudicar a quem quer que seja, livremente, comprova-o, com bastante evidên-

cia, o exemplo do bem-aventurado Jó. Pois o inimigo não ousa tentá-lo além do que lhe permitira a autoridade divina. E, à confissão inserida nos Evangelhos, acrescenta-se o testemunho dos próprios demônios, quando dizem: *Se nos expulsas, lança-nos nesta vara de porcos* (Mt 8,31). Devemos crer então que, com mais forte razão, não têm o poder de entrar à vontade em um homem criado à imagem de Deus quando não puderam, sem permissão divina, entrar em animais impuros. Aliás, se assim não fosse, ninguém, já não falo dos jovens que vemos habitar esse deserto com tanta perseverança, mas até entre os próprios perfeitos, poderia morar sozinho nesse deserto cercado de tão temíveis inimigos, se aqueles espíritos tivessem permissão para nos tentar e molestar de acordo com seu poder e sua vontade. Confirma-o com toda a evidência a palavra que nosso Senhor e Salvador dirigiu a Pilatos, na humildade de sua natureza humana: *Nenhum poder terias sobre mim, se não te houvesse sido dado do alto* (Jo 19,11).

23 - A diminuição do poder dos demônios

Sabemos, contudo, seja por nossas experiências, seja pelo que dizem os antigos, que os demônios já não têm a mesma força que possuíam antigamente, quando os primeiros anacoretas passaram a residir no deserto que, até então, era habitado apenas por pouquíssimos monges. Tal se mostrava então sua atrocidade que somente um pequeno número, que se exercitara intensamente na virtude e já avançara bastante na idade, podia suportar aquela solidão. Nos próprios cenóbios, onde moravam de oito a dez monges, a violência deles se desencadeava com tanta

crueldade, e tão frequentes e visíveis eram seus ataques, que os monges não ousavam dormir todos ao mesmo tempo, mas se revezavam mutuamente. Enquanto alguns dormiam, outros celebravam as vigílias, dedicando-se aos salmos, às orações e às leituras. Quando, porém, a natureza os constrangia a dormir um pouco, alguns eram acordados para ficar, por seu turno, de sentinela junto aos que iam repousar.

Após o que foi dito, não podemos duvidar que a tranquilidade e a segurança em que hoje vivem, não apenas os anciãos como nós, revigorados pela experiência dos anos, mas também os mais jovens, só podem provir de duas causas: ou da virtude da cruz, que penetrou até o âmago do deserto e que, pela sua graça, brilha em toda parte, repelindo a malícia dos demônios, ou da nossa negligência, que os tornou mais lentos nas investidas. Assim eles, desprezando os ataques violentos com que acometiam aqueles perfeitos soldados de Cristo, passaram a nos enganar com a cessação das tentações visíveis, a fim de com mais crueldade nos dominar.

Na verdade, vemos que a maioria caiu em tal tibieza que é preciso acariciá-los com advertências extremamente indulgentes, para que não abandonem suas celas e acabem por se envolver em agitações mais perniciosas ou, então, comecem a circular por todos os lados, e se enredem em vícios ainda mais ruinosos. Assim sendo, julgamos até ser um grande benefício, se conseguimos mantê-los retirados em suas celas, apesar da apatia que demonstram, considerando-se como remédio eficaz o que os antigos costumavam dizer-lhes: Permanecei em vossas celas,

comei, bebei e dormi, quanto quiserdes, contanto que ali fiqueis constantemente.

24 - O modo pelo qual os demônios preparam seu acesso naqueles que pretendem possuir

Consta, na verdade, que é impossível aos espíritos imundos entrar naqueles cujos corpos vão possuir, se anteriormente já não submeteram suas mentes e seus pensamentos. Após tê-los destituído do temor e da lembrança de Deus e da prática da meditação espiritual, logo que os veem desarmados do socorro e da proteção divina, esses espíritos os atacam com audácia, como presa fácil de dominar, acabando por estabelecer neles uma morada, como se estivessem numa propriedade que lhes fora abandonada.

25 - Os possuídos pelos vícios são mais infelizes do que os possuídos pelos demônios

Bem mais grave e perigosa, porém, é a condição dos que, livres em seu corpo, são todavia vítimas de uma possessão mais perniciosa em sua alma. Isto é, tornam-se prisioneiros dos vícios e das volúpias dos demônios. Pois, segundo o Apóstolo: *Qualquer um se torna escravo daquele por quem é vencido* (2Pd 2,19). Sua desgraça é tanto mais destituída de esperança quanto, nem sequer percebem que, tendo-se tornado joguete dos demônios, são atacados por eles ou já se tornaram sua propriedade.

Aliás, sabemos de santos que tiveram o corpo entregue a Satanás ou foram sujeitos a grandes enfermidades, por faltas bem leves. É que a clemência divina não admite encontrar na-

queles, no dia do juízo, a menor mácula ou o mínimo deslize, purificando, assim, desde agora a escória de seus pecados, a fim de fazê-los passar diretamente àquela feliz eternidade, como o ouro ou a prata que, já purificados pelo fogo, não mais têm necessidade de qualquer outra pena purgativa. É o que nos afirma a palavra do profeta, ou melhor, do próprio Deus, quando diz: *Eu fundirei as tuas escórias até a perfeita pureza, e tirarei todo o teu estanho. E depois disso serás chamada cidade dos justos, a cidade fiel* (Is 1,25-26). E também: *Assim como são provados no cadinho o ouro e a prata, assim elege o Senhor os corações* (Pr 17,3 – LXX). E ainda: *O fogo prova o ouro e a prata, o homem é provado no cadinho da humilhação* (Eclo 2,5). E finalmente: *O Senhor educa a quem ama e castiga todo filho que acolhe* (Hb 12,6).

26 - A morte violenta do profeta seduzido, e a enfermidade do abade Paulo, merecida para sua purificação

Isso nos é claramente demonstrado no terceiro livro dos Reis, pelo exemplo do profeta e homem de Deus que cometeu apenas uma falta de desobediência, em que não revela premeditação ou malícia, pois se viu logrado por um outro. Não obstante essa inconsideração, é fraturado por um leão. Eis o relato que a Escritura faz de tal episódio: *É o homem de Deus que foi desobediente à palavra do Senhor, e o Senhor o entregou ao leão, e o leão o quebrou conforme a palavra que o Senhor tinha falado* (1Rs 13,26).

Podemos observar nesse relato a expiação do pecado que acabara de ser cometido, a expiação do erro inconsiderado e ainda, simultaneamente, a manifestação dos méritos e da justiça

do profeta, graças aos quais o Senhor o entrega a um castigo temporal. Aí se mostra, também, a sobriedade e a abstinência da fera que não ousa, apesar de toda sua voracidade, devorar o cadáver que lhe é entregue.

Também em nossos tempos, uma prova bastante evidente e irrefutável aconteceu com os abades Paulo e Moisés. Enquanto o abade Moisés habitava um lugar deste deserto conhecido pelo nome de Cálamo, o abade Paulo residia no deserto, próximo à cidade de Panefisi, uma solidão formada há não muito tempo pela inundação de águas intensamente salgadas. Ali, todas as vezes que sopra o vento norte a água, trazida por ele das lagoas, transborda sobre as terras vizinhas e cobre toda a superfície da região, de tal modo que as antigas aldeias, por causa disso, há muito abandonada por seus habitantes, assemelham-se a ilhas.

Ali, o abade Paulo, na paz e no silêncio da solidão, fizera tal progresso na pureza de coração que não podia tolerar a vista, já não digo de um rosto, mas até mesmo das vestes de uma mulher. Ora, certo dia em que, na companhia do abade Archebio, habitante do mesmo deserto, se dirigia à cela de um ancião, aconteceu que, por acaso, encontrou uma mulher. Chocado por esse encontro, desistiu do dever de caridade que pretendia fazer com aquela piedosa visita e pôs-se a correr de volta ao seu mosteiro, com tal precipitação, que parecia estar fugindo de um leão ou de um dragão horripilante. Nem os gritos, nem os pedidos do referido abade Archebio conseguiram demovê-lo da fuga e fazê-lo retomar o caminho que deviam percorrer para a projetada visita ao ancião.

Esse ato fora motivado pelo zelo da castidade e pelo amor à pureza, no entanto, ele não agiu de acordo com uma justa doutrina, excedendo-se na observância da disciplina e de uma austeridade equilibrada. Achou que devia ser execrada não apenas a familiaridade com as mulheres, que é de fato perigosa, mas até mesmo a sua simples vista.

O castigo não se fez esperar. Imediatamente todo o seu corpo, acometido de paralisia, se fragilizou e nenhum de seus membros obedecia mais a suas funções. Não apenas seus pés e mãos lhe recusavam todo serviço, mas até a língua, com a qual se exprime a elocução da voz, tornara-se imóvel em sua boca. Os próprios ouvidos perderam a sensibilidade de modo que, de homem, nada mais lhe restava que a aparência e se tornou reduzido a tal condição que a caridade dos homens era insuficiente para tratar sua enfermidade, fazendo-se indispensável confiá-lo à diligência de cuidados femininos. Assim, transportaram-no para um mosteiro de virgens consagradas onde, para a comida e a bebida, que ele não podia pedir sequer com um sinal de cabeça, necessitava do obséquio das mãos de uma mulher que, durante quatro anos, isto é, até o término de sua vida, lhe serviriam com igual cuidado, na satisfação de todas as suas necessidades naturais. Mas, enquanto jazia com todos os seus membros paralisados, a ponto de nenhuma das suas articulações conservar o movimento e a sensibilidade, era tão grande a graça das virtudes que dele emanava que o óleo que tocara em seu corpo ou, melhor, seu cadáver, curava, imediatamente, de qualquer doença, os enfermos que por ele fossem ungidos. Isso tornava claro e evidente, mesmo aos olhos dos infiéis, que aquela enfermidade

e paralisia de todos os membros lhe fora imposta por amorosa providência do Senhor e que a graça das curas lhe fora concedida pela virtude do Espírito Santo, a fim de testemunhar e manifestar seus méritos.

27 - A tentação do abade Moisés

Já mencionamos que o segundo a habitar este deserto era o abade Moisés, homem único e incomparável que, em punição por uma palavra um tanto pesada, dita contra o abade Macário numa discussão, foi entregue a um demônio tão perverso que o obrigava a levar à boca os excrementos humanos. Mas o Senhor provou, pela rapidez com que foi curado, e pela autoria do remédio, que o suplício que o flagelara tinha por escopo não deixá-lo com uma mancha sequer, nem mesmo a de uma falta momentânea. Na verdade, tendo-se logo o abade Macário posto em oração, o espírito maligno expulso por ele, prontamente se retirou.

28 - Não devemos desprezar os que são entregues aos espíritos impuros

Deduz-se do que foi dito que não devemos abominar ou desprezar os que vemos sujeitos a diversas tentações ou entregues aos espíritos malignos. É necessário crer, e de modo inabalável, duas coisas: primeiro, que sem a permissão de Deus ninguém é tentado por eles; segundo, que tudo quanto nos vem de Deus, no presente, pareça-nos triste ou alegre, nos foi enviado para nosso próprio bem, por um Pai cheio de ternura e um médico cheio de compaixão. Portanto, tais pessoas, à semelhança de

crianças confiadas a pedagogos, são sujeitas à humilhação para que, ao chegarem à outra vida, apareçam totalmente purificadas ou tenham de sofrer somente uma pena mais leve. No presente, como fala o Apóstolo, elas são entregues a Satanás, *para a morte da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia de nosso Senhor Jesus Cristo* (1Cor 5,5).

29 - Objeção: Serão os possessos de espíritos malignos separados da comunhão do Senhor?

Germano: Como acontece, então, que em nossas províncias os possessos são tratados por todos como objeto de desprezo e horror e, além disso, obrigados a abster-se da comunhão do Senhor, conforme a sentença evangélica: *Não deis aos cães o que é santo, nem atireis as vossas pérolas aos porcos?* (Mt 7,6). Se devemos crer, como dizeis, que é com o desígnio de purificá-los e de beneficiá-los que tais humilhações lhes são impostas?

30 - Resposta à pergunta anterior

Sereno: Se tivermos aquela ciência ou, melhor, aquela fé que anteriormente mencionei, de que tudo quanto acontece com a permissão de Deus se destina ao nosso bem, não só deixaremos de desprezar os possessos, mas ainda rezaremos por eles, como por membros que são de nosso corpo, e compartilharemos de seus sofrimentos, de todo o coração e com muita ternura porque: *Sofrendo um membro, sofrem com ele todos os outros* (1Cor 12,26).

Sabemos que sem eles, como nossos membros, não poderemos chegar à total perfeição, como lemos nos santos que nos

precederam, os quais, também, sem nós, não poderiam chegar à plena realização da promessa. É deles que diz o Apóstolo: *Todos eles, se bem que pela fé tenham recebido um bom testemunho, apesar disso, não obtiveram a realização da promessa. Pois Deus previa para nós algo de melhor, para que sem nós não chegassem à plena realização* (Hb 11,39-40). No que concerne à comunhão eucarística, não nos lembramos de que essa lhes tenha sido jamais negada, ao contrário, achavam que ela lhes devia ser ministrada diariamente. Quanto à palavra do Evangelho: *Não deis aos cães o que é santo* vós a citastes indevidamente, uma vez que a comunhão não vai servir de alimento ao demônio, mas tem como objetivo purificar e guardar a alma do possuído. Para o espírito que nele reside ou se esforça para esconder-se em seus membros, a eucaristia recebida torna-se um fogo ardente que o queima e o põe em fuga. Foi assim que assistimos à cura do abade Andronico e de muitos outros. De fato, o inimigo atacará com maior violência ainda o possesso, se o souber excluído do remédio celeste, e suas investidas serão tanto mais cruéis e frequentes, quanto mais tempo o vir privado do remédio espiritual.

31 - São mais infelizes os que não merecem ser submetidos a essas provações temporais

Mas, verdadeiramente, são mais infelizes e dignos de compaixão os que, maculados com todos os crimes e todos os vexames, não somente não aparentam sinais de possessão diabólica, como também não são submetidos a nenhuma provação digna de seus crimes, nem a qualquer pena por seus erros. É que não mereceram, de fato, o remédio rápido e pronto do tempo pre-

sente. *Com sua obstinação e seu coração impenitente*, escapando ao castigo na existência atual, *acumula ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus* (Rm 2,5). No qual *o seu verme não morrerá e seu fogo não se apagará* (Is 66,24).

Contra esses o profeta, como que perturbado pelas aflições dos santos, que ele sente acabrunhado pelas diversas desgraças e tentações, ao passo que os pecadores percorrem sua caminhada até o fim da vida, sem experimentar o castigo da humilhação, mas até usufruindo a afluência da riqueza e a maior prosperidade em seus empreendimentos, exclama: *Mas por pouco meus pés não resvalaram, e quase escorregaram os meus passos; e cheguei a ter inveja dos malvados ao ver o bem-estar dos pecadores. Para eles não existe sofrimento, seus corpos são robustos e sadios; não sofrem a dureza do trabalho, nem conhecem a aflição dos outros homens* (Sl 72,2-5).

Isso significa que, no futuro, deverão ser punidos com os demônios aqueles que no presente não foram dignos de receber o tratamento de filhos, nem mereceram ser castigados conforme os outros homens.

Jeremias, também, discutindo com o Senhor a respeito da prosperidade dos ímpios, embora ressalvando que não põe em dúvida sua justiça, exclama: *Tu és justo, Senhor, eu disputo contigo* (Jr 12,1), não obstante procura as causas de tão grande desigualdade e acrescenta: *Tu és justo demais, Senhor, para que eu entre em processo contigo. Contudo, falarei contigo sobre questões de direito: Por que prospera o caminho dos ímpios? Por que os apóstatas estão em paz? Tu os plantaste, eles criaram raízes, vão bem e produzem fruto. Tu estás perto de sua boca, mas longe de seu coração* (id. 1-2).

O Senhor, sobre suas ruínas, chora através do mesmo profeta e, com solicitude, lhes envia para curá-los médicos e doutores, provocando-os, de certo modo a chorar com ele: *Mas de repente caiu Babilônia e se quebrou: gemei sobre ela! Tomai bálsamo para sua dor, talvez ela seja curada!* (Jr 51,8). A isso respondem, desesperados, os anjos, aos quais foi confiada a salvação dos homens ou, então, o próprio profeta, por meio dos apóstolos, ou dos homens espirituais e dos doutores, que veem o endurecimento da mente e do coração empedernido desses homens: *Nós queríamos curar Babilônia, mas ela não foi curada. Deixai-a! Vamos cada um para nossa terra, porque seu julgamento atinge até os céus e se eleva até as nuvens* (id. 9).

Isaías, também, se refere a esse mal sem esperança quando fala em nome de Deus: *Desde a planta dos pés até a cabeça, não há um lugar são. Tudo são contusões, feridas e chagas vivas, que não foram espremidas, não foram atadas, nem foram suavizadas com óleo* (Is 1,6).

32 - A diversidade de inclinações e de disposições que se exercem nas potências dos ares

Não há dúvida de que, nos espíritos imundos, existem tantas inclinações quantas as que se encontram nos homens. Alguns deles, que popularmente são chamados "vagabundos", são enganadores e jocosos. Eles se mantêm habitualmente em lugares determinados ou pelos caminhos. Esses não se comprazem em atormentar os transeuntes que conseguem enganar, mas se satisfazem, de preferência, em rir e zombar deles, e se dedicam mais a ridicularizá-los e fatigá-los do que a prejudicá-los.

Outro grupo de demônios se ocupa, durante a noite, em provocar pesadelos nos homens, sem contudo lhes causar grandes danos. Mas existem alguns tão atrozes e furiosos que, não satisfeitos em dilacerar cruelmente os que são por eles possuídos, ainda se lançam sobre todos aqueles que passam, mesmo ao longe, a fim de infligir-lhes os mais violentos golpes. São semelhantes aos que vemos descritos nos Evangelhos que causavam tal terror que ninguém ousava passar por seus caminhos (cf. Mt 8,28). Sem dúvida, são esses, ou outros que lhes são semelhantes que, por sua insaciável ferocidade, se comprazem com a guerra e o derramamento de sangue.

Ainda vemos outros, vulgarmente conhecidos como Bacúceos, que procuram inflar o coração dos possessos com um orgulho tão vazio que, ora se esforçam em alongar a estatura de seu corpo a fim de dar uma demonstração de orgulho e majestade, ora parecem se inclinar diante de alguém, aparentando uma tranquila afabilidade. Alguns, cheios de imaginação, tomam-se por personagens ilustres, que centralizam o olhar e a atenção de todos ao redor, e ora se curvam como a prestar homenagem a pessoas ainda mais eminentes, ora acreditam que, por sua vez, estão recebendo a reverência de outros, assumindo, como consequência, as posturas seja de humildade, seja de soberba que tais situações exigiriam na vida real.

Encontramos também aqueles espíritos malignos que, além de se aprazerem na mentira, ainda inspiram a blasfêmia. Aliás, posso testemunhar a verdade do que afirmo, pois ouvi, nitidamente, um demônio confessar que havia inspirado a Ario

e Eunômio a impiedade de sua sacrílega doutrina.[22] O quarto livro dos Reis menciona que um deles se vangloriava dizendo: *Eu sairei e serei um espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas* (1Rs 22,22).

É a esses que o Apóstolo se refere quando censura os que por eles se deixam ludibriar, dando atenção a *espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas, por causa da hipocrisia dos mentirosos* (1Tm 4,1-2).

Os Evangelhos atestam que há também outras espécies de demônios, isto é, os surdos e mudos (cf. Lc 11,14; Mc 9,16.24). Por outro lado, lembra-nos o profeta que alguns espíritos são instigadores de libertinagem e de luxúria: *Um espírito de fornicação os enganou, e eles se prostituíram, afastando-se de seu Deus* (Os 4,12). A autoridade das Escrituras também nos ensina que existem demônios noturnos, diurnos e meridianos (cf. Sl 90,5-6). Seria por demais longo percorrer todas as Escrituras para examinar, com minudência, todas as diferentes categorias de espíritos, quais sejam aquelas que o profeta designa por onocentauros (cf. Is 34,14), peludos (sátiros), sereias, lâmias, avestruzes, corujas, ouriços; e, ainda, as áspides e os basiliscos do Salmo (cf. Sl 90,13). Temos, também, os que o Evangelho nomeia como leão, dragão, escorpião (cf. Lc 10,19) e os que o Apóstolo denomina *príncipe deste mundo, chefes deste mundo de trevas, Espíritos do Mal* (Jo 14,30; Ef 6,12). Não devemos considerar que esses nomes nos sejam

[22] Ario, presbítero de Alexandria, começou em 315 a divulgar que o Verbo de Deus não é gerado mas criado (ex nihilo) pelo Pai que o adotou eternamente como Filho. O arianismo encontrou muitos adeptos entre o clero e o povo, causando grande dano à unidade da Igreja. Foi condenado no Concílio de Niceia, em 325. Por volta de 350, surgiu o anomeísmo, uma espécie de neoarianismo mais radical. Eunômio, bispo de Cízico, foi um dos seus defensores.

dados pelo acaso. A comparação com tais animais selvagens, que nos são perniciosos, serve para definir a ferocidade e o furor desses demônios. E esses espíritos são assim chamados por causa da semelhança que têm com a venenosa malvadez dos animais mencionados e também pela realeza que a superioridade de sua malícia lhes confere entre os outros animais e as serpentes.

Assim, um recebe o nome de leão em virtude da veemência de seu furor e da violência de sua perversidade. Outro é chamado de basilisco por seu veneno letal que mata, mesmo antes de ser pressentido. A outros, ainda, foram dados os nomes de onocentauro, ouriço e avestruz, pela frieza de sua maldade.

33 - Qual a origem de tanta diversidade entre os espíritos malignos?

Germano: Não duvidamos que também se refiram aos demônios as categorias que o Apóstolo assim enumera: *Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal que povoam as regiões celestiais* (Ef 6,12). Queremos, porém, saber a origem de tão grande diversidade entre tais espíritos e por que são tantos os graus de malícia. Será que foram criados no intuito de atingirem tal estado de maldade e para militarem em tal grau de perversidade?

34 - A resposta à pergunta proposta é deixada para mais tarde

Sereno: Vossas indagações tão bem desviaram nossa aten-

ção do tempo do repouso noturno, que nem sequer sentimos a aproximação da aurora e ainda somos solicitados a prosseguir esta palestra, insaciavelmente, até o sol raiar.

Entretanto, se começássemos a examinar a questão que nos propondes, isso nos levaria a um oceano de questionamentos tão imenso e profundo, que o pouco tempo de que dispomos no momento presente não nos permitiria atravessá-lo. Acho, pois, melhor transferi-la para a próxima noite. Assim, com a oportunidade de uma conversa mais prolongada convosco, eu próprio terei mais alegria e benefício espiritual. Além disso, auxiliados pelo sopro do Espírito Santo, teremos ensejo de aprofundar todos os aspectos dessa questão.

Aproveitemos, pois, um pouco de sono para sacudir o torpor que, com a aproximação da luz do dia, já começa a pesar sobre nossas pálpebras. Em seguida, dirigir-nos-emos juntos à igreja, que nos convida para a solenidade do dia do Senhor. Após a sinaxe, recomeçaremos, com redobrada alegria, a vos comunicar tudo quanto o Senhor nos houver prodigalizado em consideração a vosso desejo e para nossa comum instrução.

ÍNDICE DAS CONFERÊNCIAS

I – Primeira conferência do Abade Moisés
Do escopo e do fim do monge

PÁG.	CAP.	
19	1.	Os habitantes de Cétia e o propósito do abade Moisés
20	2.	Questionamento do abade Moisés sobre o escopo e a finalidade da vida monástica
22	3.	Nossa resposta
22	4.	Nova pergunta do abade Moisés sobre o mesmo assunto
23	5.	Comparação com o arqueiro
25	6.	Aqueles que, renunciando ao mundo, lutam pela perfeição, mas não se preocupam com a caridade
26	7.	É preciso desejar a tranquilidade do coração
28	8.	Nosso principal esforço para a contemplação das coisas divinas e o exemplo de Maria e Marta
30	9.	Pergunta-se por que não permanece com o homem a ação das virtudes
31	10.	O abade Moisés responde, dizendo que não há recompensa que irá desaparecer, mas, sim, o ato das virtudes que cessará
33	11.	A permanência da caridade
34	12.	Pergunta sobre a perseverança da "theoria" es-

piritual ou contemplação
34 13. Resposta sobre a orientação do coração para Deus, e sobre o reino de Deus e do demônio
37 14. A imortalidade da alma
41 15. A contemplação de Deus
43 16. Pergunta sobre a mobilidade do pensamento
43 17. Resposta sobre o poder da mente em relação aos pensamentos involuntários
44 18. Comparação da alma com a mó do moinho
45 19. Os três princípios que regem nossos pensamentos
47 20. O discernimento dos pensamentos, tomando-se como analogia o desempenho de um perito avalista
51 21. A ilusão do abade João
52 22. A quádrupla dimensão da discrição
54 23. A palavra do mestre deve estar de acordo com o mérito do ouvinte

II – Segunda conferência do Abade Moisés
Da discrição

PÁG. CAP.
57 1. Proêmio do abade Moisés sobre a graça da discrição
59 2. Sobre o benefício que só a discrição concede ao monge. Discurso do abade Antão sobre esse assunto
61 3. O erro em que Saul e Acab caíram pela ignorância da virtude da discrição
62 4. Referências nas Sagradas Escrituras ao bem da

		discrição
64	5.	A morte do velho Heron
65	6.	A ruína de dois irmãos por ignorância da discrição
66	7.	Ainda um outro iludido pela ignorância da discrição
67	8.	A queda e o engano de um monge da Mesopotâmia
68	9.	Pergunta-se como adquirir a verdadeira discrição
69	10.	Resposta sobre o modo de adquirir a verdadeira discrição
70	11.	Palavras do abade Sarapião sobre a dissipação dos pensamentos quando confessados e ainda sobre o perigo da autoconfiança
73	12.	Reconhecimento da vergonha que experimentamos quando revelamos nossos pensamentos aos anciãos
74	13.	Resposta sobre a necessidade de se calcar a vergonha e sobre o perigo de se faltar à compaixão
80	14.	A vocação de Samuel
80	15.	A vocação do apóstolo Paulo
82	16.	O dever de buscar a discrição
82	17.	As vigílias e os jejuns excessivos
83	18.	Pergunta sobre a medida da abstinência e do alimento
83	19.	A melhor medida para a refeição cotidiana
84	20.	Objeção sobre a facilidade de tal dieta
84	21.	Resposta sobre a austeridade desse regime quando é fielmente observado

85 22. Sobre a medida do alimento e a abstinência, em geral
85 23. Como se deve moderar a abundância dos humores
86 24. A mortificação causada pela uniformidade dessa refeição e a gula do irmão Benjamim
87 25. Pergunta sobre o modo de conservar sempre a mesma medida
87 26. Resposta sobre o modo de se evitar qualquer excesso na medida da refeição

III – Conferência do Abade Pafnúcio
As três renúncias

PÁG. CAP.
90 1. A maneira de viver do abade Pafnúcio
91 2. Discurso do ancião e nossa resposta
92 3. Exposição do abade Pafnúcio sobre as três espécies de vocação e os três tipos de renúncia
93 4. Exposição sobre as três vocações
95 5. A vocação mais nobre de nada serve para o preguiçoso, nem a menos elevada é um obstáculo para o fervoroso
97 6. Exposição sobre os três tipos de renúncia
98 7. Como se deve assegurar a perfeição para cada tipo de renúncia
103 8. Sobre as riquezas capazes de propiciar a beleza ou a fealdade da alma
104 9. Sobre as três espécies de riqueza
106 10. Que ninguém chega à perfeição, praticando somente o primeiro grau da renúncia

109 11. Pergunta sobre o livre arbítrio do homem e a graça de Deus
109 12. Resposta sobre a graça divina que é dispensada ao homem sem lhe suprimir o livre arbítrio
111 13. A retidão de nosso caminho vem de Deus
112 14. A ciência da lei é conferida pelo magistério e pela luz do Senhor
112 15. A inteligência, pela qual podemos conhecer os mandamentos de Deus, e os sentimentos de boa vontade são dádivas do Senhor
114 16. A fé é um dom concedido por Deus
116 17. É de Deus que vem a medida da tentação e a força para suportá-la
116 18. A perseverança no temor de Deus é um dom concedido pelo Senhor
117 19. Tanto o início de um movimento de boa vontade quanto a sua consumação nos vêm de uma inspiração do Senhor
119 20. Nada neste mundo se faz sem Deus
120 21. Objeção sobre o poder do livre arbítrio
120 22. Nossa liberdade necessita constantemente do auxílio de Deus

IV – Conferência do Abade Daniel
Os desejos da carne e os do espírito

PÁG. CAP.
123 1. Vida do abade Daniel
124 2. De onde vem a repentina transformação da inefável alegria em profunda tristeza?

125	3.	Resposta à questão proposta
125	4.	Há duas causas para explicar as provações permitidas por Deus
126	5.	Nosso zelo e nossa diligência nada podem sem o auxílio de Deus
127	6.	É útil para nós de quando em vez sermos abandonados por Deus
129	7.	A utilidade desse combate que o Apóstolo define como a luta entre a carne e o espírito
130	8.	A razão pela qual o Apóstolo, neste texto, após mostrar qual seja a luta entre a carne e o espírito, em terceiro lugar, refere-se à vontade
130	9.	Saber interrogar é uma prerrogativa da inteligência
131	10.	O vocábulo carne não é empregado com uma única acepção
132	11.	Qual o sentido que o Apóstolo dá à palavra "carne" nessa passagem, e o que significa a concupiscência da carne
134	12.	Qual o papel da vontade situada entre a carne e o espírito
137	13.	Vantagens resultantes da lentidão na luta travada entre a carne e o espírito
138	14.	A malícia incorrigível dos espíritos do mal
139	15.	Em que nos beneficia a concupiscência da carne contra o espírito
140	16.	Nossas quedas seriam ainda mais graves, se o aguilhão da carne não nos humilhasse
141	17.	A tibieza dos que são castos por natureza

141 18. A diferença entre o homem carnal e o homem animal
141 19. O tríplice estado das almas
145 20. Os que renunciam ao mundo de modo imperfeito
146 21. Aqueles que, após abrirem mãos de grandes bens, se apegam a pequenas coisas

V – Conferência do Abade Sarapião
Os oito vícios principais

PÁG. CAP.
149 1. Nossa chegada à cela do abade Sarapião. Os diferentes tipos de vícios e os assaltos com que nos atingem
149 2. Exposição do abade Sarapião sobre os oito vícios principais
150 3. A dupla categoria de vícios e as quatro maneiras pelas quais nos assaltam
150 4. A gula, a luxúria e a cura dessas paixões
153 5. De que modo somente nosso Senhor foi tentado sem incorrer em pecado
153 6. Natureza da tentação com a qual o demônio experimentou o Senhor
156 7. A vanglória e a soberba se consumam sem a colaboração do corpo
157 8. O amor ao dinheiro não faz parte da natureza humana. A diferença que existe entre este e os vícios naturais
158 9. A tristeza e a acédia, geralmente, não se encon-

tram entre os vícios provocados por fatores externos
158 10. A correspondência que existe entre os seis primeiros vícios e o parentesco que une e os dois últimos
160 11. Origem e natureza de cada vício
163 12. A vanglória pode ter sua utilidade
165 13. Todos os vícios atacam a todos nós, mas cada um com sua tática
166 14. O combate aos vícios deve obedecer à mesma tática de suas investidas
168 15. Nada podemos contra os vícios sem o socorro de Deus, e não nos devemos ensoberbecer com nossas vitórias
170 16. O senso místico das sete nações dominadas por Israel; e por que ora se diz que eram sete e ora que eram muitas
172 17. Relação entre as sete nações e os oito vícios principais
173 18. Como aos oito principais vícios correspondem as oito nações
173 19. Por que Israel recebe a ordem de abandonar somente uma nação e destruir as outras sete?
175 20. A gulodice e sua semelhança com a águia
175 21. Perseverança da gula; disputa com os filósofos
176 22. Por que Deus fez a Abraão a profecia de que Israel deveria vencer dez nações?
177 23. É vantajoso para nós ocuparmos o lugar anteriormente dominado pelos vícios

178 24. As terras das quais foram expulsos os cananeus tinham sido atribuídas aos descendentes de Sem
179 25. Diversos textos sobre os oito vícios principais
180 26. Dominada a paixão da gula, cumpre empregar todos os esforços para conquistar as outras virtudes
180 27. A ordem que se deve seguir na luta contra os vícios não é a mesma em que foram relacionados

VI – Conferência do Abade Teodoro
A morte dos santos

PÁG. CAP.

182 1. Descrição do deserto e questão sobre a morte dos santos
184 2. Resposta do abade Teodoro à questão proposta
185 3. As três categorias de coisas existentes no mundo: as boas, as más e as indiferentes
188 4. Não se pode fazer mal a alguém contra sua vontade
188 5. Objeção: Como se explica que possam dizer que Deus cria o mal?
189 6. Resposta à pergunta anterior
191 7. Seria culpado quem mata o justo, uma vez que este tem a recompensa em razão de sua própria morte?
191 8. Resposta à pergunta anterior
192 9. O exemplo de Jó tentado pelo demônio, e do Senhor traído por Judas. Ao homem justo, tanto a prosperidade quanto os reveses levam à salvação

194 10. A virtude do homem perfeito que, alegoricamente, é chamado de "ambidestro"
199 11. Os dois gêneros de tentações que nos assaltam de três modos diferentes
205 12. A alma do justo não deve assemelhar-se a um sinete de cera, mas de diamante
205 13. Seria possível à mente permanecer sempre no mesmo estado?
205 14. Resposta à questão proposta
207 15. O prejuízo que advém ao que se afasta da própria cela
207 16. Também as potências celestes estão sujeitas à mutação
208 17. Ninguém cai por uma ruína repentina

VII – Primeira conferência do Abade Sereno
A mobilidade da alma e dos espíritos malignos

PÁG. CAP.

211 1. A castidade do abade Sereno
212 2. Pergunta do ancião sobre o estado dos nossos pensamentos
213 3. Nossa resposta a respeito da mobilidade da alma
215 4. Exposição do abade Sereno sobre a condição das almas e sua virtude
218 5. A perfeição da alma segundo a figura do centurião do Evangelho
221 6. A perseverança na guarda dos pensamentos
223 7. Pergunta sobre a mobilidade da alma e os ataques das potências do mal

223 8. Resposta sobre o auxílio de Deus e o poder do livre arbítrio
224 9. Questão sobre a união da alma com os demônios
225 10. Resposta: O modo pelo qual os espíritos imundos se unem à mente humana
225 11. Objeção: Podem os espíritos imundos penetrar e se unir às almas por eles possuídas?
226 12. Resposta: O modo pelo qual os espíritos imundos dominam os possessos
227 13. Um espírito não pode ser penetrável a outro espírito, isso somente é possível a Deus que é incorpóreo
228 14. Objeção em que se procura mostrar que os demônios podem ver perfeitamente os pensamentos dos homens
228 15. Resposta: O que os demônios podem e o que não podem sobre os pensamentos dos homens
230 16. Uma comparação que permite mostrar como os espíritos imundos conhecem os pensamentos dos homens
231 17. Todo demônio não dispõe da faculdade de sugerir todas as paixões aos homens
231 18. Porventura seguem os demônios uma ordem em suas investidas e respeitam uma disciplina de revezamento?
231 19. Resposta: Como os demônios se entendem quanto à ordem de seus ataques
232 20. As potências adversas não possuem a mesma força, nem dispõem arbitrariamente da capacidade

de tentar
233 21. Os demônios também experimentam cansaço em sua luta contra os homens
236 22. Os demônios não dispõem, a seu critério, do poder de nos prejudicar
237 23. A diminuição do poder dos demônios
239 24. O modo pelo qual os demônios preparam seu acesso naqueles que pretendem possuir
239 25. Os possuídos pelos vícios são mais infelizes do que os possuídos pelos demônios
240 26. A morte violenta do profeta seduzido, e a enfermidade do abade Paulo, merecida para sua purificação
243 27. A tentação do abade Moisés
243 28. Não devemos desprezar os que são entregues aos espíritos impuros
244 29. Objeção: Serão os possessos de espíritos malignos separados da comunhão do Senhor?
244 30. Resposta à pergunta anterior
245 31. São mais infelizes os que não merecem ser submetidos a essas provações temporais
247 32. A diversidade de inclinações e de disposições que se exercem nas potências dos ares
250 33. Qual a origem de tanta diversidade entre os espíritos malignos?
250 34. A resposta à pergunta proposta é deixada para mais tarde

Conheça as Publicações das Edições Subiaco

- CONCORDÂNCIA DA REGRA DE SÃO BENTO (Texto em latim)
- A PROCURA DE DEUS - Esther de Waal - 4ª edição
- A REGRA DE SÃO BENTO - Formato bolso - Tradução de D. Basílio Penido, osb - 2ª edição
- A REGRA DE SÃO BENTO - Bilíngue - Formato bolso - Tradução de D. João Evangelista Enout, osb - 4ª edição
- DEUS FALA AO TEU CORAÇÃO - (Espiritualidade bíblica) - Dom Eduardo de Souza Schulz, osb
- O IDEAL MONÁSTICO E A VIDA CRISTÃ DOS PRIMEIROS DIAS - D. Germain Morin, osb
- ENSINAMENTOS ESPIRITUAIS DE DOROTEU DE GAZA
- CADERNOS DE HISTÓRIA MONÁSTICA - Volume I - Introdução - Org. D. Justino de Almeida Bueno, osb
- FONTES - OS MÍSTICOS CRISTÃOS DOS PRIMEIROS SÉCULOS - Olivier Clément
- SABEDORIA QUE BROTA DO COTIDIANO - Viver a Regra de S. Bento hoje - Joan Chittister, osb
- ENSINAMENTOS DE UM ABADE - D. Abade Joaquim de Arruda Zamith, osb
- LECTIO DIVINA, ONTEM E HOJE - Guigo II, Cartuxo, Enzo Bianchi, Giorgio Giurisato, Albert Vinnel - 3ª ed. aumentada
- OS MÍSTICOS CISTERCIENSES DO SÉCULO XII - Org. D. Bernardo Bonowitz, ocso
- APTO A GANHAR AS ALMAS - Direção espiritual no contexto monástico - 2ª ed. revista e aumentada - D. Bernardo Bonowitz, ocso
- A GLÓRIA DE DEUS É O HOMEM VIVO - Pe. Leonardo Meu-

lenberg
- CONFERÊNCIAS 8 a 15 - Vol. II - João Cassiano
- AMIZADES TRANSFIGURADAS - Pe. Bernardo Olivera, ocso
- NA PRESENÇA DE SEU POVO REUNIDO - Dom Bernardo Bonowitz, ocso
- ORAÇÃO E COMUNIDADE NA TRADIÇÃO BENEDITINA - Columba Stewart, osb
- OS OBLATOS SECULARES NA FAMÍLIA BENEDITINA - D. Jean Guilmard, osb, D. Estêvão T. Bettencourt, osb, D. Gabriel M. Brasó, osb
- CONFERÊNCIAS 16 a 24 - Vol. III - João Cassiano
- A FÉ NA CRIAÇÃO E O PROJETO DO MUNDO MODERNO - Pe. Leonardo Meulenberg
- A PAZ BENEDITINA DOM E DESAFIO NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO - X EMLA - Bilíngue
- A ACUSAÇÃO A SI MESMO SEGUNDO SÃO DOROTEU DE GAZA - Alvimar Eustáquio Barcelos Fagundes
- SILÊNCIO DA CARTUXA - D. A. Guillerand
- UM MONGE FALA SOBRE O DÍZIMO - D. Bernardo Bonowitz, ocso
- VIVER COM SÃO BENTO AO LONGO DO ANO, INCENTIVOS BENEDITINOS - Johanna Domek, osb
- VIDA E MILAGRES DE SÃO BENTO - Segundo Livro dos Diálogos de São Gregório Magno - 6ª edição revista
- A REGRA DE SÃO BENTO APLICADA À VIDA DE SEUS OBLATOS E OBLATAS - Ivone Faria (Ir. Joana Evangelista Obl. osb) - 2ª edição
- MONAQUISMO E MÍSTICA - Divo Barsotti
- UMA LECTIO DIVINA, NA BÍBLIA, NA HISTÓRIA DE ISRAEL, NA LITURGIA - Ir. Paula Iglésias, OSB - 3ª ed. aumentada
- A COMUNHÃO DE AMOR - Pe. Matta el-Maskîne

- TESTEMUNHAS DA IGREJA ANTIGA: UMA FONTE DE INSPIRAÇÃO - Pe. Leonardo Meulenberg
- TRATADO SOBRE A ORAÇÃO - Tertuliano, São Cipriano, Orígenes - 3ª edição
- CONFERÊNCIAS 1 a 7 - Vol. I - João Cassiano

ASSINE A
REVISTA BENEDITINA®
REVISTA TRIMESTRAL DE ESPIRITUALIDADE MONÁSTICA

Solicite o nosso catálogo e receba maiores informações
sobre nossos lançamentos

EDIÇÕES SUBIACO®
MOSTEIRO DA SANTA CRUZ

RUA PROF. COELHO E SOUZA, 95 - 36016-110 – JUIZ DE FORA - MG
FONE: (32) 3216-2814 - FAX: (32) 3215-8738
e-mail: publicacoesmonasticas@yahoo.com.br

Editoração, impressão e acabamento
Mosteiro da Santa Cruz
– junho de 2011 –
Rua Prof. Coelho e Souza, 95
36016-110 – Juiz de Fora – MG – Brasil
Fone: (32) 3216-2814 - Fax: (32) 3215-8738
e-mail: publicacoesmonasticas@yahoo.com.br